



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA UFJF/UFV

Fabiana Duarte e Silva

**MEMÓRIAS DE ATENAH:
Trajetórias de Mulheres Brasileiras na Corrida de Aventura**

Juiz de Fora

2018

Fabiana Duarte e Silva

MEMÓRIAS DE ATENAH:

Trajetórias de Mulheres Brasileiras na Corrida de Aventura

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física. Área de concentração: Estudos do Esporte e suas Manifestações.

Orientadora: Profa. Dra. Ludmila Nunes Mourão

Juiz de Fora

2018

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
Automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Fabiana Duarte e.

Memórias de Atenah : Trajetórias de mulheres brasileiras na
corrida de aventura / Fabiana Duarte e Silva. -- 2018.

161 f. : il.

Orientadora: Ludmila Nunes Mourão

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Juiz de Fora, Universidade Federal de Viçosa, Faculdade de
Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Educação Física,
2018.

1. Corrida de aventura. 2. Gênero. 3. Trajetória. 4. Mulheres. 5.
Transgressão. I. Mourão, Ludmila Nunes, orient. II. Título.

Fabiana Duarte e Silva

**MEMÓRIAS DE ATENAH:
Trajetórias de Mulheres Brasileiras na Corrida de Aventura**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Física. Área de concentração: Estudo do Esporte e suas Manifestações.

Aprovada em ____ de _____ de 2018, pela Banca Examinadora composta por:

Professora Dra. Marília Martins Bandeira
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Professora Dra. Gisele Maria Schwartz
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Professora Dra. Ludmila Nunes Mourão (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

“Dedico minhas lembranças a todas as mulheres de fibra: sportistas, trabalhadoras e mães. A nossa essência tem um poder que está além das estatísticas, da ciência e da fisiologia do corpo humano [...] Conseguimos enquanto mulher ampliar nossas fronteiras”.

Cristina Carvalho

AGRADECIMENTOS

Em agosto de 2016, iniciei o mestrado carregando no ventre meu filho Lorenzo, hoje com dois anos. Na ocasião, minha aflição era se conseguiria “dar conta”. Dar conta de ser mulher, mãe, pesquisadora, atleta e profissional, tudo ao mesmo tempo. Dar conta de, numa sociedade patriarcal, ser uma mãe dedicada, a ponto de garantir o cuidado e suprir as necessidades de um bebê, como se isso fosse a única e mais importante tarefa de uma mulher na virtude da maternidade. Confesso que não foi fácil... Foram muitas aulas em que estive presente, mas com o pensamento em casa; horas ordenando o leite materno para que o pai pudesse oferecer na mamadeira enquanto estivesse fora... Foram muitas aulas com o bebê na universidade e uma viagem para um congresso em Florianópolis com o Lorenzo – que se comportou muito bem nas palestras e dormiu no colo da orientadora durante a apresentação do meu trabalho. Foram muitas madrugadas estudando e muitas manhãs acordando bem cedo para treinar... Sim, treinar, pois não abri mão de ser esportista.

Hoje suspiro, aliviada, com a certeza de que sim, dei conta! Nós mulheres somos capazes de realizar e ser muitas coisas. Limitações e rótulos não nos definem. Mas, essa vitória não seria possível sem a ajuda de várias mulheres que fazem parte da minha vida. A primeira delas, a grande mãe Vera (*in memorian*), que sempre foi minha referência de mulher guerreira, trabalhadora, que viveu para dar o melhor em termos de valores éticos e educação de qualidade e sempre nos ensinou, a mim e minhas duas irmãs, que com o estudo seríamos alguém na vida e não precisaríamos depender de outrem. Minhas irmãs Flávia e Fernanda, que sempre me encorajaram e me deram suporte e apoio nas horas mais difíceis, comemorando minhas conquistas e fazendo com que eu acreditasse em mim mesma, no meu potencial e nas minhas escolhas. Às minhas irmãs de coração, Jéssica e Nicole, e sua mãe Elaine, amigas sempre presentes, agradeço pelo carinho que sempre demonstraram por mim e por meu filho, e estiveram sempre disponíveis para ajudar. Minha sogra Maria Lúcia, que fez da casa da vovó um lugar de muito carinho.

Também quero agradecer aos amigos e amigas do grupo GEFISS, que em muito contribuíram com discussões e sugestões para que este trabalho se tornasse realidade. Às professoras e professores do PPGFaefid, em especial à orientadora Ludmila Mourão, que com muita serenidade e paciência me guiou pelos caminhos da pesquisa e soube, como ninguém, entender e respeitar meu momento.

Finalmente, não poderia deixar de agradecer aos homens da minha vida. Meu esposo Rodrigo, companheiro de longa caminhada e sempre presente em cada derrota e vitória. Essa

é mais uma vitória nossa, meu amor... E meu pequeno Lorenzo, que mesmo antes de sair do ventre, já foi responsável pela maior aventura da minha vida, que é ser mãe. A maternidade fez-me experimentar o amor imensurável e incondicional, fez-me menos egoísta e sabida de que agora existe uma vida que depende de mim. Fez-me pensar um pouco mais antes de tomar qualquer decisão... Lorenzo, que em cada olhar, em cada sorriso, me faz ter certeza que todo esforço valeu a pena.

“Quem não se movimenta, não sente as correntes que o (a) aprisionam”.

Rosa Luxemburgo

RESUMO

Esta pesquisa investigou a trajetória de vida esportiva das atletas da equipe de corrida de aventura (CA) Atenah, única equipe brasileira formada exclusivamente por mulheres, a qual competiu no período de 2000 a 2007. A CA pode ser definida como uma competição multiesportiva, na qual participam equipes formadas, na maioria dos eventos, por mulheres e homens, sendo exigido por regra ao menos uma pessoa de gênero distinto dos demais membros de sua equipe. A CA combina diferentes modalidades esportivas tais como *mountain bike*, *trekking*, canoagem, técnicas verticais e orientação cartográfica e exige dos(as) atletas resistência física e psíquica, pois as competições são de longa duração e se desenvolvem em ambientes selvagens. A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevista semiestruturada com as atletas da equipe Atenah, na qual foi possível verificar a transgressão da norma, uma vez que a CA é comumente dominada por homens. Foi possível observar que as atletas utilizam estratégias de “subversão” e “conservação”, segundo a concepção de Bordieu, e constituem “agências”, de acordo com teorização de Dworkin e Messner. O fato de organizarem uma equipe exclusivamente de mulheres pode ser entendido como “estratégia de subversão” ou a constituição de “agência resistente”. Porém, paradoxalmente, as atletas da Atenah também utilizaram “estratégias de conservação” para se manterem no esporte, configurando, assim, “agência reprodutiva”. Também foi possível concluir que o apoio e incentivo da família foi fundamental para o sucesso das atletas no esporte. A análise dos motivos que levaram ao fim da equipe sugere que o engajamento das mulheres na corrida de aventura pode ser ameaçado pelas instituições do matrimônio e da maternidade.

Palavras chave: Corrida de Aventura. Gênero. Trajetória. Mulheres. Transgressão.

ABSTRACT

This research investigated the athletic life trajectory of athletes of the adventure racing (AR) team Atenah, the only Brazilian team formed exclusively by women, that competed from the year 2000 to 2007. The AR can be defined as a multisport competition in which teams formed, in most events, by women and men, with the requirement of the rule being at least one person of a gender other than the other members of their team. The AR combines different sporting modalities such as mountain biking, trekking, canoeing, vertical techniques and orienteering and demands of the athletes, physical and psychic resistance, because the competitions are long lasting and develop in wild environments. Field research was conducted through a semi-structured interview with the Atenah team, in which it was possible to verify the norm's transgression, in a sport commonly dominated by men. It was possible to observe that the athletes use strategies of "subversion" and "conservation", according to Bordieu's conception and constitute "agencies", according to Dworkin and Messner's theorizing. The fact that they organize a team exclusively for women can be understood as a "subversion strategy" or the constitution of "resistant agency". However, paradoxically, Athena's athletes also used "conservation strategies" to stay in sports, thus forming "reproductive agency." It was also possible to conclude that the support and encouragement of the family was fundamental to the success of the athletes in the sport. Analysis of the reasons for the end of the team suggests that women's engagement in the adventure race may be threatened by the institutions of marriage and motherhood.

Keywords: Adventure Race. Gender. Trajectory. Women. Transgression.

SUMÁRIO

BRIEFING DE LARGADA	12
I Trajetória e identificação com o tema de pesquisa	12
II Identificação do problema de pesquisa	15
III Objetivos e justificativa	20
IV Estrutura do texto	21
1 LARGADA	22
1.1 DISCUSSÃO TERMINOLÓGICA.....	22
1.2 CORRIDA DE AVENTURA.....	25
1.2.1 As provas de Corrida de Aventura	29
1.2.2 As modalidades	33
1.2.2.1 <i>Mountain bike</i>	33
1.2.2.2 <i>Trekking</i>	34
1.2.2.3 Canoagem.....	34
1.2.2.4 Técnicas verticais.....	35
1.2.2.5 Orientação Cartográfica.....	36
1.2.3 As equipes	38
1.3 MULHERES E ESPORTES DE AVENTURA.....	40
1.3.1 Estratégias de participação e agências utilizadas pelas atletas de esportes de aventura	43
1.3.2 Diferentes formas de participação das mulheres nos esportes de aventura	44
1.3.3 Ecofeminismo	46
2 CAMINHOS INVESTIGATIVOS E ORIENTAÇÃO	48
3 CUIDADO: MULHERES NA TRILHA	51
3.1 A EQUIPE ATENAH.....	51
3.2 AS ATLETAS DA EQUIPE ATENAH.....	53
3.3 PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE DEUSAS.....	54
3.4 AS EXPERIÊNCIAS ESPORTIVAS NA INFÂNCIA E JUVENTUDE.....	55
3.5 INSERÇÃO NA CORRIDA DE AVENTURA.....	57
3.6 SURGIMENTO/FORMAÇÃO DA EQUIPE ATENAH.....	61
3.7 MEMÓRIAS DE ATENAH: TRAJETÓRIAS E GLÓRIAS.....	63
3.7.1 Dificuldades enfrentadas no esporte e estratégias utilizadas para superá-las..	63
3.8 DISPERSÃO DA EQUIPE: É O FIM DA AVENTURA?.....	72
3.8.1 “Porque a gente cresceu”: motivos que levaram ao fim da Atenah	72
3.8.2 “Espírito independente”: o que garante a permanência das mulheres na Corrida de Aventura?	73
3.8.3 Aventura como estilo de vida	74
3.8.4 Recado das mulheres da Atenah: o legado da Corrida de Aventura	75

4 CHEGADA.....	77
REFERÊNCIAS.....	80
ANEXOS e APÊNDICES	87

BRIEFING DE LARGADA

Esta pesquisa propõe investigar a trajetória de vida esportiva das atletas brasileiras de corrida de aventura (CA), integrantes da equipe Atenah, única equipe na qual a formação foi exclusivamente composta por mulheres, que se tem notícia. A CA pode ser definida como uma competição multiesportiva em que participam equipes formadas, obrigatoriamente¹, por mulheres e homens, com o objetivo de percorrer longas distâncias em diferentes modalidades esportivas tais como *mountain biking*², *trekking*³, canoagem, técnicas verticais e orientação cartográfica⁴, no menor tempo possível, exigindo o máximo de suas resistências física e psíquica, por comumente se passar em locais selvagens (TOGUMI, 2017).

A corrida de aventura (CA) ainda é um esporte pouco conhecido e pouco divulgado pela mídia. Talvez isto ocorra, por se tratar de um esporte de logística complexa, com provas de longa duração, e acontecer em ambientes inóspitos.

I Trajetória e identificação com o tema de pesquisa

Para introduzir o (a) leitor (a) nessa aventura, resolvi seguir um princípio de Michel Foucault (1970), o qual acreditou que a autoria configura-se como um importante procedimento de delineamento do discurso. Autor (a), não entendido (a) como indivíduo falante que pronuncia o discurso ou escreve um texto, mas como princípio de agrupamento do discurso, como unidade de origem de suas significações e foco de sua coerência (FOUCAULT, 2014). Segundo Michel Foucault (1970), desde a Idade Média, na ordem do discurso científico, a atribuição a um autor era indispensável.

Pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome, pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas

¹ Uma das regras mais polêmicas das corridas de aventura é que o quarteto, principal categoria competitiva, deve ser formado por atletas de ambos os sexos.

² O *mountain biking* (MTB) é uma das modalidades do ciclismo, praticada em estradas de terra, trilhas e montanhas, com bicicleta apropriada. Dentre as modalidades disputadas, o *cross-country* (XC) é um dos eventos mais populares. As competições são realizadas em circuito fechado, com trechos estreitos e sinuosos, e/ou estradas abertas, geralmente com a presença de erosões, pedras, cascalhos, troncos, árvores e travessia em trechos com lama (PFEIFFER; KRONISH, 1995).

³ O *trekking* pode ser considerado uma caminhada em ambientes naturais (florestas, montanhas, cerrados, rios, trilhas). Pode ser praticado em diversos formatos: individualmente, em grupo, de forma organizada, com orientação por mapa e bússola, competitivamente entre outros (BITENCOURT; AMORIN, 2006).

⁴ Técnica de orientação por mapa (que, no caso, é uma carta topográfica de uma determinada área geográfica) e bússola. Tal técnica é muito utilizada pelo exército brasileiro, o qual, inclusive, promove competições de orientação, nas quais o atleta precisa passar por pontos de controle predeterminados e assinalados no mapa (fornecido pela organização). Vence o atleta que passar por todos os pontos, no menor tempo possível.

experiências vividas, com a história real que os viu nascer. O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real (FOUCAULT, 2014, p. 26).

Portanto, apresento os temas principais que inspiraram esta investigação, os quais surgiram da minha aproximação com a prática de esportes de aventura. Em 2002, comprei minha primeira bicicleta e acabei pegando gosto pela prática do *mountain biking*, também por influência do meu esposo – namorado na época.

A partir de então, me dediquei à prática do esporte, sempre conciliando trabalho e estudo com a vida de desportista amadora, treinando diariamente, participando de cicloturismo e competições locais. Conquistei alguns pódios, como na Copa Tradição Mineira e na Copa Juiz de Fora de *Mountain Bike*. Nesta última, fui campeã na categoria feminina por duas temporadas consecutivas, sendo a única participante dessa categoria. No período de 2002 a 2009, havia poucas mulheres competindo *mountain biking*. Além de Roberta Stopa⁵, que já era profissional na ocasião, na maioria das provas da cidade só ela e eu participávamos na categoria feminina.

Em 2006, comecei a me interessar também por outros esportes de montanha, por influência de colegas do curso de Educação Física, como o *trekking* e a escalada em rocha; participei de pequenas e longas travessias em grupo e me aperfeiçoei em técnicas de montanhismo por meio de cursos de guia de cordada⁶ e orientação cartográfica. Também comecei a correr a fim de melhorar meu condicionamento aeróbio, por conseguinte, participei de algumas provas do Ranking de Corridas Rústicas de Juiz de Fora.

Em 2008, comecei a participar de provas de resistência, como a meia-maratona e o duatlo⁷, incentivada pelos grupos de corrida das academias onde trabalhei no setor de musculação, já como Profissional de Educação Física. Nesse mesmo ano, fui convidada pelo atleta Marco Farinazzo a participar de uma prova teste para integrar o quarteto misto da equipe *Armadda Adventure Team*, de Petrópolis (RJ), de corrida de aventura. Marco é um atleta do exército, o qual competia profissionalmente em provas de corrida de orientação e participava de CA de forma amadora. Posteriormente, dedicou-se às ultramaratonas, nas quais foi destaque internacional em 2009, com participações em provas internacionais.

⁵ Atleta natural de juiz de Fora, Minas Gerais, que iniciou sua carreira esportiva no ano de 1994 e se tornou referência nacional nas modalidades do *Mountain Bike*, acumulando várias conquistas e títulos, se especializando no *Mountain Bike cross-country* (XC), onde representou o país em competições internacionais, incluindo Jogos Panamericanos e Campeonato Mundial.

⁶ O curso de guia de cordada tem como objetivo ensinar as técnicas de escalada, como técnicas de segurança, conhecimento sobre os equipamentos, confecção de nós, ética em escalada etc.

⁷ Duatlo é uma competição que envolve as modalidades de corrida e ciclismo, ou corrida de montanha e *mountain biking*.

Nessa prova teste, para a qual fui convidada em 2008, a referida equipe levou mais duas mulheres, implicitamente, com o intuito de escolher a que apresentasse melhor desempenho para continuar competindo com a equipe. Fui “selecionada” e, desde então, participei das principais provas nacionais, incluindo a *Ecomotion Pro*, prova que valeu como final do campeonato mundial de CA, em 2008. Porém, a equipe *Armadda* parou de competir em 2010 por falta de investimento e por problemas de contusões do capitão da equipe, o petropolitano Marcos Fernandes.

Entretanto, continuei treinando e participando de provas individuais de corrida, *mountain bike*, duatlo e *multisports*⁸. Foi na ocasião de minha participação, em 2010, na prova *Multisport Brazil*, em Florianópolis, na qual fui vice-campeã pela categoria elite, que abri as portas para uma nova oportunidade: no retorno da ilha catarinense, ainda no aeroporto, comprei a revista especializada em esportes de aventura, a *Go Outside*⁹, e lá havia uma reportagem dizendo que a equipe de corrida de Aventura “Quasar Lontra”, de São Paulo, uma das principais e mais antigas do país, estava a procura de uma integrante mulher, já que a atleta que competia com a equipe se afastaria do país para fazer doutorado. Foi então que decidi fazer contato com a equipe por *e-mail*, apresentando meu histórico esportivo e me oferecendo para competir com a mesma. Assim o fiz e, para a minha surpresa, recebi um convite do capitão da equipe, Rafael Campos, para participar da *Haka Expedition*¹⁰, que aconteceria em São Luiz do Paraitinga, no estado de São Paulo, no intervalo de um mês. Aceitei o convite e me dirigi até o interior de São Paulo, onde fizemos uma prova, inesquecível para mim, que era admiradora da “Quasar Lontra”. Conquistamos a primeira colocação da prova, o que me rendeu notoriedade no cenário nacional da CA e abriu oportunidades de receber novos convites de outras equipes importantes, como “Lobo Guará (SP)”, “Competition Aroeira (SP)”, “Terra de Gigantes (RJ)”, “Brou Aventuras (MG)”, “Lagartixa (RS)”, “Oskalunga (DF)”, entre outras.

Sendo assim, desde 2008 venho integrando diversas equipes de renome nacional e participando de provas do Ranking Brasileiro de Corridas de Aventura (RBCA)¹¹. Tenho

⁸ No Brasil, configuraram-se como “*Multisport*” as competições multiesportivas que reúnem as modalidades de corrida, ciclismo ou *mountain biking* e canoagem. Em provas *multisport*, não há orientação cartográfica, como na corrida de aventura e geralmente são disputadas individualmente.

⁹ Revista nacional de tiragem mensal, da editora *Rocky Mountain* que traz temas ligados aos esportes de aventura e atividades ao ar livre.

¹⁰ Edição Expedicionária (aproximadamente 200km ou mais de um dia de prova) do maior circuito de corrida de aventura do estado de São Paulo, o circuito Haka Race. Mais informações: <www.hakarace.com>.

¹¹ Criado em 2004, pelo publicitário Wladimir Togumi e o Atleta Erich Aby Zayan, o RBCA nasceu com intuito de padronizar e gerar qualidade nas provas nacionais. “Também aumenta a competitividade entre as equipes”. Disponível em: <www.rbca.com.br>.

também participado de provas do *Adventure Race World Series (ARWS)*¹² e do *Circuito Latinoamericano de Carreras de Aventura (CLCA)*, neste último, integrando a equipe brasileira “*Oskalunga Multisport*”, com a qual consagrei-me vice-campeã em 2014.

Em 2015, com a inserção no grupo de pesquisa Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS), tive a oportunidade de entrar em contato com os estudos feministas e de gênero, o que me motivou ainda mais a estudar sobre a corrida de aventura e permitiu dedicar-me com mais foco ao meu objeto de pesquisa. Em agosto de 2016, ingressei no mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em associação com a Universidade Federal de Viçosa – UFJF/UFV, na linha de pesquisa do “esporte e suas manifestações”, sob orientação da professora Ludmila Mourão, a qual norteou minha investigação para o campo das mulheres na corrida de aventura.

É interessante destacar que, ao longo de minha trajetória esportiva, na maioria de minhas participações nos esportes de aventura, seja em competições, treinos ou passeios, eu era uma das poucas, senão a única mulher. Já na corrida de aventura, pude perceber que as mulheres precisam ultrapassar inúmeras barreiras para se fazerem presentes, especialmente, aquelas consideradas pioneiras no esporte. O que mais me chamou a atenção é que essas barreiras vão além dos aspectos financeiro, logístico, da preparação física e da disponibilidade de tempo para os treinos, que a maioria dos (as) atletas enfrenta. As dificuldades das mulheres normalmente ultrapassam a esfera esportiva e se relacionam com aspectos sociais, como, por exemplo, ter que negociar com familiares e demais grupos afetivos a participação nas competições; aguardar o convite de um capitão de equipe – homens, na maioria das vezes – para competir; e provar que estão em boa *performance*, já que as equipes dão preferência para as mulheres mais treinadas.

Após essa apresentação inicial, exponho em seguida as inquietações geradoras deste estudo.

II Identificação do problema de pesquisa

A CA é praticada em equipes de duas ou quatro pessoas. No quarteto misto, em que há a obrigatoriedade de pelo menos um homem e uma mulher, a configuração constituída por três homens e uma mulher é a formação mais tradicional nas principais competições do Brasil e do mundo. Não é sabido o motivo dessa peculiaridade na formação das equipes, mas sabe-se

¹² “The Adventure Racing (AR) World Series unites in competition the worlds best endurance athletes at premiere Qualifier events around the globe. The top two teams at each of these races gain a coveted position on the start line of the annual pinnacle of the sport, the AR World Championship”. Disponível em: <<http://arworldseries.com>>.

que essa regra é uma característica que prevalece desde o surgimento do esporte.

É importante destacar que, neste trabalho, me refiro a “gênero”, como um constructo cultural, ou seja, a “construção social do sexo”, o qual constitui a identidade da pessoa (GOELLNER, 2013). Ao me referir a “sexo”, quero dizer o sexo biológico. Essa distinção se faz necessária por ser possível perceber nas fichas que os (as) atletas preenchem para participar das competições de CA, a tradicional lacuna binária de preenchimento para “sexo” (masculino ou feminino), demonstrando que as entidades organizadoras ainda possuem uma visão normativa, negligenciando a pluralidade de gêneros existentes. Também é importante ressaltar que não encontrei registro ou relato de atletas transgêneros e/ou transexuais na corrida de aventura. “Gênero” também é aqui entendido como categoria analítica. A categoria “gênero” contribuiu para a análise da Educação Física como um espaço político e, conseqüentemente, lugar de resistência e transformação das relações de gênero (HALL, 2005).

Outro ponto importante a ser considerado é que nos regulamentos da maioria das competições não há detalhamento sobre a composição dos quartetos, apenas a menção de “quarteto misto”. É como um acordo tácito entre organizador (es) e atletas, os quais entendem que deve haver homem e mulher.

Joanne Kay e Suzanne Laberge (2004) examinaram as relações de gênero na *Endurance-based Adventure Racing*, que é uma corrida de aventura sem paradas, com vários dias de disputa entre equipes mistas compostas por quatro integrantes. Nesse estudo, foi discutido como a mulher na CA é valorizada por suas “habilidades de equipe”, a qual, na verdade, representa papéis estereotipados de “cuidadora”, dando suporte emocional aos outros membros do time, ou seja, papéis que podem ser considerados coadjuvantes. As autoras encontraram nos discursos das equipes a percepção da mulher como um “equipamento obrigatório” – o que pode ser explicado pela regra que exige que as equipes sejam mistas de gênero – e que, embora os participantes, em seus discursos, reconheçam as mulheres como membros importantes da equipe, também as enquadram como seu elo mais fraco (KAY; LABERGE, 2004).

Gisele Schwartz, Juliana Figueiredo, Leonardo Pereira, Danielle Christofolletti e Viviane Dias (2013), em estudo que investigou a aceitação por parte dos homens, bem como possíveis atitudes e condutas preconceituosas referentes à presença feminina nos esportes de aventura, não encontraram nos discursos das atletas de CA, percepção de desvalorização quanto à inserção da mulher nessa modalidade esportiva. Porém, esses autores destacaram a exigência da presença feminina na equipe, tomando-as como “peças-chave” no esporte, o que

pode ter contribuído para a forma positiva como as mulheres se percebem em suas equipes.

Nesse esporte dominado por homens, uma equipe chamou a atenção do Brasil e do mundo: a equipe Atenah – nome inspirado na deusa grega da sabedoria. Trata-se de uma equipe formada exclusivamente por mulheres que competiu do ano 2000 a 2007, e será retratada nesta pesquisa.

Essa equipe superou todas as expectativas, pois, em um período curto de tempo, ganhou espaço nos cenários nacional e internacional, normalmente dominado por homens. Segundo Cristina Carvalho (*in memoriam*), integrante da Atenah, tal sucesso se deu em virtude de algumas características da equipe como ousadia, estratégia, criatividade e competência (CARVALHO, 2011).

Nesse contexto, o que tem despertado meu interesse maior é a participação de poucas mulheres na CA e as barreiras enfrentadas por elas. Questões como: quem são as mulheres que participaram da Equipe Atenah? O que levou essas mulheres a buscarem a CA como prática esportiva? Por que resolveram criar uma equipe só de mulheres? Qual a relação delas com o esporte na infância e juventude? Qual a trajetória delas na CA?

Este estudo visa dar visibilidade às mulheres, nesse caso, às integrantes da equipe Atenah, que subverteram a ordem e fizeram história na Corrida de Aventura, assim como outras mulheres fizeram história em outras modalidades esportivas. Os estudos feministas e de gênero contribuem para desconstruir o chamado determinismo biológico, que em muito dificultou a prática de esportes por parte das mulheres, privou crianças e, conseqüentemente, jovens e adultos da prática de determinadas atividades, justificando – com base em questões anátomo-fisiológicas – que algumas modalidades esportivas são mais apropriadas para os meninos e outras para as meninas (GOELLNER, 2013). Em suma, ao romper com os binarismos, os estudos denominados de feministas e de gênero questionam a universalização da categoria “mulher” (e “homem”), ou seja, derrubam a normatização de comportamentos, destacando as pluralidades de vivenciarmos masculinidades e feminilidades (GOELLNER, 2013). Dessa forma, esses estudos podem contribuir para a desconstrução de discursos de exclusão, nesse caso, no campo do esporte e da Educação Física.

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância [...]. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente

aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2014, p. 9-10).

Para maior compreensão do objeto de pesquisa proposto neste estudo, faz-se necessária a contextualização das mulheres nos esportes ao longo da história, o que não se apresenta como tarefa fácil, visto os processos de invisibilidade que permeiam suas trajetórias, refletindo em reduzido material historiográfico. De acordo com Silvana Goellner (2007):

Pensando no que comumente tem sido denominado de “história das mulheres” é possível vislumbrar um horizonte pleno de multiplicidades, de interpretações, de olhares, de formas de narrar suas trajetórias, histórias de vida, biografias, ações políticas, culturais, esportivas, entre outras. Essa multiplicidade advém tanto das configurações teóricas e metodológicas adotadas pelos (as) historiadores (as), quanto das questões afetas à compreensão que se tem acerca do objeto específico de investigação, ou seja, sobre as próprias mulheres (GOELLNER, 2007, p. 15).

Silvana Goellner (2007) destaca, ainda, a importância da interdisciplinaridade, pois a partir do momento em que a história passa a dialogar com a literatura, com os estudos de gênero e com as epistemologias feministas, são favorecidas discussões no sentido de conferir visibilidade às mulheres como sujeitos históricos. Dessa forma, ainda segundo a autora, é pertinente falar em “histórias” e em “mulheres”, já que não deve existir um só fazer historiográfico, assim como há diversas formas de escrever sobre as mulheres.

No Brasil, o empoderamento das mulheres nos esportes tem marcos iniciais com os estudos feministas e de gênero, no final dos anos 1970 e início da década de 1980. Ainda assim, a luta das mulheres brasileiras para conquistar espaços político, econômico e social perdura até os dias atuais.

Segundo a pesquisa documental realizada por Fúlvia Rosemberg (1990), desde o tempo do Império, há restrições de prática de atividades físicas às mulheres, evidenciada por meio do “Tratado de educação física-moral dos meninos” (1828), no qual é possível perceber que não há menção sobre meninas. Segundo Ludmila Mourão (1998), o processo de inserção das mulheres nas atividades físico-desportivas no Brasil, se iniciou no começo do século XX de forma sutil, em meio a suaves modificações das ideias e representações em cada momento histórico.

De acordo com Luciana Abdalad e Vera Costa (2009), a primeira participação de uma

mulher em provas olímpicas aconteceu em 1896, com a corredora Stamati Revithi, a qual competiu de forma extraoficial na maratona. Em 1900, nos Jogos Olímpicos de Paris, onze mulheres participaram nas modalidades de golfe e tênis. Já em 1932, Maria Lenk, nadadora paulista de 17 anos, embarcou para Los Angeles integrando a Delegação Olímpica Brasileira, representando a primeira sul-americana a participar de uma Olimpíada.

Em 1930, o movimento de eugenia da raça, que concebia a prática de exercícios físicos como instrumento para formar mulheres mais fortes, necessárias para produzir uma sociedade eugênica, contribuiu para que aumentasse a participação das mulheres brasileiras nas práticas esportivas, culminando em melhor aceitação social com relação à presença feminina no universo esportivo. Entretanto, nessa época havia uma tensão entre o controle e a liberação de corpos e emoções (ABDALAD; COSTA, 2009). Outro fato relevante da participação das mulheres brasileiras no esporte foi a realização, em 1950, dos “Jogos da Primavera”. Tratou-se de uma Olimpíada organizada para reunir disputas esportivas entre as mulheres, que acabou por incentivar, no início dos anos 1950, a participação esportiva feminina em todo o Brasil. Esse evento teve apoio dos meios de comunicação e da sociedade (MOURÃO, 1998) e se espalhou em anos posteriores pelos estados brasileiros.

Entretanto, o fato que parece mais marcante nesse período na trajetória das mulheres no esporte no Brasil, citado por todos (as) autores (as) do tema, foi o decreto lei 3.199, de 1941, o qual proibiu a prática de algumas modalidades esportivas às mulheres como as lutas, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, *rugby*, halterofilismo e beisebol, decisão endurecida pela deliberação 7 de 1965. Em 1976, na CPI da Mulher, Maria Lenk e Iris de Carvalho recomendaram a eliminação dessa deliberação (ROSEMBERG, 1990). Mas, apenas em 1979 o decreto foi derrubado por ocasião do campeonato Sul-americano de judô, no qual meninas brasileiras conquistaram medalhas. Segundo Gabriela Souza e Ludmila Mourão (2011), esse evento corroborou de forma enfática para a abertura da prática de outros esportes, também proibidos pelo decreto de 1965, para as mulheres. Outro decreto polêmico foi a Lei 6.503, de 1977, a qual tornava facultativa a prática de Educação Física às alunas que tivessem prole (BRASIL, 1977).

Passaram os anos, mudaram as leis, mas a normatividade dos corpos permanece enraizada no fazer sociocultural. Segundo Antônio Carlos Simões *et al.* (2003), alguns estudos demonstram que os familiares incentivam os meninos ao esporte de forma diferente das meninas, encorajando-os aos esportes mais ativos e as meninas às modalidades mais expressivas.

O que observamos no esporte em geral é a figura do guerreiro representada pelo

homem, sinônimo de atividade, virilidade e força. À mulher, até bem pouco tempo no ocidente, era reservada uma figura mais passiva (BRANDÃO; CASAL, 2003). Segundo Richard Lippa (2010), comumente, o papel da mulher é associado à fraqueza e detalhes estéticos. Entretanto, as dificuldades vividas pelas mulheres, sob o domínio masculino no esporte, possibilitaram a elas a criação de estratégias para estruturar o ambiente esportivo com a finalidade de desenvolvimento de habilidades, entretenimento, sucesso e *status* social (SIMÕES *et al.*, 2003).

III Objetivos e justificativa

A partir dessas considerações iniciais, trago como objetivo para este estudo descrever as trajetórias esportivas das atletas de corrida de aventura, integrantes da equipe Atenah, analisando seus discursos sobre as formas de inserção, os desafios enfrentados na prática desse esporte e sua permanência por sete anos nas competições. Pesquisar as histórias de vida esportiva dessas mulheres aventureiras, as quais ousaram inovar em um esporte dominado por homens, apresenta-se como um instigante processo que pode trazer inúmeras reflexões às invisibilidades presentes nesse campo esportivo.

Algumas mulheres ao longo da história estão conseguindo superar barreiras culturalmente impostas para se introduzirem no campo dos esportes de aventura em diferentes modalidades (SCHWARTZ *et al.*, 2013). Porém, elas ainda são praticamente invisíveis nesse cenário e suas conquistas representam muito pouco perto dos desafios que ainda enfrentam.

Apesar de percebermos um aumento histórico na adesão das mulheres aos esportes de aventura, muitos autores observam que há razões importantes para examinarmos criticamente se as mulheres estão fazendo reais incursões nesses esportes. Becky Beal (1996), por exemplo, descreve como os jovens no *skate* enfatizavam as diferenças entre os homens e as mulheres como justificativa para criar diferentes papéis para elas, sendo estes papéis inferiores. Holly Thorpe (2005), discute que o progresso positivo das mulheres no *snowboard* é superficial, e que elas ainda são marginalizadas no meio.

Nesse sentido, a escassez de mulheres envolvidas nas corridas de aventura e a peculiaridade de sua participação nesse tipo de competição, representam a inquietação geradora deste estudo. Acredito que esta pesquisa possa favorecer discussões no sentido de ampliar os olhares sobre as diferenças de gênero, bem como tentar contribuir com o aumento de oportunidades e equidade de participação de mulheres na CA, além de valorização das mesmas.

IV Estrutura do texto

Para melhor situar o (a) leitor (a) nessa aventura, apresento os capítulos de desenvolvimento desta dissertação. Após a apresentação do tema da pesquisa, os objetivos e as motivações que a justificam, na introdução intitulada “*Briefing* de largada”, discutimos no primeiro capítulo, denominado “Largada”, um pouco sobre as diferenças terminológicas que existem no campo acadêmico dos esportes de aventura, para depois percorrermos as trilhas da Corrida de Aventura, situando o histórico da CA no Brasil e no mundo. E ainda, perpassamos a complexa dinâmica do esporte, desde a organização das provas e equipes, até os meandros vividos pelos(as) atletas durante as extenuantes competições. Finalmente, falamos acerca dos estudos sobre a participação das mulheres nos esportes de aventura.

O capítulo dois desta dissertação, denominado “Caminhos investigativos e Orientação”, traz os caminhos metodológicos percorridos para o alcance dos objetivos da pesquisa. O capítulo três, “Cuidado: mulheres na trilha”, apresenta a análise dos dados da pesquisa e as discussões. O capítulo quatro, denominado “Chegada”, traz as considerações finais para esta pesquisa. Por fim, apresento as referências que compuseram este estudo, o anexo, o qual contém o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e os apêndices, nos quais se encontram o instrumento de pesquisa – roteiro de entrevista – e as entrevistas transcritas.

1 LARGADA

1.1 DISCUSSÃO TERMINOLÓGICA

Conceituar e classificar as modalidades esportivas tratadas neste estudo não é uma tarefa fácil, e tem gerado algumas discussões no âmbito acadêmico.

Algumas dessas práticas costumam receber outras denominações, como esportes de risco, esportes alternativos e esportes extremos. [...] As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, como em corrida orientada, corrida de aventura, corridas de *mountain bike*, rapel, tirolesa, *arborismo* etc. (BRASIL, 2016, p. 176).

Os esportes de aventura desencadeiam sensações de risco e vertigem, exacerbações de emoções e, em muitos casos, acontecem em meio à natureza, ou seja, em um ambiente de instabilidade e em constante variação. Nesse sentido, a combinação de tais fatores sugere um diferencial dessas práticas em relação aos esportes convencionais (BRUHNS, 2003; MARINHO, 2008; SCHWARTZ, 2016). Se pensarmos no componente lúdico desse tipo de esporte, podemos remeter à classificação de jogo proposta por Roger Caillois (1990), o qual classifica os jogos humanos de acordo com a natureza social e seus elementos primordiais. Nessa perspectiva, as atividades de aventura na natureza estariam classificadas como jogos de “*Ilinx*”, cujas características são a busca da vertigem, instabilidade corporal, transe e afastamento súbito da realidade (CAILLOIS, 1990).

No Brasil, os estudiosos do tema propuseram diferentes terminologias, dentre elas: Atividades Físicas de Aventura na Natureza – AFAN, Aventura, Esportes de Aventura, Esportes de Risco, Esportes na Natureza, Esportes Radicais, Atividades de Aventura, Esportes Alternativos, Esportes Californianos (COSTA, 1999; MARINHO; BRUHNS, 2003; UVINHA, 2005; PIMENTEL, 2006; DIAS; MELO; ALVES JÚNIOR, 2007; MARINHO, 2008; ABDALAD; COSTA, 2009; SCHWARTZ *et al.*, 2013; BANDEIRA, 2016).

Na literatura acadêmica internacional que examina os esportes de aventura, também encontramos variadas denominações, como: *lifestyle*, *extreme*, *alternative*, *whiz*, *action-sports*, *panic sport*, *postmodern*, *post-industrial* e *new sports* (WHEATON, 2004). Apesar da diferença nas denominações, as semelhanças nas características de tais atividades esportivas se tornam evidentes nas discussões acadêmicas. Nessas práticas, em sua maioria individualizadas, estão incluídas uma grande variedade de atividades, desde *surf*, *skate*, *mountain bike*, *climbing*, *kaiaking*, *windsurfing* até as novas atividades emergentes como

B.A.S.E. *jumping*¹³, *kite-surfing* e *snowboarding* (WHEATON, 2004).

Ainda segundo Belinda Wheaton (2004), tais atividades esportivas ganharam espaço nos estudos acadêmicos em meados dos anos 1980 e, posteriormente em 1990, com a análise de Nancy Midol (1993) sobre o que ela denomina “movimento esportivo *whiz*” na França, que significa “novos esportes”. Midol e Broyer (1995) argumentam que o movimento desportivo desenvolvido em torno do *whiz sports* se constitui de novas formas desportivas e novas comunidades baseadas nelas.

Na América do Norte, foi adotada a ideia de “esporte alternativo” (RINEHART 1996, HUMPHREYS 1997; BEAL, 1995), embora o apelido “extremo” tenha prevalecido como um rótulo abrangente, particularmente no discurso da mídia popular (WHEATON, 2004). Nesse continente, comumente as pesquisas em esportes de aventura basearam-se em posições teóricas de Bourdieu e Foucault com foco em relações de poder, teorias pós-modernas e estudos sobre risco controlado. Entre os temas que foram examinados estão a comercialização, a mediação (mídias sociais, vídeos, filmes, canais especializados como ESPN, etc.), desenvolvimento de identidade e comunidades entre os participantes (SISJORD, 2013).

Neste trabalho, não pretendo dispensar tempo discutindo a melhor nomenclatura que defina tais práticas, visto que muitos autores já se dedicaram em caracterizá-las e situá-las na contemporaneidade. Considero, contudo, importante orientar o (a) leitor (a) sobre o *lócus* da presente pesquisa, ou seja, a Corrida de Aventura.

Adventure Race, ou Corrida de Aventura em sua tradução para a língua portuguesa, refere-se à competição, sistematicamente regulamentada, realizada em equipes, que, como anteriormente mencionado, reúne as modalidades de orientação cartográfica, *trekking*, *mountain bike*, canoagem e técnicas verticais em um só evento. Em algumas provas, eventualmente, pode haver alguma modalidade adicional, como cavalgada, mergulho, esqui, patinação etc. Na CA todos os atletas da equipe realizam todas as modalidades juntos (não há revezamento). Também é preciso destacar que, apesar da existência de diferentes tipos de provas em relação à duração e à distância, as regras das competições são organizadas em conformidade com as orientações das federações e confederações que seguem o padrão da *Adventure Race World Series* (ARWS), principal entidade desse esporte no mundo, e somam pontos para *rankings* estadual, nacional e/ou mundial.

Talvez a tradução de *Adventure Race* tenha ocorrido de forma errônea, já que o termo

¹³ A sigla B.A.S.E é um acrônimo, na língua inglesa, que representa as bases de onde o atleta pode saltar: *Building*, *Antenna*, *Span* e *Earth*, que na tradução para o português seriam: Prédio, Antena, Ponte e Penhasco.

race remete à competição, não à corrida, fato este que gera muita confusão, pois os leigos pensam se tratar de prova de corrida de montanha (*trail running*) ou ultramaratona. A grande mídia também, não raro, veicula outros esportes utilizando o nome da CA equivocadamente, como, por exemplo, o triatlo *cross-country* e a corrida de obstáculos.

A CA, portanto, se insere nas discussões sobre as modalidades esportivas realizadas na natureza e, sem dúvida, é um esporte competitivo, pois a competição é a única forma possível de vivenciar este esporte em sua plenitude, por ser uma modalidade complexa, com presença de vários elementos quase impossíveis de serem simulados de maneira sistemática num treinamento, como a construção do mapa, os postos de controle e a logística de troca de modalidades, conforme ocorrem durante a competição.

Na revisão de literatura, foi possível perceber que muitos estudos dão ênfase ao aspecto do lazer nas atividades ou esportes de aventura na natureza, deixando de lado o aspecto competitivo dessas atividades. Alcyane Marinho (2001), por exemplo, ao contextualizar a CA em um estudo sobre lazer, ignora sua interface com o desporto competitivo, mesmo que não convencional, negligenciando assim toda a riqueza de interpretação que este perfil de praticante possa oferecer para o campo de estudo desse fenômeno social. Nesse sentido, a autora oferece uma interpretação generalizante e até julgadora de tais praticantes de aventura na natureza, no caso, os atletas de corrida de aventura.

No caso das atividades esportivas em ambientes naturais, muitas vezes, a satisfação trazida por tais práticas relaciona-se a uma espécie de (pseudo) aventura, produzindo uma definição bastante reduzida da natureza. Esta, por sua vez, passa a ser encarada como um mero local de atividades, cujo propósito é limitado a servir às necessidades do praticante que procura por satisfação e prazer. [...] O conhecimento e a proteção ambiental, nesse contexto, parecem ser irrelevantes. Um exemplo pertinente a ser trazido para essa discussão são as “corridas de aventura”. Grupos de executivos, de atletas e de outros tipos de interessados envolvem-se em um jogo de representação de sobrevivência, redefinindo a natureza como um teatro no qual os indivíduos agem fora do habitual contexto cotidiano. A natureza, aparentemente, é reduzida a um cenário teatral, a um espetáculo no qual os protagonistas se empurram para além de seus limites físicos (MARINHO, 2001, p. 144-145).

Ao reduzir toda a complexidade do esporte a “[...] um jogo de representação de sobrevivência[...]” (MARINHO, 2001, p. 144), a autora menospreza toda a preparação física e psíquica dos (as) atletas. Também parece fazer um juízo de valor ao afirmar que os praticantes de CA diminuem a importância do ambiente de prática, no caso, a natureza, como

um mero “cenário teatral”. Assim como Vera Costa (2000), penso que a relação com a natureza numa mesma modalidade pode ser diversa: há quem se preocupe mais com sua própria *performance* do que com o impacto causado à natureza, por outro lado, há quem a admire e preserve, até mesmo para continuar desfrutando do que ela tem a oferecer. Ademais, o estudo de Cilene Lima Oliveira (2016), com praticantes de CA, demonstrou preocupação e respeito por parte dos atletas ao ambiente natural por onde se deslocavam.

Outro ponto importante a destacar é que o foco deste trabalho não é discutir se a prática de esportes de aventura advém da era chamada pós-moderna ou se é privilégio das classes sociais mais abastadas. A busca do ser humano pelo envolvimento com a natureza para práticas no contexto do lazer, do esporte ou do turismo, não é recente. Segundo Cleber Dias, Vitor Melo e Edmundo Alves Júnior (2007), os “esportes na natureza” na configuração de esportes modernos ou no simples hábito de contato com a natureza estão presentes e coexistem com outras manifestações do século XIX, por exemplo, as ciências naturais de campo, como a geologia, a sensibilidade romântica decorrente das consequências da urbanização, as preocupações ecológicas e os discursos ambientalistas de meados do século XX.

Em suma, na revisão de literatura, dentre as pesquisas qualitativas realizadas nesse campo, percebo que os debates acadêmicos mais polêmicos acerca de tais práticas permeiam seis vertentes principais: 1) Discussões acerca da terminologia que melhor as define; 2) Discussões acerca da posição histórica da adesão do ser humano às práticas (modernidade/pós-modernidade); 3) Discussão sobre esportivização/institucionalização das práticas, ou seja, se tais práticas permeiam o campo do lazer, esporte e/ou turismo; 4) Discussões sobre a motivação dos praticantes; 5) Discussões sobre o impacto ambiental e 6) Discussões de raça, classe e gênero dos praticantes.

1.2 CORRIDA DE AVENTURA

As corridas de aventura (CA) tiveram origem nos primeiros eventos multiesportivos de aventura, realizados na Nova Zelândia, em meados de 1980. As provas *Alpine Ironman* e, logo depois, a *Coast to Coast* – que acontece até os dias de hoje – reuniam as modalidades de canoagem, *mountain bike*/ciclismo e *trekking*, as quais se caracterizavam como provas individuais, realizadas em longas distâncias e percurso demarcado (TOGUMI, 2017).

Mas, foi em 1989 que o jornalista francês Gérard Fusil, com o objetivo de criar o maior evento de resistência do planeta, realizou uma corrida com experiências que lembraram

a era de exploração global. Ele criou o *Raid Galoises*, considerada a primeira corrida de aventura moderna. Fusil, com a ajuda de sua esposa Nelly, criou conceitos que hoje são características fundamentais na CA, como os postos de controle (PC), as áreas de transição (AT), a característica expedicionária e autossustentável, a obrigatoriedade de equipes mistas e a orientação (TOGUMI, 2017). Foi um conceito tão interessante que surgiram outras grandes corridas de aventura ou corridas de expedição, como também são conhecidas, com destaque para o *Eco-Challenge* e o *Adventure Race World Championship* (ARWC). Com o passar dos anos, as corridas de aventura de variadas distâncias e organizações se espalharam pelo mundo. Em 2001, os maiores eventos de CA do mundo se juntaram para formar o ARWS (*Adventure Race World Series*). Isso possibilitou às equipes se classificarem em um dos eventos mundiais e participarem da final anual, o ARWC, que a cada ano ocorre em uma região do mundo (ARWS, 2016).

No Brasil, as corridas de aventura foram introduzidas pelo empresário paulista Alexandre Freitas, o qual, em 1997, participou de uma corrida de aventura denominada *Southern Traverse*, na Nova Zelândia, e se apaixonou pelo esporte. No ano seguinte, Alexandre organizou a primeira corrida de aventura do Brasil, a Expedição Mata Atlântica (EMA), no estado de São Paulo. A EMA contou com um percurso de aproximadamente 220 quilômetros, com largada na cidade de Paraibuna e chegada em Ilhabela. Participaram dessa prova 33 equipes, organizadas em trios. Alexandre Freitas também criou a Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura (SBCA), primeira entidade do esporte no país, a qual foi responsável pela organização da EMA até o ano de 2002, quando Freitas, infelizmente, ficou com graves sequelas, devido a uma infecção causada por um parasita endêmico da região das Ilhas Fiji, onde participara de uma etapa da prova *Eco-Challenge* (TOGUMI, 2017). A SBCA tinha como objetivo fomentar o crescimento da CA no Brasil, e também foi responsável pela criação do Circuito Brasileiro de Corridas de Aventura (CBCA), com o intuito de aumentar o número de participantes no esporte e melhorar o nível técnico das equipes (FERREIRA, 2003). Segundo Luiz Fabiano Ferreira (2003), o perfil dos participantes da primeira CA realizada no Brasil era de atletas de outras modalidades de *endurance*, como o triatlo e o ciclismo, ou de praticantes de outros esportes *outdoors* como o montanhismo e a escalada em rocha.

O esporte começou a ganhar a mídia no Brasil no final de 1999 e início do ano 2000, quando surgiram no cenário nacional outras provas, com menor duração, também chamadas de “provas de final de semana”, como o Circuito EcoAventura, Circuito Brasileiro de Corridas de Aventura (CBCA), Odisseia Pernambuco e a prova RioEco, a qual, apesar de seu percurso

ter sido de 500 quilômetros, foi realizada em estágios, atraindo mais atletas (TOGUMI, 2017; BITENCOURT, AMORIN, 2006). O CBCA reuniu as principais corridas do país. Suas provas eram a EMA PETAR2000, *Elf Authentique Aventure* Litoral, *Raid Brotas Extreme*, Desafio Costa do Sol e Expedição Mata Atlântica 2000 (BITENCOURT, AMORIN, 2006).

Mas, segundo Wladimir Togumi (2017), foi no ano de 2001 que o Brasil entrou em definitivo para o cenário mundial da CA, quando a EMA passou a fazer parte do ARWS, com uma etapa de 550 quilômetros percorridos na selva amazônica, atraindo muitas equipes estrangeiras e somando 55 equipes (TOGUMI, 2017). Essa visibilidade também se deve à realização da prova francesa *Elf Authentique Adventure*, ocorrida na região nordeste do Brasil, no ano de 2000, atraindo muitas equipes internacionais.

Desde então, outras provas foram surgindo no circuito nacional em várias regiões do país, como o Circuito *Adventure Camp*, considerado o maior circuito de provas curtas do país, *Raid Brotas*, Circuito Brasil *Wild*, o circuito Ecomotion e Ecomotion Pro, que por muitos anos foi considerada a principal *expedition race* brasileira, com provas de aproximadamente 500 quilômetros. Em 2008, o Brasil sediou o *Adventure Race World Championship* (ARWC), por meio da Ecomotion Pro, percorrendo os estados de Maranhão, Piauí e Ceará, atraindo 60 equipes, sendo 32 estrangeiras e 28 brasileiras. Finalmente, em 2015, a prova também valeu como final do circuito mundial, dessa vez tendo como palco a bela região do Pantanal mato-grossense. Infelizmente, foi a última realização dessa prova, por motivos de falência da empresa, segundo Silvia Guimarães, uma das organizadoras desse grande evento, e também atleta entrevistada nesta pesquisa.

Algumas provas acontecem até os dias de hoje, outras deixaram de ser realizadas, para darem lugar às novas competições. Talvez essa instabilidade da agenda de aventura do país se deva ao fato dos altos custos para se organizar uma prova de corrida de aventura, já que mobilizam grande infraestrutura de logística, segurança e recursos humanos.

Na tentativa de estruturar e organizar a CA no país, atletas, organizadores de eventos de aventura e amantes da modalidade se unem em prol do esporte. Em 2004, foi criado o Ranking Brasileiro de Corrida de Aventura (RBCA), pelo publicitário Wladimir Togumi e o atleta Erich Aby Zayan. O RBCA nasceu com intuito de padronizar e gerar qualidade nas provas nacionais, além de aumentar a competitividade entre as equipes. Em 11 de janeiro de 2012, houve o registro oficial no governo federal da Confederação Brasileira de Corrida de Aventura (CBCA). O presidente eleito foi Fábio Vargas, então dirigente da Federação Capixaba de CA, primeira entidade federativa do esporte no país, fundada em 2006 (SIBAHI, 2012). Mas, segundo Alex Fagundes (2013), o tiro de largada para a organização da

confederação aconteceu em março de 2010, em Gravatá, Pernambuco, por ocasião do 1º Encontro Nacional de Federações de Corrida de Aventura (FAGUNDES, 2013).

Outra reunião importante com representantes do esporte no Brasil, entre atletas, organizadores de provas e representantes de federações e associações, aconteceu em 2011, em Porto Seguro (BA), ao final da etapa da *Ecomotion Pro*, na qual eu estava presente. Nesse encontro foram definidos os integrantes da diretoria, ocasião em que os atletas e outras pessoas envolvidas com o esporte puderam se voluntariar.

Em 2012, ocorreu em Vitória (ES) a primeira prova válida como campeonato brasileiro, idealizado pela CBCA, denominada Copa Brasil, a qual, em 2013, também aconteceu em Vitória (SIBAHI, 2012). Em 2014, o estado do Espírito Santo também sediou a Copa Brasil, porém, na cidade de Dores do Rio Preto. Em 2015, foi vez do estado do Rio de Janeiro sediar a final, na Cidade de Petrópolis. Em 2016, foi realizada em Minas Gerais, na Serra do Cipó e, em 2017, em Santa Catarina, na cidade de Rio do Sul. Em 2018, a final da Copa Brasil será no estado de São Paulo. A Copa Brasil classifica para a competição final as melhores equipes dos campeonatos estaduais e do *Ranking Brasileiro de Corrida de Aventura (RBCA)* (TOGUMI, 2017).

Para 2018, a CBCA lançou o Circuito Brasileiro de Corrida de Aventura, com objetivo de “[...] movimentar o mercado e reviver os melhores momentos do esporte” (CBCA, 2018, s/p.). Esse circuito é formado por 11 provas ao longo do ano, selecionadas pela CBCA, em sistema de pontos corridos. Para definir os vencedores de cada categoria (quartetos, duplas e solo) são considerados os 5 (cinco) melhores resultados de cada equipe que tenha participado de no mínimo 3 (três) etapas do Circuito. As categorias são: Solo, Quarteto Misto, Dupla Masculina e Dupla Mista (TOGUMI, 2017).

Parece curioso o fato de não existir categoria Dupla Feminina, assim como na categoria Solo, não haver separação entre homens e mulheres. Acredito que seja pelo número reduzido de mulheres no esporte. Desta forma, as atletas que desejam competir na categoria solo podem assim o fazer, porém irão concorrer com homens, assim como as atletas que desejam formar uma dupla feminina, terão que concorrer na categoria Dupla Mista. As provas podem ser verificadas no Quadro 1.

QUADRO 1 – Provas

DATA	PROVA/ ESTADO	PERCURSO TOTAL (km)
24.03	Noite do Perrengue (BA)	120

19.05	Papacorrída (RS)	150
31.05	Haka Expedition (SP)	200
16.06	Brou Aventuras (MG)	150
07.07	Bituín (SC)	120
18.08	Terra de Gigantes (RJ)	500
07.09	Desafio dos Sertões (BA/PE)	150
15.09	BOA (DF)	70
12.10	Gralha Azul (PR)	150
02.11	Guerreiros n'Aventura (AL)	120
15.11	Expedição Chauás (SP)	200

Fonte: TOGUMI (2017)¹⁴.

1.2.1 As provas de Corrida de Aventura

As competições de CA possuem uma logística complexa, por conta das longas distâncias e quantidade de modalidades e equipamentos (FONSECA, 2017). É um esporte de alto custo financeiro, tanto para os organizadores das provas, quanto para os atletas. A CA exige alto preparo físico e psicológico, além de espírito de equipe. Os atletas precisam estar preparados para enfrentar diversas dificuldades e adversidades naturais (TOGUMI, 2017).

As provas podem ser classificadas de acordo com a duração. Existem as chamadas provas curtas, que duram de 4 a 12 horas de prova, e possuem em média 50 a 100 quilômetros de percurso; as provas médias, que duram de 24 a 40 horas de prova, e seu percurso possui em média de 100 a 200 quilômetros; e as provas de expedição (*Expedition Races*), que podem durar de dois até dez dias. A prova mais longa realizada até hoje foi o *Raid Galouises* em 2002, no Vietnã, que durou 13 dias, com um percurso de 1.000 quilômetros (TOGUMI, 2017). Importante destacar que a equipe Atenah, foco deste estudo, participou dessa competição realizada no Vietnã.

As regras das competições podem variar de acordo com a organização da prova, dependendo da especificidade do local de realização do evento e das condições climáticas. Não há ordem de modalidades nas competições, como ocorre no triatlo, nem limites de distâncias. Uma prova pode começar com a canoagem, outra com o *mountain bike* (MTB), por exemplo. As modalidades podem se repetir e alternar variadas vezes numa mesma competição. Cada trecho ou seção da prova é chamado de “perna”. Uma prova pode ter mais

¹⁴ Disponível em: <<https://www.adventuremag.com.br/noticias/corridadeaventura/5736/CBCA-anuncia-o-Circuito-Brasileiro-SPOT-de-Corrída-de-Aventura-2018.html>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

de uma perna de *trekking*, de canoagem ou de MTB.

As corridas de aventura geralmente acontecem em locais de natureza exuberante e pouco explorada pelos seres humanos, muitas vezes, em lugares inóspitos. De acordo com informações contidas no site da *Adventure Race World Series* (ARWS), as corridas do circuito mundial, por exemplo, duram em média uma semana e os organizadores procuram elaborar percursos que oportunizam aos atletas conhecerem as belezas naturais da localidade, bem como, as comunidades e a cultura local (ARWS, 2016). Porém, não temos conhecimento se de fato, em todas as provas, há uma preocupação em consultar ou colher autorizações dos moradores de tais localidades, tampouco se os nativos são inseridos de maneira adequada e/ou sustentável no acontecimento de todos os eventos.

Mas na “Expedição Terra de Gigantes”, a qual percorreu quinhentos quilômetros em seis dias, na região da Serra do Mar (RJ/SP), os organizadores, tanto no *briefing* de largada quanto na cerimônia de encerramento do evento, deram orientações e retorno aos atletas sobre a preocupação com a conservação do meio ambiente e em deixar um legado para a população de Catuçaba (SP), sede da largada e chegada da prova. Os atletas foram recebidos na escola da comunidade, onde ocorreram jantares e apresentações folclóricas. Os troféus foram confeccionados por artesãs locais. Os gestores dos parques ecológicos envolvidos no percurso falaram sobre o monitoramento de mínimo impacto e o trabalho de biólogos após a passagem da competição. Os atletas fizeram doações de livros para a biblioteca da escola, a pedido dos organizadores como parte obrigatória da inscrição, e os organizadores reformaram o parquinho da escola, doando novos brinquedos com parte da renda da inscrição das equipes. Também é importante destacar que o evento agitou a economia local por meio da movimentação nas pousadas, mercados e restaurantes.

A questão do impacto ambiental, gerado pelas provas, também constitui preocupação de alguns autores. Alcyane Marinho (2001), por exemplo, destaca que na EMA (Expedição Mata Atlântica), considerada a maior corrida de aventura do Brasil, na década de 2000, havia uma preocupação dos organizadores com as questões sociais e ambientais, demonstradas por meio de iniciativas junto às comunidades por onde passavam as competições. Essas iniciativas compreendiam ações como doações de equipamentos, material escolar, plantio de mudas, doações em dinheiro para projetos socioambientais, etc. Segundo a autora, apesar das populações locais demonstrarem-se gratas pelos préstimos feitos a sua região, essa gratidão pode ser em função de que tais populações, geralmente, possuem escassez de alguns recursos em virtude de serem afastadas dos grandes centros urbanos, e seus habitantes, não raro, são pessoas humildes que, comumente, sentem-se atraídas pela movimentação e novidade que as

competições oferecem, ou seja, quase um espetáculo. Surge então um questionamento se realmente essas pequenas atitudes compensam o impacto causado no meio. Cilene Lima de Oliveira (2016, p. 59), em etnografia sobre a CA, percebeu nos atletas “[...] uma concepção contemplativa da natureza muito vinculada a uma ideia de cuidado e preservação do meio ambiente” (p. 59).

Durante minha participação na organização das provas era comum que uma parte do *briefing* fosse destinada à sensibilização dos atletas para o cuidado com o ambiente da prova. Outra vez, estava na organização de uma corrida de aventura e ficamos em uma Área de Transição próxima a uma lagoa. Alguns atletas, assim que retornavam do trecho que passava por dentro dela por meio de caiaques, reclamaram de sua suposta poluição, demonstrando-se bastante insatisfeitos com isso. Observava em outras situações semelhantes a essa, uma articulação do discurso preservacionista incorporado desse processo de ambientalização, com uma concepção contemplativa, moral e estética da natureza [...] (OLIVEIRA, 2016, p. 61).

Entretanto, apesar de considerar que a preocupação com a preservação e o impacto no meio ambiente nos esportes de aventura na natureza seja de suma importância, não constitui em tema desta dissertação. Ademais, outros (as) pesquisadores (as) já se dedicaram a este tema, como por exemplo, Carolina Teixeira Bartoletti (2016), que estudou o impacto ambiental das corridas de aventura em unidades de conservação no Brasil.

Sobre a dinâmica das provas, ela pode ser *non stop*, onde o tempo é corrido e as equipes planejam sua estratégia de descanso e sono, ou em estágios, onde há várias relargadas. A maioria das expedições é *non stop* e possui alguns trechos de *dark zone* (parada obrigatória para descanso), que é implementada pelo diretor de prova, quando uma determinada seção é perigosa demais para ser feita à noite. O *dark zone* normalmente acontece na seção de canoagem em corredeiras ou no trecho de técnicas verticais. Porém, o cronômetro de prova não pausa enquanto as equipes esperam pelo fim do *dark zone*, portanto, a única vantagem é poder descansar um pouco (ARWS, 2016).

As equipes recebem o mapa do terreno da prova, geralmente no dia anterior ao início da competição. Nele, estão plotados os postos de controle, que são os pontos de passagem obrigatórios das equipes. Cada equipe precisa passar completa nos postos, ou seja, com todos os integrantes juntos. Se deixar de passar em algum posto, será desclassificada ao final da prova. A CA é um dos poucos esportes em que as equipes iniciantes podem participar no mesmo percurso dos profissionais, porque o objetivo principal da CA é a possibilidade de cruzar a linha de chegada.

Nas provas do circuito mundial (ARWS), os PC são separados aproximadamente por

20 a 50 quilômetros de distância. Os diretores de prova criam um novo percurso a cada corrida e buscam desafios únicos e atraentes para as equipes. O caminho que as equipes escolhem depende apenas de suas habilidades em navegação. Aparelhos de GPS não são permitidos e as equipes têm acesso aos seus mapas apenas 24 horas antes da largada. Os atletas correm sem parar durante a noite resultando apenas em duas ou três horas de sono, normalmente feitos direto no chão. (ARWS, 2016).

Ao final de cada perna, as equipes chegam à área de transição (AT), onde se reabastecem, trocam equipamentos e se preparam para a próxima perna. Equipamentos e comida para o reabastecimento se encontram em uma caixa que a equipe prepara antes da largada, a qual é transportada até a transição pela organização, no caso das provas sem apoio. Não é permitida ajuda externa. Portanto, se a equipe se esquecer de colocar algum insumo que precisará usar na caixa, terá que seguir sem tal suprimento. O cronômetro não pausa nas AT, por isso, o tempo que as equipes permanecem ali depende da estratégia de cada uma. Dessa forma, é possível afirmar que a competição começa antes mesmo da largada, pois as equipes precisam planejar muito bem a logística e organizar os suprimentos e equipamentos nas caixas no dia ou noite que antecede a prova.

Nos dias de hoje, a maioria das provas acontece sem apoio, mas há cerca de cinco anos, as provas exigiam que cada equipe tivesse uma equipe de apoio. Essa equipe contava com um a três integrantes, que transportavam os equipamentos dos atletas durante as provas, como bicicletas, remos, coletes salva-vidas, vestuário, além de comida e bebida. Geralmente, a equipe de apoio cuidava da alimentação dos atletas, preparando comida quente, bebidas, separando os alimentos que os atletas precisariam levar nas próximas etapas. Comumente também era possível observar integrantes da equipe de apoio cuidando de ferimentos dos atletas e auxiliando na manutenção de equipamentos, como pequenos ajustes nas bicicletas. Tudo isso garantia aos competidores um mínimo de conforto durante as provas. Porém, um ponto negativo era o custo maior gerado aos atletas, os quais, muitas vezes precisavam pagar pessoas especializadas em fazer apoio nesse tipo de prova, além de aluguel do carro, combustível e todas os custos da equipe de apoio no local de prova, bem como as despesas de viagem até o local.

As pessoas que compunham uma equipe de apoio, de modo geral, ou eram atletas de CA ou amigos dos atletas ou pessoas experientes nesse tipo de atividade, também complexa, visto que as equipes de apoio faziam, praticamente, uma prova paralela à CA, podendo ser comparada a um *rallye*, pois transitavam com carros – geralmente tracionados – em locais de difícil acesso. Para isso, recebiam um *road-book*, documento com informações sobre os locais

de transição e horários estimados da chegada dos atletas.

As CA, especialmente as *expedition races*, podem ser muito difíceis e apenas algumas equipes conseguem finalizar o percurso completo inicialmente proposto. Sendo assim, para manter o espírito de aventura, os diretores de prova desviam as equipes para um percurso mais curto, para que elas possam cruzar a linha de chegada, antes do tempo limite. A isso se dá o nome de “corte”. Essas equipes do percurso mais curto ainda estarão na prova – são chamadas de equipes cortadas –, mas serão ranqueadas atrás daquelas que fizeram o percurso completo. Completar uma *expedition race* no percurso completo, ou cortado, geralmente é o objetivo principal da maioria das equipes e marcado como um ponto alto de suas vidas (ARWS, 2016).

As CA acontecem em variados ambientes, culturas e climas. As equipes de CA devem estar preparadas para enfrentar e superar diversos desafios de uma prova, combinados com a instabilidade e adversidades que o ambiente natural pode oferecer. As características de determinação e orientação ao êxito, típicas dos atletas de CA, tornam o movimento das equipes em direção à chegada, quase como um objetivo de vida no momento da competição. A CA é um esporte de *endurance* e estratégia, que oportuniza ao praticante uma experiência que o confronta contra seus próprios limites físicos e psíquicos e contra outras equipes de atletas, isso tudo aliado a um local inesquecível, de natureza exuberante. A CA pode ser considerada a competição mais extrema de resistência humana (ARWS, 2016).

1.2.2 As modalidades

1.2.2.1 Mountain bike

O *mountain bike* (MTB) é uma das modalidades do ciclismo, praticada em estradas de terra, trilhas e montanhas, com bicicleta apropriada, comumente chamada de *bike*. Dentre as modalidades disputadas, o *cross-country* (XC) é um dos eventos mais populares. As competições são realizadas em circuito fechado, com trechos estreitos e sinuosos (*single tracks*) e/ou estradas abertas, geralmente com a presença de erosões, pedras, cascalhos, troncos, árvores e travessia em trechos com lama (PFEIFFER; KRONISH, 1995). O MTB é um esporte que envolve técnica, força e resistência.

Nas provas de corrida de aventura, porém, dependendo do percurso que a equipe (ou seu navegador) escolher na análise do mapa, os trechos de *mountain bike* podem virar verdadeiros “empurra-bike” ou “carrega-bike”, passando por trechos de mata fechada ou até

mesmo atravessando rios caudalosos, carregando a bicicleta nas costas, exigindo bem mais do atleta, tanto fisicamente como psicologicamente, do que em uma competição de MTB, por exemplo.

1.2.2.2 *Trekking*

O *trekking* pode ser considerado uma caminhada em ambientes naturais (florestas, montanhas, cerrados, rios, trilhas) (BITENCOURT; AMORIN, 2006). As pernas de *trekking* nas corridas de aventuras, geralmente acontecem em terrenos variados, como alta montanha, vales, florestas de vegetação densa, cerrado, desertos, costas, *canyons*, entre outros.

Nas *expedition races*, há pernas de *trekking* que podem variar de algumas horas até dias, com os atletas andando, trotando ou correndo sem parar durante o dia e também à noite, quando a navegação se torna mais complexa, já que as referências dos relevos ficam mais difíceis de serem visualizadas. Quando a equipe erra a navegação, o trecho pode se tornar ainda mais longo e, caso a equipe não esteja com as mochilas bem abastecidas, os atletas podem passar fome, sede ou sofrer com hipertermia ou hipotermia, dependendo da temperatura local. Devido à variedade de terrenos em uma mesma competição, os pés dos atletas merecem cuidados especiais, como o uso de tênis apropriados e de meias secas. Contudo, a maioria dos atletas sofre muito com bolhas, rachaduras (os chamados pés de trincheira) e, até mesmo, feridas mais graves que podem causar infecções e abandono de prova.

1.2.2.3 Canoagem

A Canoagem, na CA, pode acontecer no mar, lagos, represas ou em rios com corredeiras. As embarcações são fornecidas pela organização da prova, que também fica responsável pelo transporte das mesmas. O tipo de embarcação varia de acordo com a prova, mas, geralmente, são utilizados caiaques rígidos de polietileno, os chamados *sit on top*, não cabinados, ideais para rios com corredeiras, ou *ducks* (caiaques infláveis), que apesar de estáveis, não conseguem atingir uma boa velocidade, dada a grande superfície em contato com a água. Esses caiaques geralmente são duplos, o que possibilita ao quarteto se dividir em duas duplas para remar, ou individuais, em que cada atleta rema o seu. Algumas provas utilizam botes de *rafting*, o qual permite que toda a equipe reme junta. Algumas provas também utilizam caiaques oceânicos (cabinados) e canoas canadenses.

As equipes precisam ser proficientes em técnicas de canoagem, pois há provas que passam em rios com corredeiras classe de I a III (numa escala de I a VI). As competições internacionais de canoagem *slalom*, a título de comparação, acontecem em corredeiras de classe III a VI, sendo que os atletas desta modalidade costumam treinar em rios com corredeiras de classe II e III (MERKLE, 2010). Algumas provas, como as do ARWS, fazem uma pequena avaliação com os atletas, antes das competições, para testar suas técnicas. O uso de colete salva-vidas é obrigatório em todas as provas. Em alguns casos também é obrigatório o uso de capacete nessa modalidade, como quando há corredeiras no rio. Caso algum atleta seja visto sem os equipamentos de segurança, a equipe é desclassificada.

Dá-se o nome de “portagem” ao ato de carregar o caiaque, o que geralmente acontece quando o trecho do rio é muito perigoso para passar remando ou quando a equipe utiliza essa técnica como estratégia de progressão mais rápida, por exemplo, numa alça de rio sinuoso, caso as regras da prova permitam a portagem. Também pode acontecer de alguns trechos do rio não serem navegáveis, como em trechos de pouca água ou em períodos de seca, fazendo com que não haja alternativa às equipes senão a portagem. Importante ressaltar que a portagem é uma atividade muito cansativa para os atletas, já que os caiaques são equipamentos pesados e, geralmente, essa atividade acontece em trechos de mata ciliar.

1.2.2.4 Técnicas verticais

As técnicas verticais em corrida de aventura possuem o objetivo, não só de testar as técnicas dos atletas, mas também de desafiar seus limites psicológicos e transpor obstáculos físicos, como grandes encostas, montanhas ou *canyons*. As técnicas verticais mais utilizadas na CA são: escalada, ascensão em corda fixa, *rapel* e tirolesa.

A escalada em rocha é uma atividade esportiva extremamente especializada, que requer do praticante o domínio de técnicas especiais de progressão vertical e de utilização e manipulação adequadas de equipamentos específicos, que incluem cordas especiais, cadeirinha e equipamentos de ancoragem e segurança, certificados pela UIAA (*International Climbing and Mountaineering Federation*). A ascensão em corda fixa é o ato de subir numa corda utilizando equipamentos individuais de escalada, juntamente com um equipamento denominado ascensor.

Na seção de verticais, a equipe deve estar com os equipamentos individuais de escalada de cada atleta, que inclui o *boudrier* ou cadeirinha, fita solteira, mosquetão e freio. Usualmente, a corda é fornecida pela organização, a qual já fica posicionada no local onde

ocorrerá o *rapel*, a escalada ou a ascensão, para uso das equipes, juntamente com uma equipe da organização, de apoio especializado. A lista de equipamentos obrigatórios de cada competição de corrida de aventura especifica os equipamentos individuais e por equipes que os atletas utilizarão em cada seção da prova, incluindo a seção de verticais. Dependendo do tipo de técnica vertical utilizada ou se a escalada ocorrer em alta montanha, a lista pode incluir, por exemplo, ascensores, caso haja ascensão em corda fixa, ou até mesmo *crampons*¹⁵ e *piolets*¹⁶, caso haja ascensão em gelo.

Rapel é uma técnica inerente à escalada, que consiste em descer uma montanha, pedra ou encosta, utilizando uma corda e equipamentos individuais de segurança da escalada (cadeirinha, fita solteira, mosquetão e freio). Quando realizado em cachoeira, é chamado de *cascading*.

Tirolesa é uma técnica vertical que consiste no deslocamento entre dois pontos, por meio de uma corda ou cabo de aço ancorado horizontalmente. Nessa prática, o indivíduo desliza no cabo aéreo utilizando-se do equipamento individual de escalada. No caso do cabo de aço, também são utilizadas roldanas.

1.2.2.5 Orientação Cartográfica

A orientação é um esporte que combina elementos físicos e cognitivos. A ideia básica na orientação é correr em um percurso, passando por uma série de pontos de controle (PC) em uma ordem predeterminada, com a ajuda de mapa e bússola. Para escolher a melhor rota possível, os atletas observam as características do terreno. Vence quem passa em todos os PC no menor tempo. A característica principal do bom corredor de orientação é a navegação e a tomada rápida de decisões, enquanto corre em alta velocidade. Esse elemento de escolha de rota e a capacidade de navegar pela floresta são a essência da orientação. O esporte de orientação foi praticado pela primeira vez pelos militares, mas, hoje em dia, apresenta uma variedade de formatos diferentes, desde as corridas florestais de longa distância mais tradicionais, até os *sprints* mais recentes da cidade (ORIENTEERING.ORG, 2018).

A história da orientação começou no final do século XIX, na Suécia, onde se originou como treinamento militar. O termo atual “orientação” foi usado pela primeira vez em 1886, na Academia Militar Sueca Karlberg, e referiu-se ao cruzamento de terrenos desconhecidos, com

¹⁵ Equipamento que pode ser acoplado à bota do escalador. Servem para aderir ao gelo em terrenos com neve.

¹⁶ Equipamento de alpinismo parecido com um martelo, porém é pontiagudo. O alpinista o crava no gelo, com um golpe parecido com uma martelada, utilizando-o para propulsão na ascensão.

a ajuda de um mapa e uma bússola. O esporte competitivo começou quando a primeira competição foi realizada para oficiais militares suecos, em maio de 1893, nos jogos anuais da guarnição de Estocolmo. A primeira competição civil foi realizada perto de Oslo, Noruega, em outubro de 1897 (ORIENTEERING.ORG, 2018).

Nas corridas de aventura, as equipes que têm um bom navegador, possuem grandes chances de obter bons resultados. Para se orientarem no terreno de prova, as equipes recebem um mapa e devem passar nos postos de controle nele assinalados. No campo, uma bandeira de controle marca o local que a equipe deve visitar. Para comprovar a passagem, a equipe usa um perfurador, que fica pendurado ao lado da bandeira, para marcar seu cartão de controle. Cada bandeira, ou seja, cada PC, possui um perfurador diferente e assim fazem diferentes padrões de furos no papel, sendo possível, ao final da competição, que a organização confira o cartão, comprovando se a equipe passou em todos os PC. Alguns PC são físicos, ou seja, no local há algum membro da organização da prova, o qual registra a passagem das equipes numa planilha.

Nas CA não é permitido uso de GPS, apenas bússola, e podem ser utilizados altímetros¹⁷. Muitas equipes possuem relógios com a função de altímetro. Os mapas, ou cartas topográficas são, geralmente, obtidos no IBGE – no caso do Brasil – e, muitas vezes, atualizados pela organização da prova.

A carta topográfica é uma representação plana, e em escala, do relevo de uma determinada região. O relevo é determinado em curvas de nível. A representação de altitude e de tipo de vegetação de um terreno se dá por meio de escalas de cores. A carta topográfica, vulgarmente chamada de mapa nas corridas de aventura, também traz representados os elementos da natureza, como bacias hidrográficas, pequenos corpos de água, estradas, caminhos, trilhas e elementos construídos pela ação humana, como casas, igrejas e outras edificações. Essas edificações, geralmente, aparecem como pontos escuros na carta. A carta topográfica reflete as condições ambientais da época em que foi construída, podendo ser atualizada pelo organizador da prova, como, por exemplo, novas trilhas e caminhos abertos pelo ser humano.

1.2.3 As equipes

¹⁷ Instrumento usado para medir altitude, comumente por meio de um barômetro, que registra alterações da pressão atmosférica que acompanham as variações de altitude.

A formação de equipe exigida nas provas expedicionárias de CA é o quarteto misto, ou seja, quatro integrantes, sendo, ao menos, um homem e uma mulher. A equipe não deve se distanciar mais de 100 metros. Se um integrante abandona a corrida, toda a equipe está desclassificada (ARWS, 2016). Nas provas mais curtas, ou não oficiais, existem outras categorias de equipes, como duplas, trios e solo – na qual o atleta corre sozinho. Os atletas possuem variados papéis em suas equipes, como: navegador, capitão, carregador, entre outros.

O navegador deve ser proficiente no uso de mapa e bússola para guiar sua equipe de PC a PC, usando suas habilidades de análise do local a fim de determinar uma rota, escolhendo os melhores caminhos dentre as rotas existentes, pois nem sempre o melhor caminho é o mais curto. Uma equipe que navega bem pode ultrapassar outra equipe que, mesmo sendo melhor fisicamente, não seja tão eficiente na navegação (ARWS, 2016).

O capitão é responsável pela estratégia da equipe. Ele deve balancear as forças e fraquezas dos integrantes de seu time contra os desafios do percurso e das outras equipes. Normalmente, ele define o ritmo da equipe, dizendo quando e onde deve fazer força e quando deve parar para descansar ou dormir (ARWS, 2016).

O carregador ou “mula” é o integrante mais forte, que pode fazer força dobrada pela equipe. É comum que, após muitos dias de corrida, algum integrante da equipe não esteja bem, com sintomas de desidratação, doente, desanimado ou machucado. Toda a equipe, normalmente, tem um integrante fisicamente mais forte, o qual pode carregar diversas mochilas ou ajudar seus companheiros a seguir em frente. Importante enfatizar que nem sempre esse integrante é um homem (ARWS, 2016).

A CA desenvolveu seu próprio vocabulário e técnicas. “Rebocar” é quando um integrante puxa outro mais lento, usando uma corda, seja no *mountain bike* ou no *trekking*. Como os atletas precisam se manter unidos, essa é uma forma inteligente de correr e mantém elevada a velocidade média da equipe. As equipes criam sistemas de reboque especiais, que podem ser implementados sem a necessidade de parar. O *sleep monsters* é a extrema necessidade de dormir, é quando a privação do sono chega a atrapalhar as decisões dos atletas e os deixa mais lentos, podendo, inclusive, causar alucinações. Quando e o quanto dormir são decisões críticas que a equipe deve tomar e há variadas estratégias para isso (ARWS, 2016). Geralmente, nesses casos, o capitão pode definir uma parada para descanso, onde, comumente, vinte a trinta minutos é o suficiente para o reestabelecimento das faculdades cognitivas dos atletas. Quando a prova passa por localidades habitadas, os atletas podem utilizar como estratégia descansar nesses locais, procurando abrigo. Mas, quando os *sleep monsters* atacam em locais inóspitos, os atletas precisam estar preparados para realizar o

descanso no chão e ao relento (bivaque). Nesse caso, os atletas podem lançar mão de seus cobertores de emergência – espécie de papel laminado, que os bombeiros utilizam em salvamentos – ou saco bivaque – saco feito de material similar ao do cobertor de emergência. O cobertor de emergência é um equipamento obrigatório na maioria das corridas, ou seja, cada atleta deve carregá-lo na mochila durante toda a prova, e tem como objetivo manter a temperatura corporal do atleta, evitando a hipotermia, uma vez que os bivaques podem acontecer no alto de montanhas, por exemplo.

Em algumas provas, como as do ARWS e, a partir de 2018, as provas do CBCA, as equipes carregam aparelhos rastreadores, que enviam suas localizações para um *website*, onde cada equipe é mostrada como um ponto no mapa. Essa tecnologia permite que os amigos, familiares e amantes do esporte acompanhem a aventura e a posição do seu time do coração, no conforto de casa.

Algumas equipes viajam o mundo escolhendo eventos em locais exóticos, um pouco pela competição, um pouco pela exploração. Algumas competem profissionalmente. Elas se posicionam num *ranking* mundial e competem pelo título de campeãs mundiais. Algumas equipes transformam a paixão pela aventura em um estilo de vida (ARWS, 2016).

Como é um esporte de alto custo financeiro, no Brasil, é comum que as equipes se misturem, ou seja, os atletas se unem e se separam, de acordo com os recursos financeiros, interesses e objetivos comuns e afinidades. Dessa forma, alguns atletas migram por diversas equipes, especialmente as mulheres, já que não são muitas praticantes em nível competitivo, e também, muito provavelmente, por conta da obrigatoriedade de ao menos um integrante do sexo oposto nos times e pela supremacia dos homens no esporte.

Hoje, na categoria quarteto misto, há 82 equipes brasileiras cadastradas no RBCA, a maioria da região sudeste. São 23 (vinte e três) equipes do estado de São Paulo, 14 (quatorze) do Paraná, 14 (quatorze) da Bahia, 8 (oito) do Rio Grande do Sul, 7 (sete) de Santa Catarina, 7 (sete) do Distrito Federal, 3 (três) de Minas Gerais, 3 (três) do Ceará, 2 (duas) do Rio de Janeiro, e 1 (uma) do Alagoas. Porém, o RBCA tem por característica ser muito dinâmico, visto que muitas equipes se organizam e desaparecem muito rapidamente, por falta de recursos financeiros.

1.3 MULHERES E ESPORTES DE AVENTURA

Os esportes de aventura são dominados geralmente pela participação de homens e são comumente percebidos como masculinos, pelas características das vestimentas, estilo dos

praticantes, expressões e jargões (ANDERSON, 1999; FORD; BROWN, 2006; THORPE, 2011). Também são conhecidos como esportes da natureza, já que a maior diferenciação com os outros esportes é justamente o ambiente de prática. De acordo com Mark Stoddart (2011), o ambiente de prática dos esportes é capaz de incitar as questões de gênero e as relações de poder existentes, o que poderia explicar a predominância masculina nos esportes vividos em ambientes inóspitos.

Já para Lise Anthonissen (2011), na natureza encontra-se presente a pressão ao conformismo de gênero, o que pode favorecer oportunidades de reflexão sobre a perspectiva de alteração de valores estereotipados. Essa afirmação tem origem na percepção de que os esportes de aventura exigem características ditas masculinas, como autonomia, coragem, liderança, força física e tomada de decisão.

Estudos apontam que as mulheres, ao longo da história, superam barreiras culturalmente impostas para se inserirem no campo dos esportes de aventura em diferentes modalidades (FIGUEIRA, 2008; KAY; LABERGE, 2004; KNIJNIK; HORTON; CRUZ, 2010; LIPPA, 2010; LARENDEAU; SHARARA, 2008; ROBERTSON, 2003; SCHWARTZ *et al.*, 2013; SISJORD, 2013; THORPE, 2011). Entretanto, elas são praticamente invisíveis e suas conquistas ainda representam pouco perto dos desafios que enfrentam.

A mídia, de certa forma, reforça esse *status quo*, já que o destaque à figura masculina nos esportes é notório nos comerciais e materiais publicitários em que o homem (atletas masculinos de renome) é mais cobiçado pelas grandes marcas. Em algumas mídias especializadas em esportes de aventura, como canais de TV por assinatura, é possível perceber a predominância de reportagens sobre atletas homens em relação às atletas mulheres. Geralmente, as mulheres que aparecem em programas de esportes ao ar livre nem são atletas que se destacam nessas modalidades, e sim praticantes amadoras, as quais possuem como principal destaque a beleza física. É raro ver programas com atletas mulheres que praticam esportes de aventura como protagonistas, mostrando suas habilidades técnicas, sua competência estratégica na atividade ou sua coragem e radicalidade em determinado esporte ou competição (FIGUEIRA, 2008).

Em estudo anterior, no qual foram analisadas as representações de gênero na mídia sobre a CA, verificou-se que as reportagens representam as mulheres atletas de CA como deusas e musas e, embora exaltem sua coragem, reforçam sua sub-representação no esporte, ao atribuírem papéis para elas na equipe, como cuidadora, mediadora de conflitos e responsável pela alimentação. Essas mulheres, na maioria das vezes, são veiculadas nos discursos midiáticos, muito mais por sua beleza física e coragem, do que pela sua

competência, conhecimento e resistência para a prática do esporte (SILVA; MOURÃO, 2017).

Márcia Figueira e Silvana Goellner (2012), em estudo com mulheres *skatistas*, destacam que essas atletas, para se fazerem vistas no campo do skate, tiveram que produzir e distribuir seus próprios meios de divulgação. Por intermédio da criação da revista *Check It Out*, as *skatistas* ganharam voz e puderam dar visibilidade às suas realizações no esporte, desde as manobras e participações em competições até trajetórias pessoais, lutas, histórias, frustrações e conquistas.

Matthew Atencio, Becky Beal e Charlene Wilson (2009), em estudo à luz dos pensamentos de Bourdieu, analisaram a mídia especializada de *skate* e concluíram que tal segmento mantém as divisões de gênero baseadas na lógica do individualismo e da incorporação do “*habitus* masculino”, associado ao risco e à proeza, resultando em recompensa com capital social e cultural. Já a concepção de “*habitus* feminino” está associada à falta de habilidade e aversão ao risco, resultando em participantes inautênticas nesse campo social. Portanto, as mulheres têm o seu acesso limitado ao capital simbólico.

Dani Abulhawa (2004) também estudou as relações de gênero no campo do *skateboarding*. A autora conclui que por mais que essa organização social possua um discurso anti-hegemônico, paradoxalmente, apresenta um sexismo inerente, com foco no heteromascuino, no qual as mulheres ocupam uma posição que a autora chamou de *edgeland*, ou seja, permanecem marginalmente envolvidas nessa subcultura.

Segundo Ludmila Mourão, as mulheres ainda sofrem com avaliações negativas e restritivas relativas à preferência pelo espaço público do esporte (MOURÃO, 2000). Porém, algumas mulheres procuram se afastar, mesmo que temporariamente das atividades cotidianas (como trabalho e estudo) e preocupações domésticas (como cuidar dos filhos, do lar e da família) para se engajarem em atividades de aventura na natureza e, com isso, enfrentam barreiras sociais e de disponibilidade de tempo. A dedicação a essas atividades exige coragem e ousadia, e concomitantemente as leva a momentos de solidão e reflexão (ABDALAD; COSTA, 2009).

Gisele Schwartz, Juliana Figueiredo, Leonardo Pereira, Danielle Christofolletti e Viviane Dias (2013) investigaram a aceitação, por parte dos homens, bem como possíveis atitudes e condutas preconceituosas, no que tange à presença feminina nos esportes de aventura, no olhar de atletas já consagradas no Brasil. Os (as) autores (as) concluíram que, conquanto a presença feminina nos esportes de aventura venha se disseminando, muitos entraves ainda se fazem presentes, tais como: fatores financeiros, que dificultam na aquisição de equipamentos específicos; restrita oportunidade de participação em eventos competitivos; e

deslocamento para locais de treino. Outro fator que dificulta a permanência de mulheres em atividades de aventura é a dificuldade de conciliação da carreira esportiva com a vida pessoal, profissional e familiar. As mulheres que participaram deste estudo também relataram situações de preconceito – mesmo que de forma velada – por parte dos homens, além do ciúme por parte dos companheiros, namorados e cônjuges pelo convívio da mulher com outros homens, devido a representações e aos estereótipos da própria sociedade, ao considerar esses esportes estritamente masculinos, ou pela desvalorização de capacidades e habilidades, como a força e resistência da mulher. Outra dificuldade encontrada pelas mulheres, relatada nesse estudo, foi o fato de alguns homens quererem competir com as mulheres para inferiorizá-las de algum modo ou, com isto, desestimular sua adesão ao esporte. Outro aspecto comentado foi o de que o preconceito era mais explícito especialmente quando as mulheres, de alguma forma, se mostravam melhores do que os homens em alguma modalidade, com boa *performance*. Vale ressaltar que os fatores discriminatórios encontrados no referido estudo podem significar motivos de impedimento para que outras mulheres venham a praticar essas atividades.

Schwartz *et al.* (2013) também citaram, em seu estudo, a corrida de aventura, ressaltando uma característica peculiar desse esporte, no qual a presença feminina é requisitada para compor uma equipe, sendo que essa norma faz parte da regra geral desta atividade. Segundo os autores, essa particularidade faz com que a aceitação das mulheres nesse esporte reforce algumas justificativas manifestadas pelas participantes do estudo que pertenciam ao campo da corrida de aventura, quando afirmaram que não veem obstáculos quanto à aceitação por parte dos homens. Para elas, a presença feminina é aceita, porém, ao mesmo tempo, existe a cobrança de muita técnica e ações quase de igualdade com os homens, o que não deixa de ser desigual do mesmo modo e, inclusive, reforça a ideia de que a aceitação vem apenas por imposição de uma regra e não, necessariamente, pela mudança de valores. Podemos interpretar tais resultados como uma aceitação parcial feminina no campo da CA, pois parece configurar em um espaço de limitação. Reforça-se que o foco da referida pesquisa não era as praticantes de CA e sim, mulheres atletas de esportes de aventura em geral, incluindo outras modalidades.

Marília Bandeira, em estudo autoetnográfico no campo do surfe universitário no estado de São Paulo, percebeu que as mulheres eram minoria e, quando estavam presentes, eram comparadas com os homens:

Entre os surfistas estudados, uma surfista de pranchinha, como eu, ainda era vista como uma destemida em ambiente masculino e, embora, na maioria das vezes, incentivada, era também “*rabeada*”. E quando uma surfista de pranchinha apresentava performance ótima o elogio que se ouvia em muitas circunstâncias era: “Essa surfa que nem homem, essa é casca grossa!” (BANDEIRA; RUBIO, 2011, p. 105).

Joanne Kay e Suzanne Laberge (2004) descobriram que, na Corrida de Aventura, os participantes colocam uma forte ênfase no valor das “habilidades” de equipe das mulheres – por exemplo, suporte emocional de outros membros da equipe – e concluíram que a CA, apesar de constituir um local de subversão com a participação das mulheres, ao destacar funções e papéis específicos da mulher dentro da equipe, ajuda a preservar a tradicional hierarquia de gênero no esporte, naturalizando a fraqueza das mulheres. Portanto, isto legitima a dominação masculina.

1.3.1 Estratégias de participação e “agências” utilizadas pelas atletas de esportes de aventura

O panorama de desigualdade apresentado leva as mulheres a criarem estratégias de inserção e permanência nos esportes de aventura, como alguns estudos apontam. Gisele Maria Schwartz *et al.* (2016), por exemplo, em estudo com atletas experientes em diferentes modalidades de esportes de aventura, encontraram que como estratégia de iniciação nessas práticas, as atletas aproveitam a influência/incentivo da família e procuram participar de cursos específicos e eventos com a finalidade de aprimorar técnicas e fortalecer vínculos com outros (as) praticantes. Também encontraram o uso de redes sociais para a divulgação de conquistas, motivações e anseios como uma estratégia importante adotada pelas mulheres para superarem o preconceito ainda presente nesses esportes.

Jason Laurendeau e Nancy Sharara (2005) examinaram no paraquedismo e no *snowboard* as maneiras como as mulheres negociam espaço nessas arenas dominadas pelos homens. Apesar da participação das mulheres nessas atividades ser limitada, para conquistar espaços para si próprias nesses contextos desportivos, essas mulheres investem em estratégias baseadas em noções liberais de resistência de classe média (*middle-class and liberal notions of resistance*). O maior desses exemplos é o que os pesquisadores chamaram de “agência reprodutiva”. Algumas estratégias, no entanto, parecem exemplificar a denominada “agência resistente” (DWORKIN; MESSNER, 1999). Os autores questionam até que ponto tais estratégias podem realmente resultar em mudanças significativas no que tange às relações de

gênero nos esportes. Os termos *reproductive agency* e *resistant agency* foram descritos originalmente por Shari L. Dworkin e Michael A. Messner (1999).

The kind of collective women's agency that emphasizes the building of institutions such as rape crisis centers, domestic violence shelters, and community women's athletic leagues is a *resistance agency* through which women have empowered themselves to fight against and change the institutions that oppress them. In contrast, individual women's agency expressed as identification with corporate consumerism is a *reproductive agency* that firmly situates women's actions and bodies within the structural gender order that oppresses them (DWORKIN; MESSNER, 1999, p. 21-22).

Segundo Adriana Piscitelli (2008), a agência (*agency*) pode ser entendida como a capacidade de agir, que, nesse contexto, é mediada cultural e socialmente, sendo concedida aos sujeitos maior ou menor possibilidade de ação. Refletir sobre a prática da equipe Atenah, como *resistance agency* me leva a pensar sobre minha própria prática como *reproductive agency*, pois sempre participei de equipes convencionais (três homens e uma mulher), sem nada fazer para mudar isso. Também observei que mesmo as mulheres que são capitãs de seu time, ao convidarem mais três atletas homens para a composição de sua equipe, reforçam, mesmo que não intencionalmente, a manutenção da hegemonia masculina no esporte.

1.3.2 Diferentes formas de participação das mulheres nos esportes de aventura

Imma Canales, Francisco Lagardera e Jesús Perich (1995) estudaram a diversidade e pluralidade de práticas de atividades físicas na natureza por mulheres da região de Aragón, na Europa. O artigo denominado *Lo femenino en las actividades físicas en la naturaleza* apresenta os resultados dessa pesquisa com mulheres praticantes de diferentes atividades de aventura, com o objetivo de traçar um “mapa emocional” dessas mulheres no que se refere, principalmente, aos motivos que as levam a praticar, e as sensações que tais práticas desencadeiam. O achado nesse estudo está na diferença encontrada entre as mulheres que praticam atividades com o objetivo de diversão e as que praticam como esporte competitivo. Essas mulheres comungam alguns sentimentos, como a “revitalização”, a “desrutinização”, a “auto-satisfação” e a “recompensa” que, segundo os (as) autores (as), estão relacionados ao contato ativo com a natureza, ou seja, são desencadeados pelo meio e não necessariamente com o que se pratica no meio natural. Por outro lado, elas demonstram diferenças na atitude e na maneira como encaram tais práticas, dado evidenciado na interpretação que os (as) estudiosos (as) denominaram por meio do dualismo *agonismo* e *interiorización*.

Las sensaciones que se manifiestan em estos dos apartados, sin atrevemos a decir que sean definitivamente incompatibles, sí que marcan una sensible diferencia entre las protagonistas; se diría que nos indican el espíritu como las mujeres se enfrentan al medio natural. Las mujeres que nos han expresado sensaciones catalogadas por nosotros como de **agonismo** llevan a cabo atividades en la naturaleza de un modo muy diferenciado a las demás. Son mujeres marcadas por un fuerte sentido deportivo; es decir, que en sus actitudes y hábitos se reflejan los signos de identidad deportivos: elevado esfuerzo físico, competición, búsqueda de superación, fijación de metas... Para estas mujeres resulta esencial el establecerse metas y objetivos, o manifiestan una continuada obsesión por el control y lucha contra el tiempo. La integración em el medio aparece como un elemento subsidiario; los obstáculos que ofrece la naturaleza son algo que hay que superar o vencer, y además que hay que hacerlo con menor tiempo, antes que, o mejor que... Es desde esta vertiente que podemos entender que estas mujeres no centran su atención en la emergencia de sus propias sensaciones, sino en el logro de objetivos extremos. La satisfacción agonística se centra en lo que una es capaz de lograr, aunque en el decurso de su satisfacción se sufra para conseguirlo. Muy distinta es la actitud de las mujeres que nos han expresado tener sensaciones que nosotros hemos categorizado como **interiorización**. En ellas la atención se focaliza sobre sí mismas, em una especie de ensimismamiento que el entorno natural estimula y facilita, pero en donde lo importante es aquello que emana o fluye dentro de sí mismas (CANALES; LAGARDERA; PERICH, 1995 p. 149-150, grifos meus).

Percebemos, portanto, que o fato de algumas mulheres privilegiarem a adrenalina e o esforço físico da prática desportiva e do alto rendimento, encarando os elementos da natureza como obstáculos e desafios a serem superados, não significa que não prezam ou não se preocupam com a preservação do meio ambiente, mas sim, que comumente podem deixar a contemplação da natureza para segundo plano durante o treinamento ou a competição, podendo desfrutar desse contato mais íntimo e subjetivo nos momentos de lazer. Face que mulheres, que praticam atividades físicas na natureza apenas com objetivo de se divertirem, desfrutam tais momentos com mais tranquilidade, sempre como uma oportunidade de encontro com os elementos da natureza e consigo mesmas, de maneira relaxante, reflexiva, contemplativa e cuidadosa. Entendo que as atletas da Atenah se identificam com o primeiro tipo de prática descrito: o *agonismo*.

1.3.3 Ecofeminismo

A relação da mulher com o meio ambiente tornou-se mais evidente no final do século XIX, com o advento da industrialização e a conquista do tempo livre e do lazer (PROST, 1992). Desde então, o envolvimento da mulher com a natureza tem despertado interesse de pesquisadores e teóricos de várias áreas, como a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia,

entre outras. Dentro dessa perspectiva, alguns (as) autores (as) falam em “Ecofeminismo”. O termo *écófémínisme* ou ecofeminismo, na tradução para o português, tem origem nos anos 1960 e 1970, juntamente com o nascimento de novas ideias e movimentos populares e políticos, como os hippies, o movimento de libertação de homossexuais, o início de movimentos ecológicos e de resistência à energia nuclear, a ascensão da segunda onda e a terceira onda de feminismo e outros. O termo foi proposto pela primeira vez em 1974, por Françoise D'Eaubonne (1920-2005), jornalista e escritora francesa que publicou mais de 50 livros, entre ensaios, biografias, romances e livros infantis. Porém, seu nome e seu trabalho permanecem relativamente desconhecidos fora do meio acadêmico dos estudos de gênero (PAPUNEN, 2014).

A teoria ecofeminista alia temas de ecologia e feminismo, relacionando a destruição da natureza com a opressão das mulheres. Ela se contrapõe à teoria de gênero que busca desnaturalizar a associação entre mulher, natureza e procriação (SOUZA; RAMÍREZ-GÁLVEZ, 2006).

De acordo com a teoria ecofeminista de Eaubonne, as relações de poder refletem a relação do humano com a natureza, especialmente as relações entre os gêneros, centro desta análise. Segundo Eaubonne, a fonte da opressão do gênero feminino deriva da descoberta de homens sobre sua participação no processo de procriação, que ocorreu por volta do ano 3000 a.C. e o domínio dos homens na agricultura: dois fenômenos que, antes dessa data, tinham sido considerados quase exclusivamente como de domínio feminino. A estrutura da sociedade patriarcal, com toda a sua carga simbólica, religiosa, filosófica e psicológica, começou a se formar a partir daqueles tempos. A atual situação alarmante do planeta e dos seres vivos, segundo a escritora, é consequência direta do modo de vida ocidental, baseado em um racionalismo frio, consumo exagerado, distribuição desigual de bens, opressão e exploração (PAPUNEN, 2014).

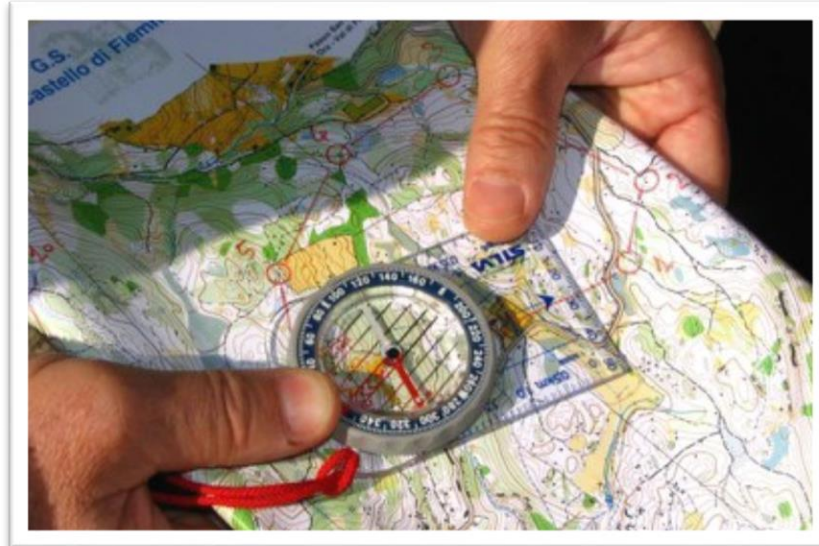
De acordo com o pensamento ecofeminista de Eaubonne, se os seres humanos desejam que o mundo continue a ser habitável, é necessária uma urgente mudança, não apenas de regime político e/ou econômico, mas uma mudança profunda nos níveis individual e coletivo. Dessa forma, Eaubonne esboça novas ideias sobre como organizar uma sociedade baseada na igualdade de gênero, na preservação da natureza e na igualdade dos povos.

Isso posto, observamos que ao longo da história dos esportes de aventura, na maioria das vezes as mulheres desempenham papéis coadjuvantes, permanecendo à sombra da figura do homem. Mas essa relação de poder, assim como todas as outras, nem sempre ocorre de forma passiva. Há resistência! Também é relevante destacar a importância da Equipe Atenah,

de corrida de aventura, a qual, ao quebrar o ciclo vicioso, subverte a ordem, concebendo uma equipe de CA exclusivamente composta por mulheres, criando, assim, mesmo que inconscientemente, uma agência de resistência.

2 CAMINHOS INVESTIGATIVOS E ORIENTAÇÃO

IMAGEM 1: Mapa e bússola



Fonte: <<http://portal.ifrn.edu.br/campus/natalcidadealta/noticias/ifrn-promove-palestra-sobre-corrída-de-orientacao>>.

Esta é uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo. A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, elaborada sob os preceitos da História Oral Temática (MEIHY, 1994):

Trata-se da conjugação da coleta de depoimentos combinada com outras fontes. Nesta situação, a História Oral cumpre um papel, digamos, complementar. [...] A História Oral Temática Híbrida goza de uma respeitabilidade maior porque equipara a voz do narrador aos documentos escritos (MEIHY, 1994, p. 60).

As entrevistas foram realizadas com cinco 5 (cinco) mulheres integrantes da equipe Atenah, as quais competiram entre os anos 2000 e 2007. Como fontes complementares à pesquisa, foram utilizados os materiais já publicados sobre a Equipe Atenah, como reportagens, matérias e depoimentos em jornais e revistas especializadas, além de documentos e informações das entidades de corrida de aventura, como associações, federações e Confederação Brasileira de Corrida de Aventura. As informações encontradas nesses documentos foram utilizadas para a definição da amostra e conhecimento prévio das informantes, ou seja, serviram como informações de base para a realização das entrevistas.

A partir da leitura dessas fontes, cheguei aos nomes das principais atletas da Equipe Atenah: Sílvia Guimarães, Eleonora Audrá, Fernanda Maciel, Marcela Toldi e Karina Lefrève

além de Cristina Carvalho, que, infelizmente, faleceu em 2015 por consequência de um câncer. Algumas atletas já eram conhecidas pelo fato de a pesquisadora também ser atleta de corrida de aventura. O primeiro contato foi feito com Sílvia Guimarães, capitã da Equipe Atenah, também conhecida como Shubi. Esse primeiro contato foi realizado por meio de redes sociais na internet. A informante prontamente concordou em colaborar com a pesquisa, cujo projeto foi-lhe enviado por *e-mail*. Após as etapas de agendamento e realização da entrevista, ela também colaborou enviando o contato das demais atletas, as quais, ainda hoje, mesmo com a distância física, continuam sendo suas amigas pessoais.

Como as atletas residem em lugares diferentes, duas em São Paulo, uma na França, uma na Nova Zelândia e outra na Espanha, optou-se por realizar as entrevistas por meio de chamada de vídeo no WhatsApp, aplicativo de *smartphone* que permitiu à pesquisadora e à informante se verem e se ouvirem em tempo real. Porém, somente o áudio das entrevistas foram gravados com uso de um gravador da marca Olympus, modelo VN-6200 PC. Embora haja algumas desvantagens em entrevistar por este meio, como eventuais problemas técnicos, são vantagens das entrevistas *online*: a capacidade de alcançar informantes distantes, permitir espaço seguro e conveniente para os participantes – como a sua própria casa – e a abertura para repetir respostas e perguntas (SEITZ, 2016).

As entrevistas foram realizadas após parecer favorável do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora, aprovado em 07 de novembro de 2017, sob o número 2.369.017. As participantes foram esclarecidas sobre a natureza da pesquisa e concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO I). Dada a representatividade das entrevistadas no esporte, perante a situação investigada, somada a intenção de melhor contextualizarmos a análise, solicitou-se a autorização do uso de seus nomes nas publicações resultantes deste estudo. As entrevistas foram integralmente transcritas, respeitando todas as formas discursivas apresentadas pelas participantes.

O Roteiro de entrevista (APÊNDICE A) foi elaborado em conjunto com a orientadora do estudo. Posteriormente, foi validado pelos pares, professores (as) membros do Grupo de Estudos em Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS) da Faculdade de Educação Física e Desportos.

As narrativas foram transcritas de acordo com o Manual Básico do Centro de Memória do Esporte (GOELLNER, 2012). A partir dos preceitos da Análise de Conteúdo (AC), foram formuladas hipóteses com o fito de explicitar e precisar direções de análise (BARDIN, 2008).

Dessa forma, a análise do material transcrito passou por três etapas: pré-análise, exploração do material e, por fim, o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. A etapa

de pré-análise consistiu em cinco fases: leitura flutuante, escolha dos documentos, formulação das hipóteses e dos objetivos, referenciação dos índices e elaboração de indicadores e preparação do material (categorização das respostas) (BARDIN, 2008).

A priori foram estabelecidas quatro grandes unidades de conteúdo, que constituíram os eixos orientadores do roteiro de entrevistas, são eles: As experiências esportivas na infância e juventude; inserção na corrida de aventura; a equipe Atenah e; por fim, a carreira esportiva na corrida de aventura. As categorias de análise, previstas na técnica de AC, foram elaboradas *a posteriori*, ou seja, após exploração do material. São elas: experiências esportivas na infância e juventude; surgimento/formação da equipe Atenah; dificuldades enfrentadas no esporte e estratégias utilizadas para superá-las e, por fim, a dispersão da equipe.

3 CUIDADO: MULHERES NA TRILHA

3.1 A EQUIPE ATENAH

IMAGEM 2: Da esquerda para a direita, Eleonora Audrá, Fernanda Maciel, Sílvia Guimarães e Cristina Carvalho (*in memoriam*).



Fonte: <adventuremag.com.br>.

Atenah foi uma equipe de corrida de aventura composta por integrantes mulheres. A equipe foi idealizada no ano 2000 pelas atletas Sílvia Guimarães (Shubi) e Eleonora Audrá (Nora), e foi concebida com o objetivo de participar das principais provas de CA do Brasil e do mundo. Essa equipe se manteve no cenário competitivo da CA no período de 2000 a 2007.

O nome Atenah faz alusão à deusa grega, Atenas, como relata Sílvia Guimarães em trecho da entrevista:

Eu comecei em 98, em 99 fiz algumas corridinhas. Aí no final de 99 os franceses vieram pro Brasil pra anunciar o “Elf”, que é uma corrida que teve em 2000, que é o “**Elf Authentique Aventure**”¹⁸ que é uma prova francesa que teve no nordeste. E aí eles vieram conversar com a gente, eu estava com um monte de amigas, a gente reclamando dos homens na corrida né, tipo, ah os caras tem bolhas, os caras não aguentam [riso]. E eles falaram assim “porque vocês não montam uma equipe feminina?” [...] A gente virou e falou assim: É, mas pode? Pode só de mulher? Ele falou: “Na minha prova pode” Aí a gente falou, nossa, vamos fazer, Daí a gente foi atrás de descobrir,

¹⁸ A primeira edição do Elf Authentic Adventure foi realizada em 1999 nas Filipinas, por Gerard Fusil. A segunda edição da competição foi realizada em 2000 na região nordeste do Brasil, onde trinta equipes largaram da cidade de Camocim, no Ceará, até José de Ribamar, no Maranhão, em 847 quilômetros distribuídos em 12 dias, nas modalidades de canoagem oceânica, vela, *mountain bike*, *trekking*, cavalgada, escalada, rapel e natação (FONSECA, 2017).

montou as quatro meninas, daí a gente foi inventar um nome, aí surgiu Atenah, por conta da Deusa Grega Atenas, que a força dela é psicológica, ela conseguia vencer as batalhas com estratégia e não com força. Então aí foi o que a gente, meu, o que é que mulher tem que pode ser melhor que o homem, é estratégia, porque força a gente não vai nunca conseguir. E aí foi daí que surgiu o nome Atenah.

Nessa primeira participação da equipe, em abril de 2000, num percurso de 800 (oitocentos) quilômetros, dentre as trinta equipes participantes, a Atenah conquistou um honroso oitavo lugar, em que apenas nove equipes conseguiram realizar o percurso completo. Segundo Sílvia Guimarães, esse bom resultado gerou um grande retorno da mídia, o que foi positivo para o crescimento da equipe. No mesmo ano, a Atenah sagrou-se campeã do Circuito Brasileiro de CA, na EMA, em Bertioga (SP), onde as jovens surpreenderam todas as outras equipes tradicionais, realizando um longo trecho de *trekking* trotando e correndo ao invés de caminhar, como era costume entre os (as) atletas, apresentando um excelente preparo físico. Essa emocionante vitória foi descrita na revista *Go Outside* por Cristina Carvalho, atleta da equipe que faleceu em 2015 por consequência do câncer de mama.

As memórias que eu tenho de cada corrida que fiz na cumplicidade dessas mulheres são inesquecíveis: numa formação absolutamente mais fraca que a maioria das equipes adversárias, conseguimos algumas vezes estar entre os melhores times do mundo [...] Vencemos o EMA (Expedição Mata Atlântica) do litoral na ousadia de correr uma etapa inteira de *trekking* numa época em que as equipes costumavam fazer essas travessias caminhando. Quebramos um tabu e terminamos a etapa tão à frente das demais equipes que nem nosso apoio estava lá para nos receber e foi em cima desta vantagem, de uma navegação perfeita e muita sorte que conseguimos nos colocar no topo do pódio naquele dia (CARVALHO, 2011, s/p.).

Ainda no ano 2000, a equipe participou da épica *Eco-Challenge*, na Malásia, conquistando a vigésima posição. No ano seguinte, a mesma prova foi sediada na Nova Zelândia e a equipe Atenah ficou em vigésimo oitavo lugar, entre outras equipes de formação tradicional – geralmente três homens e uma mulher. Em 2002, a equipe conquistou o oitavo lugar na tradicional competição *Raid Gauloises*, que ocorreu no Vietnã. No período entre 2000 e 2007, as atletas participaram das principais competições expedicionárias de CA no Brasil e no mundo, como a *Southern Traverse*, edições da *Eco-Challenge*, na Nova Zelândia e Ilhas Fiji, Campeonato Mundial na Escócia, *Ecomotion Pro*, Brasil *Wild* e outras. Entre outros destaques, estão o quarto lugar na “Terra Incógnita”, em 2004, na Croácia, e um inesquecível quarto lugar na *Ecomotion Pro* de 2006, sendo a primeira equipe brasileira a cruzar o pórtico (WEBVENTURE, s/d).

IMAGEM 3: Nora e Shubi em participação no *Raid Series*, no Marrocos

Fonte: <adventuremag.com.br>.

3.2 AS ATLETAS DA EQUIPE ATENAH

QUADRO 2: Atletas da equipe Atenah

	Sílvia Guimarães	Eleonora Audrá	Karina Lefrève	Marcela Toldi	Fernanda Maciel
IDADE	41	39	39	33	38
NACIONALIDADE	Brasileira	Brasileira	Brasileira	Brasileira	Brasileira
NATURALIDADE	São Paulo	São Paulo	São Paulo	São Paulo	Belo Horizonte
RESIDÊNCIA	São Paulo	Christchurch, Nova Zelândia	Miramar, França	São Paulo	Anserall, Espanha
ETNIA AUTODECLARADA	Parda	Branca	Branca	Branca	Branca
ESTADO CIVIL	Casada	Casada	Casada	Casada	Divorciada
FILHOS	Um filho	Um filho	Dois. Um casal.	Ainda não	Não
ESCOLARIDADE/ FORMAÇÃO	Graduada em Pedagogia	Graduada em Desenho Industrial	Superior incompleto em Educação Física	Superior Completo	Bacharel em Direito e Nutrição Esportiva
PROFISSÃO	Pedagoga	Organizadora de eventos	Agricultora e Técnica de Basquete	Administradora, empresária e atleta profissional	Atleta profissional e empresária

Fonte: Elaborado pela autora.

3.3 PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE DEUSAS

As histórias de deusas e figuras da mitologia grega, apesar de antigas, inspiram e estão presentes no imaginário de homens e mulheres da atualidade. Mesmo com o surgimento da ciência e da filosofia, os estudos dos mitos não se tornaram ultrapassados, pois ajudam a entender o nascimento do mundo, do ser humano e a da nossa própria existência (NOGUEIRA, 2018).

As atletas estudadas nesta pesquisa batizaram sua equipe esportiva com o nome de Atenah em alusão à deusa grega Atena que, geralmente, é descrita como a deusa da sabedoria e das artes, mas também é conhecida como a deusa da guerra. Segundo Shubi, o principal motivo da escolha dessa figura mitológica foi em função da sabedoria da deusa, fazendo menção ao forte componente que conferiu sucesso às meninas: estratégia de prova e navegação certa. Também podemos inferir que o fato de ser a deusa da guerra tem íntima relação com a constante comparação das atletas de CA com guerreiras ou mulheres aguerridas, fazendo um contraponto com o mito do guerreiro, geralmente associado aos homens na história dos esportes tradicionais.

Segundo Renato Nogueira (2018), as deusas heroínas e personagens míticas influenciam e retratam os modos de “ser mulher” ainda na atualidade. Em seu livro “Mulheres e Deusas”, o autor traz a história de deusas e figuras míticas femininas fazendo um comparativo com aspectos sociais, antropológicos e históricos da sociedade, analisando criticamente a forma de vida do patriarcado. O autor propõe uma reflexão sobre como alguém se torna mulher a partir da desconstrução de alguns mitos e de como essas personagens mitológicas ajudam a transformar as pessoas. Na conclusão, fala da “sororidade” entre as mulheres como alternativa para a desconstrução de valores patriarcais. Explica o conceito de sororidade que, assim como a palavra “fraternidade”, origina-se do latim: *frater* (irmão) e *soror* (irmã). Dessa forma a sororidade pode ser compreendida como a fraternidade entre as mulheres. Ainda segundo o autor, a sororidade pode ser eficaz no combate à supremacia e centralidade masculina.

A partir dessas considerações, podemos inferir que, ao contrário da narrativa mítica que retrata a rivalidade feminina, onde Atena condena Medusa¹⁹ ao isolamento e vergonha pública por meio da perda de sua beleza, a equipe Atenah age com sororidade. O desejo de

¹⁹ Medusa, deusa muito bela, foi selecionada pela deusa Atena para ser sua guardiã, mas, para tal, deveria manter-se casta. Porém, foi violentada por Poseidon, deus das águas. Ao pedir socorro à Atena, esta agiu de maneira violenta, transformando Medusa em uma figura horrenda, destituindo-a de sua beleza e imortalidade (NOGUEIRA, 2018).

formar uma equipe só de mulheres e a amizade e cumplicidade entre elas fortalece a figura da mulher no esporte, mostrando que elas podem ser protagonistas de suas próprias histórias.

Mas, a tradição da comparação das mulheres com deusas e musas no esporte pode ser um desserviço na luta das mulheres por espaço nesse campo, pois reforça sua sub-representação ao exaltar o aspecto estético das atletas em detrimento de sua *performance* e habilidade. Estudos de vários autores que pesquisam a mídia e o esporte demonstraram que a representação da imagem da mulher atleta pela mídia brasileira, historicamente, está envolta em uma nuvem de estereótipos, principalmente, relacionados à estética corporal (GOELLNER, 2005; MOURÃO, 2000; MOURÃO, MOREL, 2005; RIHAN, 2016).

A atleta Shubi já foi alvo desse tipo de veiculação, na qual uma revista elegeu as “musas” da competição, na ocasião da final do mundial de aventura em 2008. A seguir, segue um trecho da matéria veiculada no *site* da revista Isto É Gente, intitulada “Musas Aventureiras - As atletas da corrida de aventura Ecomotion/Pro provam que é possível unir força e vaidade numa das competições mais completas - e difíceis - do mundo”:

Mas engana-se quem pensa que uma corrida de aventura é território apenas masculino. As mulheres representavam 25% dos atletas das 60 equipes participantes do Ecomotion/Pro. E, além de poderosas, elas são belas e vaidosas. Gente elegeu as musas da competição: Sílvia Guimarães, a Shubi, 32 anos, que participa das corridas de aventura há dez anos e se tornou uma referência no esporte, com cerca de 80 participações em competições nacionais e internacionais; e Suyanne Lourenço Freitas, 27 anos, que se apaixonou pela categoria há três anos [...] (FRUTUOSO, 2008, s/p).

Já no título, as atletas recebem a denominação de “Musas Aventureiras”, e, no discurso, são utilizados adjetivos como, belas e vaidosas, típicos da forma preconceituosa da mídia na apreensão limitada do universo feminino. Na mesma matéria, observa-se que a repórter se empenha em questionar sobre os cuidados com a beleza e a vida afetiva, o que reforça a visão já destacada por Silvana Goellner (2013) e colaboradores (as), de que, às mulheres, interessam os atributos de bela, feminina e maternal, pouco importando sua potencialidade em outros campos, como por exemplo, no esporte.

3.4 AS EXPERIÊNCIAS ESPORTIVAS NA INFÂNCIA E JUVENTUDE

As atletas entrevistadas relataram que na infância e juventude praticaram diversos esportes convencionais e ao ar livre, além de atividades na natureza, como o campismo, o hipismo e outras. Todas as informantes obtiveram apoio e incentivo da família à prática esportiva, o que parece ter sido de fundamental importância para suas trajetórias na corrida de

aventura, como demonstram os trechos a seguir:

Duas coisas que eu sempre gostei muito que foi esporte e natureza... Meu pai fala que eu era uma indiazinha que eu desde pequena que eu ia à praia e pegava todos os bichos na mão, aparecia com minhoca, sapo [riso], recolhia coelho na... Em todo lugar... Então eu sempre fui bem bicho do mato (Sílvia Guimarães).

Ah, sempre gostei de esporte. Quando eu era pequena meu pai tinha uma fazenda então eu vivia sempre *outdoor*, sempre me aventurando [...] nadava, de pequena... Bicicleta e... Sempre gostei de estar ao ar livre, praticando atividade física, acampando [...] (Eleonora Audrá).

[...] sempre brinquei muito, andei a cavalo, andava de bicicleta com a molecada. Enfim, minha vida era muito livre né, até os nove anos eu morei em fazenda e daí eu vim com dez anos pra São Paulo e sempre fiz muito esporte. Fiz todos os esportes assim que tinham no meu clube, porque em casa era obrigação fazer algum esporte. Então eu fiz natação, fiz ginástica olímpica, joguei futebol, pólo... Putz... Balé já... (Marcela Toldi).

Nas narrativas fica claro que o estilo de vida *outdoor*, ou seja, as atividades em contato e interação com a natureza é comum entre as participantes que, desde a infância, são incentivadas, geralmente pela própria família. Belinda Wheaton (2004) utiliza o termo *Lifestyle Sports* para tratar as atividades neste trabalho chamadas de “esportes de aventura”. A autora adota essa terminologia baseada na forma como os praticantes definem sua modalidade em detrimento dos esportes ditos convencionais. De acordo com Belinda, esportes de estilo de vida caracterizam-se como um movimento que perdura durante todo ciclo de vida dos praticantes. Essas pessoas possuem um estilo de vida distinto, muitas vezes, alternativo e que lhes confere uma identidade social particular e exclusiva.

Outro ponto importante a ser observado é que, a partir dos relatos, foi possível perceber que as informantes nasceram em famílias de classe média e alta, fato que corrobora os estudos de Luciana Abdalad e Vera Lúcia Costa (2009), de que, de modo geral, a inserção das meninas e mulheres no esporte ocorreu de forma lenta, porém significativa, principalmente para as mulheres mais ricas. Esse fato também é observado nos esportes de aventura, cujos equipamentos necessários para a prática são de elevado custo financeiro. Esse aspecto explica o motivo pelo qual esses esportes são, normalmente, praticados por mulheres com um maior poder aquisitivo.

Essa questão de classe social foi claramente exposta na maioria das entrevistas, como é demonstrado, por exemplo, no trecho que segue:

[...] uma coisa que não dá pra negar que em corrida de aventura é um esporte mesmo, assim de gente rica [...] Então a gente sempre tinha né, em último dos casos, os pais atrás né, pra qualquer coisa. Sempre (Karina Lefrève).

[...] Corrida de aventura é um esporte caro né, então assim, eu curti muito enquanto a gente tinha apoio e patrocínio. Então a gente pôde viver esse sonho porque, pra gente, financeiramente, foi viável assim [...] E corrida de aventura é muito caro, é um esporte que, financeiramente você... Se você não tem muito dinheiro é inviável (Marcela Toldi).

[...] Ah, é um esporte que você tem que ter bastante dinheiro né? Pra poder... São vários esportes, é muita logística, são muitas horas de treinamento [...] (Fernanda Maciel).

A origem familiar abastada, revelada pelas mulheres da equipe Atenah, entretanto, não lhes confere mérito menor em seus feitos. Elas “transgrediram” a “norma” num território dominado por homens, frequentemente “não negros”, ou seja, um lugar de masculinidade hegemônica, notadamente presente nos espaços de natureza, onde a mulher é o “outro” (HUMBERSTONE, 2007). Porém, é importante destacar que apesar de a Atenah se caracterizar como minoria no esporte, por ser formada por mulheres, mantereí o foco analítico na categoria gênero, considerando que outras abordagens em estudos feministas consideram interseccionalidades como gênero, sexualidade, raça e etnicidade. As atletas investigadas são, em sua maioria branca, de classe média/alta e heterossexuais, o que lhes confere maior amplitude nas possibilidades de agência política (PISCITELLI, 2008).

Também é importante destacar a importância do incentivo familiar na prática esportiva das atletas entrevistadas. Ao serem questionadas sobre quem as incentivou às práticas esportivas, todas mencionaram incentivo de familiares, principalmente pai e mãe.

Ah meus pais. Meus pais, meus dois pais são do esporte assim, não que nem eu né, porque eu sou um pouco além [riso] mas desde sempre né, colocaram em aula de esportes pequenininha, aula de natação... Me incentivaram a vida inteira (Sílvia Guimarães).

A minha mãe. Minha mãe sempre, sempre foi em prol do esporte, então ela sempre, uma coisa que ela sempre quis incentivar todas as filhas era [palavra inaudível] esporte, tanto é que ela colocou a gente no balé desde pequena, natação... Mas ela sempre foi minha fã número um e sempre a maior incentivadora [...] (Eleonora Audrá).

Ah meu pai. E eu tinha um primo também assim, que me iniciou nas corridas de aventura, que chama Alexandre e ele me levava pra pedalar, quando uns 15, 16 anos... E eu comecei a pedalar também [...] (Karina Lefrève).

Meus pais, sempre [...] E lá em casa sempre foi obrigação. Fazer esporte, mas a gente gostava. Então ficava sempre trocando de modalidade, na

verdade né (Marcela Toldi).

Meu pai e minha mãe (Fernanda Maciel).

3.5 INSERÇÃO NA CORRIDA DE AVENTURA

As atletas da Atenah se inseriram na CA por volta dos 20 anos de idade, todas por convite de homens, como amigos, primos ou conhecidos. Esse fato nos leva a pensar que a obrigatoriedade de equipes mistas de gênero pode contribuir para a inserção das mulheres nesse esporte. Se não houvesse tal exigência, talvez as equipes fossem formadas exclusivamente por homens.

[...] um amigo meu me liga um dia e fala: “Ah Shubi, vai ter uma corrida aqui no Brasil que tem que remar, pedalar e andar no mato, vai ser na Ilha Bela, você quer fazer?”. E eu, ah, quero. E aí era o primeiro EMA né, foi o EMA 98, foi a primeira corrida que teve aqui no Brasil (Sílvia Guimarães).

Em 98 o Alexandre Freitas fez a primeira... O primeiro EMA no Brasil, né, e aí eu fui... Aí meu primo que me iniciou nas pedaladas que me chamou, que precisava de uma equipe mista e ele me chamou pra fazer essa prova (Karina Lefrève).

[...] o Peu, que é o irmão da Shubi me convidou pra fazer uma prova pela FAAP [...] uma prova que eles faziam para os alunos, interna e... Corri várias edições dessa provinha dentro da faculdade, corri na equipe da faculdade que eles tinham, patrocinavam e tal que era, enfim, o irmão da Shubi [...] (Marcela Toldi).

[...] até então eu só corria. E [silêncio]... E daí depois é... Aí teve três homens aqui de BH que me chamaram pra fazer um Ecomotion, na Serra do Cipó também (Fernanda Maciel).

Para além das questões de gênero, é importante destacar que a CA é um esporte de difícil acesso, primeiramente pelas habilidades exigidas aos atletas, por se tratar de uma competição com várias modalidades esportivas. Além do condicionamento físico, há a logística de prova, a vasta quantidade de equipamentos necessários e a necessidade de formação de equipe, ou seja, de encontrar, no caso do quarteto, quatro pessoas dispostas a competir e com um objetivo comum. Imma Canales, Francisco Lagardera e Jesús Perich (1995) classificaram o acesso às atividades físicas, conforme o quadro a seguir:

QUADRO 3: Classificação do acesso aos esportes na natureza

	. ACTIVIDAD FÁCIL ACCESO	. DIFÍCIL ACCESO
. TECNOLOGÍA	. Inecesaria	. Uso de materiales y medios que penniten aprovechar la orografía del terreno
. CONDICIÓN FÍSICA	. No condicionante	. Requerimiento de ciertas dosis de esfuerzo
. ARRAIGO	. Populares	. Minoritárias

Fonte: CANALES; LAGARDERA; PERICH (1995).

Quando questionadas sobre as dificuldades de inserção na CA, a maioria das atletas respondeu que não encontrou muita dificuldade, além das esperadas, como o condicionamento físico, a ansiedade/medo por se tratar de uma nova prática esportiva e a formação de uma equipe equilibrada em termos de habilidades físicas. A questão financeira não foi mencionada, significando que não constituiu um problema, levando-se em conta a quantidade de equipamentos exigidos para a participação nas competições de CA. Nas narrativas, no entanto, é possível identificar a obrigatoriedade da presença da mulher na equipe, como ponto positivo para sua inserção no esporte.

Não, até porque a gente teve muita sorte, eu acho [...] a regra [...] naquela época, era uma mulher por equipe. Aí a gente começou a ir muito bem nas provas, que a gente passou a ganhar prova [...] várias provas aqui, aí mudaram a regra né, aí a regra virou um do sexo oposto... Aí a gente começou a fazer algumas corridas com um homem, porque era obrigatório (Sílvia Guimarães).

[...] a maior dificuldade no começo [...] era a equipe, porque como era um esporte muito novo [...] A gente não sabia o quê que era determinante numa equipe [...] O que um companheiro de equipe perfeito deveria ter, quais seriam as qualidades e habilidades de um companheiro, era mais assim, na época era... Tem uma equipe aqui precisando de uma mulher, você quer fazer? Ah, sim, claro... Acho que essa foi a maior dificuldade [...] Assim, claro que tem a dificuldade do condicionamento físico, dos desafios que tem durante a prova. Mas eu acho que o maior desafio no começo era encontrar qual era o melhor equilíbrio de uma equipe, dos integrantes dentro de uma equipe (Eleonora Audrá).

Ainda, é importante destacar que, na fala de Sílvia Guimarães, fica claro que a variação da regra entre as provas, no que se refere à formação das equipes, permitia à Atenah competir com equipe exclusiva de mulheres ou convidar um integrante homem, caso a regra assim exigisse. Esse fato nos leva a pensar que, em algum momento na história da CA, a equipe Atenah causou desconforto, o que levou os organizadores a elaborarem melhor a redação de seus regulamentos, de forma a não haver brecha na interpretação que pudesse

permitir uma equipe exclusiva de mulheres.

Atualmente, ainda é possível encontrar nos regulamentos das competições brasileiras, variação quanto à redação das regras sobre a formação das equipes. De acordo com o regulamento do RBCA, para que a equipe pontue no *ranking*, o quarteto deve conter “pelo menos uma integrante feminina²⁰”. Mas no *site* do “Circuito *Adventurecamp*”, o quarteto da “Categoria Mista PRÓ”, deve ser composto por “4 (quatro) participantes, sendo um do sexo oposto²¹”.

A “regra de gênero”, que exige que as equipes sejam mistas, não apenas como prova da resistência das mulheres, mas como demonstração de que a “especialização” específica das equipes é importante, está presente no discurso dos praticantes de CA, os quais, embora reconheçam as habilidades físicas das mulheres, sugerem que sua especificidade (em equipe) é valorizada em relação à força física associada ao sexo masculino. Ou seja, a gestão de risco, considerada chave no sucesso nas provas de CA, é uma qualidade atribuída com mais frequência às mulheres. Assim, o discurso da CA dá prioridade à gestão de risco (atribuída às mulheres) como mais fundamental numa equipe, do que a resistência/força física (atribuída aos homens), parecendo, no nível do discurso, constituir um local de desporto igualitário – se não feminino – tendencioso (KAY; LABERGE, 2004). Mas, na prática, parece que não é bem assim, como veremos posteriormente.

Segundo Barbara Humberstone (2007), o esporte e a Educação Física são contextos sociais, onde discursos e práticas normalizam formas tradicionais de masculinidade e excluem outras formas de masculinidades e feminilidades. A transgressão às normas pode ser uma consequência de resistência consciente e julgada como uma ação feita “ilegalmente” ou em contradição ao senso comum. Portanto, explorar as formas como se reage à transgressão destaca os processos hegemônicos, ou as lutas por determinadas ordens sociais num campo.

Nas entrevistas, também fica claro sobre o pioneirismo das atletas na CA em nível nacional, o que confere a elas notoriedade ainda maior na história desse esporte, já que participaram do início da CA no Brasil e ainda tiveram a ousadia de transgredir as normas de gênero do esporte.

[...] quando a gente começou corrida de aventura aqui no Brasil não tinha nada né, a gente foi com a cara e com a coragem fazer corrida. Você vê fotos minhas do Elf 98 de boné de brim, oclinhos redondinho, tipo... Tênis Nike de corrida, mochila cargueira gigantesca, moletom do “**Hard Rock Café**”

²⁰ Disponível em <<https://rbca.com.br/regulamento.php>>. Acesso em 07 dez. 2018.

²¹ Disponível em <https://adventurecamp.com.br/?page_id=87>. Acesso em 07 dez. 2018.

[risos] sabe. Não tinha fleece²², não tinha capa de chuva né, as mochilas não eram, não eram essas mochilinhas de ataque²³, não tinha [...] Era tipo a primeira corrida do Brasil, vai se vira [risos]. Então era coisa de vontade nossa mesmo... E eu tinha grandes amigas que é a Nora, que mora na Nova Zelândia [...] A gente já fazia umas baladas de acampamento selvagem muito, a gente ia mergulhar juntas, então já tinha uma dupla aventureira né, super da aventura também. Então eu já era muito aventureira antes da corrida de aventura (Sílvia Guimarães).

Ah, ninguém conhecia muito né, nós fomos pioneiros no Brasil, então ninguém conhecia muito, ninguém sabia muito. Achava diferente, estranho... Tipo aventura... Ninguém... Então não teve muito incentivo externo assim. Ninguém tinha noção de como era isso (Karina Lefrève).

Quando questionadas sobre como as pessoas, de modo geral, viam a participação delas nesse esporte, a maioria respondeu que era visto com estranheza pela maior parte das pessoas.

Ah, eu sempre fui considerada louca da turma né, na escola, na faculdade, eu era tipo a “nossa a Shubi, aquela maluca”, nossa “a Shubi, ela é maluca, ela... Ela fica andando no meio do mato, ela faz umas provas de dias... Nossa!”. Sempre a maluca. Mas a maluca que a galera curtia, entendeu? Sempre foi uma coisa muito curiosa (Sílvia Guimarães).

Olha, todos achavam que eu era maluca [risos], louca de pedra: “O quê que cê tá fazendo? O que é isso? Vai ficar sem dormir? Eu, nunca na vida... Ficar no meio do mato, perdida? Você é louca!” [risos]. Realmente, a reação das pessoas que não estavam no meio, era de que eu era louca [risos] (Eleonora Audrá).

[Riso] Ai, ninguém entende né? Quem não faz, não entende. Acha um absurdo, que é um negócio assim, bem a cara de *Eco-Challenge*, que é [palavra inaudível] uma expedição, que passa na TV, que é surreal, que você tá arriscando sua vida e tal... Então é... Acho que muita gente admira mas acha é... É muito distante da realidade. Não é? (Marcela Toldi).

Sempre viram de forma positiva, tanto que eu era advogada também, e todos me respeitavam... E também naquela época a gente ganhava, é... Tinha patrocínio, ganhava dinheiro né, com o esporte. Então sempre foi visto de forma positiva (Fernanda Maciel).

Essa reação à transgressão das atletas reforça a norma da natureza selvagem como um lugar inapropriado para as mulheres, ou seja, como território masculino, onde as mulheres estão “fora de lugar” (HUMBERSTONE, 2007). Ao mesmo tempo, como notado na última narrativa, a agregação de “capital simbólico econômico” (BOURDIEU, 2012) pode transferir legitimidade à ação. Parece que as reações de estranheza não significaram dificuldades na

²² Peça de roupa de tecido tecnológico que funciona como vestimenta intermediária de um sistema de vestimentas em camadas, muito utilizado por montanhistas.

²³ Mochila esportiva leve, para atividades que necessitam de pouca quantidade de equipamentos.

inserção das atletas na CA, sendo encaradas com bom humor pelas mesmas que, novamente, contaram com incentivo da família.

3.6 SURGIMENTO/FORMAÇÃO DA EQUIPE ATENAH

O desejo de formar uma equipe exclusiva de mulheres surgiu pelo descontentamento delas com o desempenho dos homens. Ironicamente, esse aspecto constitui um paradoxo com o histórico da participação das mulheres na maioria dos esportes de aventura na natureza, nos quais, comumente, elas são vistas como mais fracas e menos competentes que os homens. O desejo de correr entre amigas também foi relatado:

Foi no final do EMA 99, que era a semana de premiação, né, o encerramento da prova e... o Gerard Fusil, que era francês, que foi quem criou a corrida de aventura, lançou, criou o *Raid Galoises* e depois foi promovendo uma prova nova que ele estava organizando, que era o Elf... E a gente estava lá [...] E todas nós estávamos, tínhamos competido em equipes diferentes e todas nós tivemos problemas com os homens [riso] das nossas equipes. Porque no começo era muito assim... Os homens... Como eles não... Ninguém conhecia muito o esporte era difícil de, de regular, de começar, balancear o ritmo. E os homens sempre acabavam indo muito mais... Fazendo... Se quebrando²⁴, e indo mais rápido, mais forte do que precisavam e... E acabava que no final da prova eles estavam bem mais destruídos que a mulher... Que nós mulheres. A gente acabava se cuidando mais durante a prova. É porque acho que a gente tem mais sensibilidade sobre o nosso corpo do que os homens. E... E aí a gente estava conversando e nós sempre éramos... Nós éramos bem amigas, a gente treinava juntas e a gente “Ah, poxa, esses homens né! Putz grila, não sei o quê. Pô seria bem legal a gente fazer uma prova só entre mulher né, só a gente, nós, amigas...” E aí a gente surgiu “Ah, vamos então montar uma equipe pra esse “Elf”. E aí a gente foi conversar, até conversou com o Gerard Fusil e na hora ele adorou a ideia: “Nossa, equipe toda feminina? Com certeza [...] Na verdade a gente criou a equipe não só pelo fato de... Da nossa experiência com os homens ter sido um pouco frustrante, mas mais pelo fato de estar competindo com... Entre amigas né... Porque é uma experiência bem né... Não sei se você fez uma corrida longa, mas é uma experiência muito... Muito marcante e... E é super legal você fazer com pessoas que você conhece bem... E isso acaba interferindo no seu resultado. Na dinâmica da equipe [...] Como a gente ia competir entre amigas, essa dinâmica ia ser mais fácil, mais eficiente (Eleonora Audrá).

Ao criar a equipe Atenah, essas atletas ousaram, transgredindo a norma da CA, trazendo à baila os limites de masculinidades e feminilidades, bem como borraram a delimitação da “natureza como espaço masculino” (HUMBERSTONE, 2007). As “corridas de

²⁴ Quebrar é uma palavra utilizada pelos esportistas de *endurance* quando uma pessoa se esgota fisicamente. Pode ser entendida como situação de fadiga central ou periférica.

expedição” (geralmente de 5 a 10 dias) foram as provas prediletas da Equipe Atenah. Essas provas exigem que os (as) participantes formem equipes com meses de antecedência. Em preparação para a corrida, as equipes devem financiar, equipar e treinar todos os membros. Eles devem ter habilidades específicas em atividades de alto risco, como técnicas de escalada, orientação, *canyoning*, *mountain biking* e outras. Eles devem treinar até vinte horas por semana enquanto equilibram – às vezes sacrificam – o trabalho e a vida familiar. Uma vez em curso, os (as) atletas são obrigados a suportar a privação de sono, dor, perda de peso, doença, lesão, condições meteorológicas extremas e terreno hostil. Os (as) atletas devem administrar e transportar durante dias seus alimentos, água e equipamentos e continuamente passar por áreas isoladas e desconhecidas, com o mínimo de descanso e/ou sono (KAY; LABERGE, 2004).

3.7 MEMÓRIAS DE ATENAH: TRAJETÓRIAS E GLÓRIAS

IMAGEM 4: Equipe Atenah no Ecomotion Pro 2006.



Fonte: Wladimir Togumi²⁵.

3.7.1 Dificuldades enfrentadas no esporte e estratégias utilizadas para superá-las

Quando questionadas se sofreram preconceitos pelo fato de a equipe ser formada exclusivamente por mulheres, a maioria das atletas relatou que não perceberam preconceito direto, exceto no início, em casos isolados.

Não... Ah, no começo tinha é, um pouco, de “ah, é mulher” [...] quando nós formamos a Atenah [...] as equipes de apoio durante o evento, durante a prova, faziam apostas pra quando a equipe, a nossa equipe ia desistir. Então, se você ver isso tem um pouco de preconceito. Acho que na verdade serviu mais como uma piada, mas se você for ver a fundo, pode ser chamado de preconceito (Eleonora Audrá).

Então, no comecinho também teve uma corrida que a gente ganhou e aí rolou uma mentirada, assim, a galera começou a dizer que a gente estava pagando pra alguém mostrar caminho. Teve uma vez, que foi, uma corrida só, que foi a segunda corrida que a gente ganhou de todas as equipes, só com uma mulher [...] a galera saiu matando, assim, os atletas mesmo, dizendo que a gente estava roubando... Que não era possível a gente ter ganhado... Enfim, mas depois a gente provou que a gente ganhou mesmo [risos] [...] É claro que umas equipes, várias, tinham richa com a gente, quando a gente passava

²⁵ Disponível em <<https://www.adventuremag.com.br/noticias/5/5046/que-daqui-para-a-frente-tudo-seja-diferente-deste-comeco-de-2016.html>>.

correndo num “*trekking*”, os caras ficavam muito bravos sabe? (Sílvia Guimarães).

Não, não existia preconceito não, acho que existia um pouco mais de... Ah... Como é que eu falo? Às vezes um pouco de inveja, assim, porque a gente conseguiu juntar quatro atletas fortes... Então... Algumas equipes masculinas falavam: Nossa todas... As quatro melhores brasileiras estão ali, então é... [riso]. Isso, mais ou menos, era uma sacanagem pra eles, eles viam assim entendeu? De certa forma, os homens [riso]. E agente não, pra gente era uma coisa muito natural (Fernanda Maciel).

As narrativas corroboram os achados de Joanne Kay e Suzanne Laberge (2004), em estudo denominado *Mandatory Equipment: Women in Adventure Race*, já citado anteriormente. As pesquisadoras utilizam as concepções de “campo”, “capital” e “poder simbólico” de Pierre Bourdieu como arcabouço teórico para explicar a CA como processo social dotado de um sistema simbólico construído simultaneamente por discurso e prática. Conquanto a regra da competição garante a permanência das mulheres no esporte, enredada por um discurso igualitário, na prática, a naturalização da diferença/fraqueza das mulheres e o privilégio da força física (atribuída aos homens) como “capital dominante no campo” legitimam a dominação dos homens na CA.

O “campo”, segundo Bourdieu (2012) pode ser entendido como uma arena social, um espaço de conflito e competição, no qual as lutas acontecem pelo acúmulo de diferentes formas de “capital simbólico” (físico, social, cultural, econômico, etc.) nele valorizadas. O Capital simbólico, portanto, confere prestígio, distinção, influência e poder a quem o detém. Dentro de um campo, as lutas dos agentes sociais ocorrem não apenas sobre formas particulares de capital nele eficazes, mas também sobre a própria definição de qual forma de capital é mais valorizada (o capital simbólico dominante).

O “poder simbólico”, segundo Bourdieu (2012), é um poder invisível, quase mágico, o qual permite conquistar o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica). Este poder arbitrário só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não reconhecem que lhe estão sujeitos, ou que o exercem. Agentes sociais que possuem o “capital simbólico” dominante em num campo, detêm o “poder simbólico” do mesmo.

Para Pierre Bourdieu (2012), o discurso é o principal meio usado pelos grupos dominantes para impor uma visão/divisão hierárquica do mundo. O “não reconhecimento”, por parte dos dominados, do caráter tendencioso do discurso é o que garante sua subordinação. Nesse sentido, o não reconhecimento da arbitrariedade e preconceito masculino inerente à forma de prática da CA, é o que mantém e reproduz a dominação masculina no esporte (KAY; LABERGE, 2004).

Entretanto, enquanto nos estudos de Kay e Laberge (2004) as mulheres de equipes tradicionais utilizavam-se de “estratégias de conservação” para acumular diferentes formas de capital simbólico (físico, social, cultural, econômico, etc.), reificando sua própria subordinação, as atletas da Atenah, ao formarem uma equipe exclusiva de mulheres, utilizaram-se de “estratégia de subversão”, travando, mesmo que inconscientemente, uma luta por poder no campo da CA.

Segundo Bourdieu (2012), mesmo que essas estratégias sejam orientadas por interesses, elas não são o resultado de uma escolha racional, e sim, gerados pelo que o sociólogo chamou de “sentido prático” ou “sentir pelo jogo”, ou seja, a forma prática como os agentes sociais respondem às oportunidades e restrições de uma determinada circunstância de acordo com sua posição de poder em um campo. Portanto, a formação da equipe Atenah foi possível porque as atletas gozavam de capital simbólico (físico, cognitivo, financeiro e social).

Como estratégias para superar as dificuldades, algumas atletas utilizaram a palavra resiliência e, mesmo no discurso das informantes que não utilizaram esta palavra, foi possível perceber que possuem características de resiliência. As estratégias de equipe e de prova também podem ser entendidas como uma estratégia para manterem-se no esporte, já que foi fator fundamental para a superação das dificuldades encontradas e os bons resultados da equipe nas competições:

[...] essa história de resiliência psicológica [...] a gente aprendeu na prática que em vários casos as meninas, a gente sofreu pra caramba e que foram super resilientes e [...] assim, aprendi que cada mínimo detalhe conta e a sua cabeça tem que estar cem por cento naquele negócio, comprometida em todo momento, no nível mais alto. E é isso que faz a diferença (Marcela Toldi).

[...] Estratégia sempre foi nosso gancho né. Estratégia e eficiência em transição, tomada de decisão. São as coisas que mais, é... Fazia a gente ganhar tempo. A gente sempre teve transições muito rápidas. E a gente sempre foi muito rápida em tomada de decisão [...] (Sílvia Guimarães).

Retomando os conceitos de *reproductive agency* e *resistant agency* de Shari L. Dworkin e Michael A. Messner (1999), é curioso observar que existe um paradoxo nas estratégias utilizadas pela equipe Atenah. Ao mesmo tempo em que elas utilizaram uma “estratégia de subversão”, configurando uma “agência resistente” na formação de uma equipe exclusiva de mulheres, as estratégias anteriormente citadas caracterizam “estratégias de conservação” ou “agência reprodutiva”, pois possuem como único objetivo a manutenção da posição das mulheres no campo, legitimando, assim, sua subordinação. Esse fato fica claro no

trecho de entrevista a seguir:

[...] Tiveram várias etapas de remo na Croácia e [...] remo é uma modalidade que pra mulher é muito difícil [...] E a gente sofreu pra caramba nos trechos de remo e buscava vantagem nos trechos de *trekking* e de *mountain bike*. [...] Essa prova, assim... A gente chegou... na verdade a gente chegou em terceiro lugar, mas eles arrumaram um jeito de dar uma zona lá nos resultados e colocar a gente em quarto, pra não pagar premiação, mas a gente foi super bem e... Apesar dessa limitação. Era tipo sessenta e cinco por cento da prova era remo. Então... A gente fez um milagre, sabe? (Marcela Toldi).

Mas você acredita... Nessa questão do resultado. Você acredita que foi pelo fato de serem mulheres? Uma equipe exclusiva de mulheres? (Fabiana Silva – Pesquisadora).

Não. Eu acho que... Ele convidou, na verdade a equipe, então ele deu a inscrição pra gente então... É... Eu acho que ele queria premiar em dinheiro aqueles que tinham pago... É... Pagado pra fazer a prova, sabe? Então... A gente... A gente foi lá mais por *marketing*, que ele não convidou nenhuma outra equipe. Todas as outras pagaram pra fazer inscrição. Mas foi super legal. Foi fantástica a experiência. Pra nós quatro. Foi demais (Marcela Toldi).

Segundo Joanne Kay e Suzanne Laberge (2004), a CA constitui um sistema simbólico de classificação social, servindo como instrumento de dominação, legitimando a hierarquização social e estimulando, como explica Bourdieu, os dominados a aceitarem as hierarquias existentes no campo. Dessa forma, pelo discurso das atletas, é possível observar que elas jogam o jogo da CA ao não perceberem, ou fingirem não perceber, as regras da manutenção da hierarquia de gênero, pormenorizando as dificuldades enfrentadas frente às experiências positivas vividas no esporte.

A fluidez na utilização de diferentes tipos de estratégias, também foi constatada no estudo de Jason Laurendeau e Nancy Sharara (2005), com mulheres praticantes de *snowboard* e paraquedismo. Tais mulheres, ao utilizarem estratégias para negociar espaço nesses ambientes dominados por homens, se dedicam, em grande parte, às estratégias que desafiam fundamentalmente o contexto institucional que às vezes as marginaliza e banaliza. Seus achados também apontam para uma fluidez da agência reprodutiva e agência de resistência. Como as mulheres continuam a fazer incursões no terreno dos esportes de aventura, elas empregam estratégias que frequentemente mostram elementos de resistência e reprodução. No campo do paraquedismo, os autores encontraram mais evidências de resistência e atribuíram esse elemento a vários fatores. Um deles diz respeito à faixa etária das mulheres praticantes de paraquedismo, que tendem a ser um pouco mais velhas e, por isso, normalmente

encontram-se profissionalmente mais estabelecidas do que as praticantes de *snowboard*. Segundo os autores, talvez elas tenham mais experiência e confiança para exercer esse tipo de agência. Já no *snowboard*, parece que, ao se inserirem nesses espaços esportivos, as meninas e mulheres mais jovens negociam seu espaço por meio de “agência reprodutiva”.

Quando questionadas se alguma vez sentiram falta da presença de um homem na equipe, as atletas mencionaram a força física como atributo masculino e, portanto, uma fraqueza em seu time, reforçando essa qualidade como “capital dominante no campo”. Porém, ao mesmo tempo, demonstraram ironia na narrativa, como quem reforça um estereótipo de gênero.

Não, pra não dizer que não tem vontade de ter homem na equipe, foram alguns poucos momentos... É sempre quando a gente tem que fazer alguma portagem com caiaque. É sempre quando tem que carregar o caiaque pra algum lugar [risos] na hora da força física, da pura força física [riso] que a gente precisava de um homem [risos]. Só [risos] (Sílvia Guimarães).

Quando tem que carregar muito peso assim [risos]. Sinto falta de um homem [risos]. Mas depende também né, porque às vezes que você acha que vai ajudar e há vez que atrapalha [risos] (Eleonora Audrá).

Não [risos]. Realmente não (Karina Lefrève).

Não [risos]. Sinceramente, não [risos]. Pra carregar, só. Mas aprende. O ser humano se adapta à tudo. Não senti falta (Marcela Toldi).

Segundo Bourdieu “[...] as próprias mulheres aplicam a toda realidade, e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas, esquemas de pensamento, que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundadoras da ordem simbólica [...]” (BOURDIEU, 2017, p. 54). Ou seja, as mulheres aplicam categorias construídas do ponto de vista dos homens (dominantes) às relações de dominação, o que as faz (categorias) serem vistas como naturais (BOURDIEU, 2017).

A relação de dominação entre os gêneros está fundamentada na estrutura de um “mercado de bens simbólicos”, no qual o homem é o agente e as mulheres são tratadas como objetos, que nele circulam (BOURDIEU, 2017). Nesse sentido, podemos refletir sobre a alta circulação das mulheres entre as equipes tradicionais de corrida de aventura.

Sobre a melhor formação da equipe, se exclusiva de mulheres ou com um integrante homem, a maioria das atletas considera que a formação só com mulheres foi a que obteve mais sucesso, principalmente nas *expedition races*, por motivo de entrosamento da equipe, objetivos comuns, afinidades, estratégias e ritmo de prova. Mas, também é possível notar no discurso das atletas a atribuição de valores como estratégia de equipe, controle emocional e

cuidados com o corpo, como atributos das mulheres, reforçando normas de feminilidade.

A minha equipe de 2006 e 2007 que era eu, Nora, Cris Carvalho e Fernandinha Maciel, foi disparada a melhor equipe que a gente já montou, entendeu? A gente, realmente, matava a pau, assim [risos]. Era assim a mais atlética, com conhecimento de aventura, navegação... E sinergia de equipe [...] Mas se me perguntar hoje o que que eu acho que é o perfeito, o perfeito é dois e dois. Assim, no geral, o que seria mais, uma equipe que funciona bem é dois homens e duas mulheres [...] a mulher faz muita coisa boa pra corrida de aventura. Essas coisas do cuidado com o próprio corpo [...] Você tem que ser sustentável, você tem que estar bem até o final. Não adianta se matar no primeiro dia ou... Aguentar uma dor no pé e não cuidar da bolha e no final você não estar andando né. Então eu acho que tem a parte que os... A parte emocional da mulher ela fala mais alto (Sílvia Guimarães).

[...] acho que tinha que ser um homem muito... Que não se importasse em estar atrás, né... **Behind the girls** [risos]. Tinha que ser alguém que tivesse né, que não tivesse, que não se importasse, não tivesse esse ego né, de querer... E eu acho que também porque, como era nosso objetivo né, nossa dinâmica de correr entre mulheres, a gente acabava tendo né, eu acho que estratégias, tudo, acabava correndo muito melhor quando era só quatro mulheres né, que já tinha né, já conhecia bem cada uma... e por isso também porque como a gente corre... Como a gente treinava sempre juntas... A gente se conhecia muito bem... Então eu digo que pra mim a gente... os melhores resultados que a Atenah teve foi quando era só mulher né, cem por cento feminina (Eleonora Audrá).

Então, provas curtas com um homem, dois até. E em provas longas com quatro mulheres era bem mais legal, porque prova longa é isso, é cabeça e limiar de sofrimento e chega uma hora que... Chega uma hora não, na verdade é que se você vai fazer um *trekking* de cinquenta quilômetros, não importa se você é homem ou se é mulher, é manter um ritmo, perdurar nisso né? (Marcela Toldi).

Ah, de todas sendo mulheres. [...] era mais ou menos equilibrado né, e cada uma era responsável por uma parte que era mais forte e... E... Como era muito as amigas assim, a **vibe** assim, era melhor entendeu? (Fernanda Maciel).

Interessante notar na fala de Eleonora Audrá que até para convidar um homem para participar da equipe, elas precisavam utilizar estratégia, pois não podia ser qualquer homem. Segundo Nora, tinha que ser um homem “que não se importasse em estar atrás... *Behind the girls*”, ou seja, que aceitasse a relação de poder dentro daquela equipe de super atletas, que aceitasse sua posição de subordinação dentro da equipe, posição esta que, culturalmente, não é confortável para um homem em relação à (s) mulher (es).

Mas, também há trechos em que papéis e habilidades atribuídas comumente aos homens aparecem como atributos específicos de algumas integrantes da equipe, mostrando que, mesmo na formação exclusiva de mulheres, além de usarem estratégias para suprir a

força física, por exemplo, apontam uma integrante da equipe como a mais forte, que fazia o “papel do homem da equipe”, provando que a força não é exclusividade dos homens.

Então, a gente então se distribuía melhor, assim, cada uma... Entendeu? Dividia melhor o peso... Se ajudava mais... A dinâmica mudava um pouco e a gente colaborava mais entre as quatro [...]. A Cris Carvalho, a gente correu com ela, era praticamente um homem [risos]. E também porque a Cris era bem autoritária, mas funcionou bem também (Marcela Toldi).

E quando questionadas sobre possíveis mudanças na equipe com a presença do integrante homem, algumas atletas também relataram sobre diferenças fisiológicas e comportamentais, como a força e a potência física, e o temperamento emocional explosivo, reforçando papéis e características atribuídas ao masculino e ao feminino.

A gente sempre usava estratégias pra suprir o que... A falta de força. Estratégia sempre foi nosso gancho né. Estratégia e eficiência em transição, tomada de decisão [...] A gente escolhia meninos que a gente se dava bem [...] que se entendia com a gente e que gostavam da gente. Mas é diferente... O homem quer estar sempre largar a prova mais rápido, entendeu? Largada é problema sempre, porque mulher não tem explosão igual do homem, então os cara quer largar tipo AHHH e a gente larga forte, mas não precisa se matar entendeu? Então... É mais a dinâmica assim, a gente sempre dava um jeito, até porque o fisiológico do homem e da mulher é diferente, então as necessidades e... Qualidades são diferentes também (Sílvia Guimarães).

Na verdade, assim, não sentia falta de homem quando a gente corria só com mulheres, mas quando o André participava, ele era um ponto muito neutro na equipe, porque era, enfim, do sexo oposto e acabava que, entendeu? A gente fica muito unida, porque são três mulheres, mas o André tinha uma visão, acho que de fora [...] Uma perspectiva mais ampla da equipe e acho que ajudava muito a neutralizar conflitos que a gente às vezes tinha. Então era muito legal, ele ajudava... Homem faz diferença, porque é muito mais forte, pra rebocar [...] (Marcela Toldi).

Sobre as maiores dificuldades na CA, a maioria das atletas as atribuiu não ao fato de serem mulheres, mas citaram os obstáculos que qualquer atleta encontra no esporte, como sono, frio, desgaste físico, acidentes, lesões ou doenças durante a prova e dificuldades financeiras, por se tratar de um esporte caro. Apenas duas atletas mencionaram dificuldades em relação aos integrantes homens, porém, uma delas ponderou, dizendo que essas dificuldades eram supridas com estratégia de equipe e outras qualidades físicas relacionadas às mulheres, como a resistência.

Eu acho que sempre nas corridas a maior dificuldade é sono [riso] [...] Ou

frio, quando faz frio. Porque brasileiro não se dá bem com frio. Mas... e também tem a parte financeira que é sempre um desafio né [silêncio]. Mas a gente passou bem vários anos (Sílvia Guimarães).

Acho que o maior perrengue que a gente passou foi quando a Nora teve... Teve uma infecção sanguínea no... Em Fiji. Ela teve que ser evacuada de helicóptero e a gente ficou meio preocupada... [trecho inaudível]. E uma vez também na Nova Zelândia, a gente tava no pico de uma montanha e eu tive uma crise de pânico (Karina Lefrève).

Corrida de aventura é um esporte caro né, então assim, eu curti muito enquanto a gente tinha apoio e patrocínio. Então a gente pôde viver esse sonho porque, pra gente, financeiramente, foi viável assim. É... Pessoalmente, eu... Como eu comecei mais nova e com menos base que elas, eu era mais fraca e em várias provas eu tive que ser rebocada e ia no limite assim, vinte e quatro horas, as vezes três dias, assim, num ritmo que era... Não um ritmo de *endurance*, mas um ritmo talvez de prova curta pra acompanhar todo mundo. Então, no começo eu sempre sofri muito com isso, mas eu me adaptei bastante [...] (Marcela Toldi).

Nossa maior dificuldade, né, quando a gente competia com mulher era a hora que tinha que ter mesmo o... A força... O físico de carregar bastante peso (Eleonora Audrá).

Ah, era o sono mesmo [...] Uai, assim, ser mais fraca e menos veloz que os homens. Mas em relação à resistência a gente conseguia mais ou menos estar equilibradas com eles (Fernanda Maciel).

A questão do preconceito poderia ser melhor formulada no roteiro de entrevista, dando ênfase ao fato de ser uma equipe de mulheres. Talvez esta tenha sido uma das limitações desta pesquisa, já que, a maioria das atletas, não relacionou a questão às relações de gênero.

Sobre a conciliação da carreira de atleta com a vida pessoal e profissional, a maioria das atletas da equipe precisou abrir mão do trabalho ou da faculdade no período mais competitivo da carreira, demonstrando que na ocasião não dependiam de renda de trabalho ou que conseguiram tirar alguma renda do esporte, direta ou indiretamente. Parece que a rotina intensa de treinos e as constantes viagens para o exterior, impediram algumas atletas de dedicarem-se ao trabalho ou ao estudo. Uma das atletas relata que quando ficou difícil a conciliação entre o trabalho e o esporte e, por isso, precisou reduzir o número de provas até abandonar a CA, optando pelo *triathlon*. Uma das atletas, que trabalhava como advogada na ocasião em que participou da Atenah, relatou que conseguia conciliar a carreira esportiva com a profissional.

Então, eu até saí do trabalho quando eu virei uma equipe, quando a gente começou a competir muito, eu parei de trabalhar em escola [...] Eu sempre

fui instrutora da **Outward Bound**²⁶ Brasil, que é a OBB. Então eu dava alguns cursos de educação ao ar livre. Então, né, entre as corridas eu dava aula em alguns cursos desses [silêncio]. E aí em 2005 eu montei uma escolinha de esportes de aventura na USP. Eu lembro que em 2002 eu parei de trabalhar com educação oficial né, em escola... Aí fiquei uns três anos só competindo [silêncio] e dando alguns cursos, e aí de 2005 a 2008, né. De 2002 a 2008 foi até que eu competi muito mesmo. Aí até 2008 eu tinha já a escolinha de esportes na USP (Sílvia Guimarães).

No começo, quando eu comecei eu ainda fazia faculdade, trabalhava... Aí com o tempo né, quando deu certo o “Elf”, a Atenah a gente acabou abrindo mão do trabalho e tentou se dedicar à corrida de aventura só. E eu consegui... demorou, mas eu consegui terminar a faculdade [silêncio]. E aí... O quê mais? Em 2004 eu me tornei instrutora da **Outward Bound** Brasil. Então consegui alguns trabalhos durante o final de semana ou feriados... Que acabava ajudando (Eleonora Audrá).

Eu era, assim, muito. Teve uma época que eu era... Prática de Yoga. Eu era instrutora do DeRose, então eu fazia muita Yoga. Yoga, Yoga, Yoga [risos] (Karina Lefrève).

À tarde, trabalho. Trabalhava no mercado financeiro e fazia faculdade à noite então pra mim ficou muito puxado. É... Tive que escolher. Fui diminuindo, entendeu? O volume de treinos e a dedicação. Migrei um pouco pro *triathlon*, e aí ficava com a base do *triathlon* pra correr prova de aventura, funcionou mas, daí é muito volume, é muita coisa, não estava dando (Marcela Toldi).

Claro, normal. Eu era advogada (Fernanda Maciel).

Sobre a vida afetiva, durante a participação na equipe Atenah, as atletas relatam que era difícil namorar sério, e que davam preferência ao esporte. É importante destacar que na ocasião, nenhuma das atletas era casada ou possuía filhos.

Ah, se você quer ser alta performance em corrida de aventura você tem que ter tempo pra treinar né? Porque é esporte de *endurance* [silêncio]. Então... Tem que ter várias horas do dia disponíveis né. É um estilo de vida [...] Tive vários no mundo inteiro [risos] Então, tinha, mas era difícil manter namorado por muito tempo. Os namorados sempre ficavam loucos né, porque eu viajava muito. E realmente, eu viajei muito, muito. Quando eu competi aventura, muito. Eu passava quatro meses no Brasil e picava a mula daqui toda hora [risos]. Então demorou mais né. Eu... Uma das coisas que eu sosseguei na corrida de aventura foi porque... Uma hora eu falei eu estava com trinta e três, eu falei, se eu não sossegar, daqui a pouco eu vou estar com quarenta e não caso, não arrumo marido, não vou ter filho, vou continuar rodando o mundo inteiro atrás de aventura e... [risos]. Vou ficar sozinha

²⁶ “Rede mundial de escolas de Aprendizagem Experiencial ao Ar livre, a qual tem como propósito ajudar as pessoas a desenvolverem todo seu potencial por meio de desafios na natureza. Outward Bound é um termo náutico e descreve o momento em que um navio deixa o porto seguro, rumo aos desafios do mar aberto”. Disponível em: <www.obb.org.br>. Acesso em: 20 abr. 2018.

[risos] (Sílvia Guimarães).

Eu tinha namorado quando eu comecei... Tinha namorado... Durou [silêncio]. Quando eu namorava... Comecei, eu estava namorando e aí... Durou até dois mil e... Dois. Mais tinha dificuldade, porque ele ficava bem bravo né, de eu viajar bastante pras corridas, com as provas... E... Então rolava bastante [riso], algumas brigas, toda vez que eu falava, que eu resolvia que eu ia fazer uma prova internacional, longe... Ele sempre ficava bravo. Tanto que depois né, acabou que o relacionamento não deu certo por causa disso, eu acho, um pouco. Né... Que eu senti um pouco a falta do suporte né, do apoio dele, do incentivo dele pra eu fazer as provas, coisa que eu estava gostando, que eu estava me dando bem né? Então, aí eu acabei escolhendo a corrida de aventura [risos] (Eleonora Audrá).

Ah, no começo, é... Todas as três, com uns dois, três anos, a gente tinha namorado, conseguia tempo... Aí a gente começou a viajar [silêncio]. Aí não deu mais. Nenhuma das três segurou [...] Porque a gente ficava muito tempo longe. E a gente conheceu muita gente. Então é muito difícil [risos] (Karina Lefrève).

Tinha, mas tinha que fazer esporte, óbvio [risos]. É... Eu... Os namorados que eu tive, na verdade me apoiaram, assim, e faziam também, ou *triathlon*, ou corrida de aventura então, pra mim funcionava bem [...] Era mais nova também, então não tinha nenhuma relação mais séria... Eu acho que se tivesse um namorado mais sério tal já... Hoje, por exemplo não cabe na minha vida, porque sou casada e... Não migraria pra corrida de aventura e assim... É uma luta que... Eu até gostaria de fazer uma prova com elas tal, mas assim... Não encaixa mais. A gente não consegue se organizar, não consegue viajar pra fazer sabe? Complicado. Tem que escolher. A Shubi tentou durante muitos anos e chegou uma hora que... É, é... Parou de escolher né...Casou com o Renato e tal. É difícil (Marcela Toldi).

[Silêncio] Ufa, que eu já nem lembro. Eu acho que... Eu namorei o André né? Então, como ele corria também era mais fácil (Fernanda Maciel).

Na narrativa de Sílvia Guimarães, é possível perceber a preocupação em casar e gerar filhos que, culturalmente, na sociedade brasileira, é uma constante na vida da mulher que deseja ser mãe, principalmente quando se aproxima dos trinta e cinco anos, idade considerada limítrofe para uma gestação saudável. Ao dizer que precisa “sossegar” e “arrumar marido”, a atleta sugere que um homem comum, na sociedade patriarcal em que está inserida, não se casaria com uma mulher com o estilo de vida levado pelas atletas da Atenah, que estavam sempre viajando e dedicando-se às competições ou se aventurando pelo mundo. Na narrativa das atletas fica evidente que elas tinham dificuldades nos relacionamentos com os namorados que, geralmente, não aceitavam bem a condição das atletas, pois frequentemente precisavam viajar pra competir. A atleta Marcela Toldi menciona que hoje não voltaria a fazer CA por ser casada, sugerindo que o casamento pode ser um empecilho para a prática desse esporte em alto nível competitivo.

3.8 DISPERSÃO DA EQUIPE: É O FIM DESTA AVENTURA?

FIGURA 5: Equipe Atenah no Ecomotion Pro 2006.



Fonte: <<http://gooutside.com.br/699-memorias-de-uma-atenah/>>.

3.8.1 “Porque a gente cresceu”: Motivos que levaram ao fim da Atenah

Sobre o fim da equipe, as atletas apontaram algumas questões individuais de suas vidas, como mudança de país, falta de recursos financeiros para continuar competindo (como a falta de patrocínio), necessidade de trabalhar, idade, entre outras. Porém, os motivos que apareceram com maior frequência foram o casamento e o nascimento dos filhos de algumas integrantes, o que acabou por dispersar a equipe, como observado nos trechos de entrevistas:

Porque a gente ficou velha [risos] [...] Não, estou brincando, foi porque... [silêncio]. Foi vida mesmo, porque assim, primeiro a Karina foi pra França, aí depois a Nora casou com o Ian e está morando na Nova Zelândia e aí a gente já... e a Fernandinha resolveu focar na corrida de montanha, mudou pra Espanha também, então já desmantelou a equipe né. Ficou eu e a Cris aqui e logo em seguida a Cris também ficou doente. A Cris ela teve um câncer e ela morreu em 2015. Então foi porque dispersou mesmo. Cada uma foi pra um canto, daí todo mundo foi ter filho. Eu tive filho, a Nora teve filho [...] Mas a gente em breve vai fazer uma reedição da Atenah, agora que os filhos estão crescendo [...] Eu demorei até... Eu acho que eu casei tarde por causa disso, corrida de aventura [risos]. Certeza [risos]. Passei muito tempo rodando o mundo aí em vez de procurar marido [risos] (Sílvia Guimarães).

[...] A gente cresceu [riso] e... Eu vim morar na Nova Zelândia... E a Ka... A Fernandinha mudou pra Espanha... E aí acabou ficando difícil competir... Mas as provas em si também mudaram um pouco né... E também por causa de viabilização de capital, de patrocínio [...] (Eleonora Audrá).

Porque a vida... A gente... Envelheceu, começou a ter filho... A Nora foi morar na Nova Zelândia, ela conheceu um neozelandês... Eu vim morar na

França... E a Shubi ficou no Brasil [risos] [...] (Karina Lefrève).

Eu parei de competir com a Atenah porque eu comecei a trabalhar. Fiquei um pouco mais velha e daí então eu precisava ganhar um dinheiro também. É... E acho que as meninas [silêncio]. Ah, acho que um pouco cansou também, porque não é rentável né? Não é um esporte que você consegue viver de patrocínio e tal [...] A Nora conheceu o Ian e foi morar lá na Nova Zelândia [...] A Shubi na verdade foi a última que permaneceu. A Karina foi morar na França, também casou e foi morar na França. A Fernandinha começou a fazer corrida de montanha. A Cris já tinha a equipe dela e eu comecei a trabalhar, então meio que cada uma, sabe, começou a tocar seu rumo porque é isso. Financeiramente é difícil, é um pouco inviável (Marcela Toldi).

Ah, acho que a gente cansou né [risos] [...] A partir de um momento que você vai ficando maior, você tem... Você não tem muito tempo né? Quando você é mais jovem você tem também mais [...] A recuperação é muito mais rápida né, e a privação de sono eu acho que era o maior problema pra gente (Fernanda Maciel).

Apesar de algumas atletas terem mencionado a questão da idade, parece que o avançar dos anos causou incômodo mais pelo fato da vontade de formar uma família (o que, segundo elas, a dedicação ao esporte poderia atrapalhar), do que o prejuízo no desempenho físico das atletas. Ademais, algumas entrevistadas competem profissionalmente, ainda hoje, em outras modalidades.

3.8.2 “Espírito independente”: O que garante a permanência das mulheres na Corrida de Aventura?

Questionada sobre o que de fato garante a permanência de mulheres na CA, Marcela Toldi respondeu:

É o espírito mais independente mesmo [...]. A proposta da corrida de aventura, tal, mas a mulher ela tem que ser realmente mais independente e tem que bancar essa história sozinha, ela tem que ter uma posição de liderança na família. Em casa. É perfil! Eu acho que... Quem sabe, garante. É uma seleção natural de mulheres mais independentes e autônomas.

Percebemos, no discurso das atletas, que a mulher, para ser atleta de corrida de aventura, deve ser livre e independente e possuir recursos financeiros e disponibilidade de tempo para treinar e competir, situação que parece ser incompatível com a vida de uma mulher casada, principalmente de uma mãe. A atleta Marcela Toldi ainda sugere que, a mulher precisa ter “uma posição de liderança na família”. A partir dessa fala, podemos inferir

que, na sociedade patriarcal na qual vivemos, mulheres que detêm o poder dentro do matrimônio, incluindo o poder de ir e vir, sem interferência do marido, parecem ser minoria. Esses achados sugerem que o casamento e a maternidade podem estar relacionados a dificuldades de mulheres se manterem competitivas na CA.

O patriarcado pode ser entendido como um conjunto de discursos normativos. Esses discursos incluem basicamente os seguintes elementos: a família como um dado da natureza; o papel central do homem adulto na família; a submissão das mulheres e das crianças. As atividades masculinas são vistas como hierarquicamente superiores. Na estrutura familiar patriarcal cabe aos homens a garantia da vida material e, às mulheres, a reprodução biológica. Com efeito, a mulher pode assumir três papéis fundamentais: filha, esposa e mãe. O caráter impositivo dessa “natureza materna” é uma ação violenta endereçada contra o sexo feminino (NOGUEIRA, 2018, p. 58).

Discursos culturais sobre a maternidade, relacionados ao esporte, podem interferir nas identidades de mães atletas ao produzirem diferentes efeitos resultantes, como, por exemplo, sofrimento, melhoria/redução psicológica e de desempenho e desengajamento esportivo (MCGANNON; MCMAHON; GONSALVES, 2018). Estudos evidenciam que as normas culturais de uma “boa mãe” e os cuidados “ideais” com os filhos podem dificultar o engajamento em atividade física pelas mulheres. Essas perspectivas normativas enfatizam que as mulheres devem cuidar das crianças e colocar as necessidades da família acima das suas próprias (MILLER; BROWN, 2005).

Porém, uma pesquisa com abordagem feminista pós-estruturalista, investigou mães praticantes de *snowboard*, mostrando que elas superaram as expectativas sociais criadas pelo que os autores chamaram de “ideologia da maternidade” e redefiniram o significado de “boa mãe”. Também encontrou que o apoio de parceiros e membros da família é essencial para a permanência das mães nesse esporte (SPOWART; BURROWS; SHAW, 2010).

3.8.3 A aventura como estilo de vida

Mesmo após o fim da Atenah, as atletas continuaram fisicamente ativas. Muitas delas ainda competem em outros esportes, duas em nível profissional, nas modalidades de ciclismo e corrida de montanha. As atletas relataram que praticam esportes *outdoor* com frequência, o que corrobora com a teoria de Belinda Wheaton (2004) de que os *lifestyle sports* acompanham o indivíduo pela vida toda. Também é importante destacar, e possível perceber em algumas das narrativas, que algumas atletas ainda praticam “agência de resistência” no campo

esportivo, mantendo equipes esportivas femininas e escolinhas de esporte de aventura para meninas e meninos.

Ah, eu faço provinha de **mountain bike**, faço umas corridas de montanha... Faço umas provas de canoa havaiana... Esse ano eu fiz duas de **mountain bike**, uma de corrida de montanha e... Só... Continuo treinando, não como antes né. Eu treino todo dia, mas... Uma horinha, e tal... Uma pedaladinha, uma nadadinha, [riso] pra manter [riso] (Sílvia Guimarães).

[Silêncio] Então, eu voltei pro basquete há três anos atrás [...] Eu jogo com uma equipe em campeonato [...] Eu voltei pro cavalo também... Tudo que eu fazia quando eu era pequena eu voltei a fazer agora. Mas nesse tempo que eu estive na França eu fiz alguns... É... Umas corridas de longa distância tipo **trail** com a Fernandinha e fiz algumas corridas de aventura [...] Eu tenho uma equipe feminina na França, que chama “Le Petit Lobas”, que são as lobinhas (Karina Lefrève).

Aham... Eu sou ciclista hoje, só. Tenho uma equipe feminina, de cinco meninas... Que também começou há um ano e agora está superlegal. E é um conceito um pouco diferente do que é o ciclismo profissional hoje no Brasil, sabe? A gente tem uma cara amadora mas compete o calendário profissional (Marcela Toldi).

Sou atleta profissional de Corrida de Montanha (Fernanda Maciel).

3.8.4 Recado das mulheres da Atenah: O legado da Corrida de Aventura

Ao final da entrevista, foi dada a oportunidade de cada atleta deixar algum depoimento ou expressar algo que envolvesse os temas abordados nesta pesquisa, mas que não fora questionado. A seguir, está registrado um pouco do aprendizado que essas mulheres admiráveis gostariam de compartilhar com todas as outras.

[...] o recado mais legal da corrida de aventura é realmente aprender a trabalhar em equipe... É perceber que a gente consegue fazer muita coisa na vida com poucos recursos né... E... Assim, a maior lição que eu tiro da corrida de aventura e isso eu repito em todos os lugares que eu vou, é assim, aprender a olhar pras qualidades das pessoas, e usar o que ele tem de melhor e aceitar o que você não gosta e as diferenças, entendeu? Não adianta, você não vai mudar ninguém. Então, igual na corrida de aventura, se você não gosta de alguma coisa naquela pessoa você vai ter que aceitar aquilo [...] Saber olhar pra qualidade de cada um. Reconhecer o potencial, o que cada um tem de potencial e bom e... o que você não gosta tudo bem, que eu te respeito e vamo nessa [risos] sacou? [risos] (Sílvia Guimarães).

Olha, eu acho que hoje em dia é muito importante ter um apoio assim na vida que a gente leva toda [trecho inaudível] que tem tanta coisa interessante. Então a paixão. Então eu acho que corrida de aventura, por exemplo, pra criança, tudo que a Shubi está fazendo, com os acampamentos

e tal, eu acho ‘super importante’. Porque, meu, uma criança, um adolescente que tem uma paixão na música, ou esporte, não importa. É diferente. Dá uma estabilidade. Então eu acho super importante que os pais saibam e que incentivem os filhos a fazerem atividades desse tipo. E a corrida de aventura é super legal porque você toca não só o físico né, é o mental, é também a experiência, é também saber ler uma carta, uma bússola, então eu acho que é bem completo assim. E o fato de estar em equipe, que não é um esporte individual. Porque tem muita gente que faz **trail**, que é individual, mas não tem nada a ver com estar em equipe, que se a pessoa está doendo, alguma parte, você tem que esperar, e depois é você, enfim, tudo acontece quando você está em equipe. E é isso que eu acho legal em esporte em equipe, tanto o basquete, quanto a corrida de aventura, então, todos os esportes de equipe. Que você aprende muito com o outro e você vê seu erro no outro, enfim, acho super importante assim (Karina Lefrève).

Acho que o que me marcou mais foi a relação com elas. Foi muito legal, todos os aprendizados... É... Mas, com certeza a evolução psicológica mesmo... A maturidade que me trouxe... É... Que eu consigo aplicar pra vida e pra qualquer outro esporte hoje. Então é... Essa história de que... É... A gente consegue o que a gente quiser. É só ter um objetivo claro e se comprometer com esse objetivo, e daí... A base disso é o planejamento, né... A gente se organizava muito pra fazer as provas e visualizava a prova inteira, pra daí ter tranquilidade em relação ao que vinha pela frente. Então isso também me ajuda muito hoje, em tudo assim, pra tirar o nervosismo, o medo e tal. [...] E essa história de resiliência psicológica que hoje está super em voga, antigamente não sei se era tanto assim, mas a gente aprendeu na prática que em vários casos a [palavra inaudível] sofreu pra caramba e que foram super resilientes e que... Putz, assim, aprendi que cada mínimo detalhe conta e a sua cabeça tem que estar cem por cento naquele negócio, comprometida a todo momento, no nível mais alto. E é isso que faz a diferença [...] Foi um aprendizado enorme, assim pra minha vida. Divisor de águas mesmo. Me transformou assim, me ajudou a formar minha personalidade, meu caráter, com certeza. E a descobrir o mundo (Marcela Toldi).

Ah, são as histórias que ficam né... Competi com Oskalunga, um tempo né, convivi várias histórias com eles, super legais, com a Atenah também. Depois com uma equipe de Espanhóis. Então foram... Cada... Países também, cada lugar... São lugares incríveis assim. Então você fica tanto conhecendo o lugar, como também a pessoa né, que está ali convivendo ao seu lado (Fernanda Maciel).

4 CHEGADA

A Atenah transgrediu a norma num esporte dominado por homens. Com uma equipe só de mulheres competindo contra equipes formadas majoritariamente por homens, venceu e conquistou pódios em várias provas nacionais e internacionais. Assim, mesmo que nem sempre vencendo a competição, vencia a disputa por espaço, em um lugar de masculinidade hegemônica, comumente associada aos esportes de aventura.

O desejo de formar uma equipe exclusiva de mulheres surgiu, principalmente, pelo descontentamento das mesmas com o desempenho dos homens de suas equipes nas competições, ironicamente constituindo um paradoxo diante da tradicional hierarquia de gênero na participação de mulheres nos esportes de natureza, onde elas, comumente, são vistas como mais frágeis e menos habilidosas. Esse fato desconstrói o determinismo biológico no campo dos esportes de aventura. Ao idealizar uma equipe formada exclusivamente por mulheres, as atletas da Atenah deixaram de ser objeto para serem sujeitos no campo da CA, no qual, comumente, as mulheres são moedas de troca entre as equipes e os homens são os agentes, num mercado de bens simbólicos.

Entretanto, este estudo sugere que a inserção das mulheres no campo da Corrida de Aventura pode estar associada ao fato de a regra exigir equipes mistas em gênero, sendo elas comparadas, inclusive, a um “equipamento obrigatório”, e que, apesar da participação das mulheres neste esporte conferir *status* de subversão, elas ainda são sub-representadas nos discursos que atribuem habilidades específicas para elas, como mediadora de conflitos, cuidadora e equilíbrio emocional da equipe. Devo concordar que a referida regra contribuiu para a inserção de mais mulheres no esporte, pois, não fosse isso, talvez vários quartetos seriam formados exclusivamente por homens. Na narrativa das atletas, também percebemos que todas foram convidadas por homens para realizar sua primeira competição, provavelmente, por conta da exigência de uma mulher na equipe.

A narrativa das atletas também reforça a questão de habilidades específicas por gênero, sugerindo que elas aceitam a relação subalterna e valorizam a força física dos homens como “capital social dominante”, o qual elas não possuem. Essa relação entre dominados e dominantes, Bourdieu chamou de “sentido prático” ou “sentir pelo jogo” e reflete a maneira como os agentes sociais negociam as relações de poder num campo. Às estratégias de permanência na mesma posição de um campo, o sociólogo denominou de “estratégias de conservação”. Mas, para a tomada de poder num campo, intencionalmente ou não, são utilizadas “estratégias de subversão”. Portanto, entendo que as atletas da Atenah, ao formarem

uma equipe de mulheres, subverteram a norma, e se não tomaram o poder no campo, no mínimo, causaram desconforto nos agentes dominantes (homens), o que pode ser evidenciado nas narrativas quando destacaram as piadas e insinuações de que a equipe obtinha vantagens (como pessoas indicando o caminho, por exemplo), na ocasião de algumas vitórias do time, ou quando dizem que algumas pessoas apostavam que elas não chegariam ao final da prova, questionando a capacidade da equipe pelo simples fato de serem mulheres. Também é importante reforçar que o surgimento da Equipe Atenah só foi possível porque as atletas gozavam de alto capital simbólico físico, econômico, cognitivo e social.

Em teorização similar, Laurendeau e Sharara utilizaram os termos de Dworkin e Messner de “agência reprodutiva” e “agência resistente” para exemplificar as estratégias utilizadas por mulheres praticantes de esportes de aventura dominados por homens. Os pesquisadores ressaltam a fluidez do uso dessas estratégias num mesmo campo, ou seja, assim como fizeram as atletas da Atenah, é comum que as meninas e mulheres alternem esses tipos de estratégias.

Essa pesquisa também me fez refletir sobre minha própria prática como atleta de CA, concluindo que utilizo estratégias de conservação ou agência reprodutiva, ao aceitar convites de equipes que buscam “a integrante feminina”, tomando uma posição mais passiva de aceitação, nunca procurando formar minha própria equipe convidando outras mulheres para correr, por exemplo. Ao mesmo tempo, penso que essa atitude passiva ocorra principalmente por falta de capital econômico para formar uma equipe.

Apesar do fim da carreira esportiva das atletas da Atenah na CA, é possível perceber em suas narrativas que continuam praticando atividades físicas *outdoor*. Algumas ainda competem em outras modalidades, o que sugere que a aventura (na natureza) é mais que um esporte, podendo ser considerada um estilo de vida que acompanha as atletas desde a infância. O incentivo da família, tanto nas práticas esportivas na infância, como na prática da CA, também foi fator fundamental para o sucesso das atletas no esporte.

As atletas da Atenah foram pioneiras, transgressoras e excepcionais no seu esporte. Entretanto, a análise dos motivos que levaram ao fim da equipe sugere que o engajamento da mulher na corrida de aventura pode ser ameaçado pelas instituições do casamento e da maternidade. Contudo, há necessidade de novos estudos para investigar a maternidade e envolvimento de mulheres na CA. Também sugiro outras pesquisas com mulheres e homens de equipes tradicionais para esclarecer mais sobre as relações de gênero nesse esporte.

A CA continua sendo caracterizada como um esporte elitista, com predomínio de praticantes homens, brancos, de classe média/alta e elevado grau de instrução. Como

alternativa de mudança desse panorama, sugiro a abordagem desse esporte nas aulas de Educação Física escolar, por meio de práticas saudáveis em contato com a natureza, como *trekking* e aulas de orientação. Assim, penso que mais meninas e meninos terão oportunidade de conhecer a corrida de aventura e entender a complexidade deste esporte, tanto em seus aspectos positivos quanto negativos.

REFERÊNCIAS

- ABDALAD, L. S, COSTA, V. L. M. A Participação das mulheres nos esportes de voo livre: um estudo sobre as práticas de aventura e risco. **Revista Gênero**, Niterói, v. 10, n. 1, p. 121-145, 2. sem. 2009.
- ABULHAWA, D. Female skateboarding : re-writing gender. **Platform: Postgraduate eJournal of Theatre and Performing Arts**, v. 3, n. 1, p. 56-72, 2008.
- ANDERSON, K. The construction of gender in an emerging sport. **Journal of Sport and Social Issues**, Boston, v. 23, n.1, p. 55-79, 1999.
- ATENCIO, M; BEAL, B; WILSON, C. The distinction of risk: urban skateboarding, street habitus and the construction of hierarchical gender relations. **Qualitative Research in Sport and Exercise**, v. 1, n. 1, p. 3-20, 2009.
- ANTHONISSEN, L. **An exploration of the gendered discourse in the talk of female facilitators of a wilderness programme**. 2011. Master's Dissertation South Africa: University of Stellenbosch, 2011.
- ADVENTURE RACE WORLD SERIES (ARWS). **WHAT is Adventure Racing?** 2016. Disponível em: <<https://arworldseries.com/>>. Acesso em: 10 dez. 2017.
- BANDEIRA, M. M; RUBIO, K. “Do outside”: corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, n.1, p. 97-110, 2011.
- BANDEIRA, M. M. **Políticas públicas para o lazer de aventura: entre esporte e turismo, fomento e controle do risco**. 2016. Tese de Doutorado . Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2016.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2008.
- BARTOLETTI, C. T. **Uso público recreativo em unidades de conservação: corridas de aventura**. 2016. (Mestrado em Ecologia Aplicada). Piracicaba: Universidade de São Paulo, 2016.
- BEAL, B. Disqualifying the official: Na exploration of social resistance through the subculture of skateboarding. **Sociology of Sport Journal**, v. 12, n. 3, 1995, p. 252-267.
- _____. Alternative masculinity and its effect on gender relations in the subculture of skateboarding. **Journal of Sports Behaviour**, v. 19, n.3, 1996, p. 204-220.
- BITENCOURT, V.; AMORIM, S. Corrida de Aventura. In. LAMARTINE (ORG.). **Atlas do esporte no brasil**. Rio de janeiro: CONFEF, 2006 Disponível em: <<http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/116.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.
- BOURDIEU, P. (1930-2002). **O Poder Simbólico**/ Pierre Bourdieu. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 322p.

_____. **A Dominação Masculina**/ Pierre Bourdieu. Tradução Maria Helena Kühner (português de Portugal). Rio de Janeiro: BestBolso, 2017, 172p.

BRANDÃO, M. R.; CASAL, H. D. Mulheres-atletas e o esporte de rendimento: a questão do gênero. In: SIMÕES, A. C. (Org.). **A mulher e esporte: mitos e verdades**. 1 ed. São Paulo: Manole, 2003. 155 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

_____. Decreto-Lei nº 6.503 de 13 de dezembro de 1977. Dispõe sobre a Educação Física em todos os graus e ramos de ensino. Brasília, DF. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6503-13-dezembro-1977-366413-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 02 dez. 2017.

BRUHNS, H. T. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: BRUHNS, H. T.; MARINHO, A. (Org.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Portugal, 1990.

CANALES, I.; LAGARDERA, F.; PERICH, M. J. Lo femenino en las actividades físicas en la naturaleza. **Apunts: Educación Física y Deportes**, Lheida, v. 41, p. 141-150, 1995.

CARVALHO, C. Memórias de uma Atenah. **Revista Go Outside**, 2011. Disponível em:<<http://gooutside.com.br/699-memorias-de-uma-atenah/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

COSTA, V. L. **Esportes de Aventura e Risco na Montanha: um mergulho no imaginário**. Barueri: Manole, 2000.

COSTA, V. L. e TUBINO, M. A Aventura e o risco nos esportes praticados na natureza. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p. 96-112, nov.,1999.

DIAS, C.; MELO, V.; ALVES JUNIOR, E. Os Estudos dos Esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. Porto, v.7, n.3, dez/2007.

DWORKIN, S.; MESSNER, M. Just do . . . what? Sport, bodies, gender. In: MARX, F.; LORBER, J; HESS, B. (Org.). **Revisioning gender**. Thousand Oaks: Sage, 1999. p. 341-361.

FAGUNDES, A. O. **Efeitos do transporte de carga sobre parâmetros cardiorrespiratórios e na economia de corrida em corredores de aventura**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

FERREIRA, L. F. S. **Corridas de Aventura: construindo novos significados sobre corporeidade, Esportes e natureza**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.

FIGUEIRA, M. L. M. **Skate para meninas: Modos de se fazer ver em um esporte em construção**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Porto Alegre: Universidade

Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

FIGUEIRA, M. L. M., GOELLNER, S. V. O Skate feminino no Brasil: Estratégias de se fazer ver. In: BRANDÃO, L., HONORATO, T. (Org.). **Skate e Skatistas: questões contemporâneas**. Londrina: UEL, 2012.

FONSECA, 2017. **Corrida de Aventura: A natureza é nosso desafio**. São Paulo: Labrador, 2017. 216 p.

FOUCAULT, M. (1926-1984) **A ordem do discurso**: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 74 p.

FORD, N; BROWN, D. **Surfing and social theory**. Experience, embodiment and narrative of the dream glide. London and New York: Routledge, 2006.

FRUTUOSO, S. Musas aventureiras: As atletas da corrida de aventura Ecomotion/Pro provam que é possível unir força e vaidade numa das competições mais completas - e difíceis - do mundo. **Isto É Gente**, Set. 2008. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoegente/edicoes/480/artigo116361-1.htm>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

GUÉRIOS, P. R. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. **Campos**, v. 12, n.1, p. 9-29, 2011.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

_____. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da educação física. In: DORNELLES, P.G.; WERNETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.). **Educação Física e Gênero: Desafios educacionais**. Ijuí: Editora Unijuí, 2013. p. 23-43.

_____. Projeto Garimpando Memórias: **Manual Básico do Centro de Memória do Esporte**. Porto Alegre, 2012.

_____. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico. In. GOELLNER, S. V.; JAEGER, A. A. (Orgs). **Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GOELLNER, S. V.; SILVA, P.; BOTELHO, P. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no jornalismo esportivo de Portugal: um estudo sobre a Algarve women's football cup. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 171-189, jul./set. 2013.

HALL, A. From pre to postfeminism: a four-decade journey. In: MARKULA, P (Org.). **Feminism sport studies: sharing experiences of joy and pain**. New York: State University of New York Press, 2005.

HAKARACE. **O haka expedition**. Disponível em: <<http://www.hakarace.com/web/hakaexpedition/?page=mostratexto&id=34&m=4>>. Acesso

em: 10 dez. 2017.

HUMBERSTONE, B. 'Transgressões de gênero e naturezas contestadas'. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 21-38, 2007.

HUMPHREYS, D. 'Skinheads go mainstream?' Snowboarding and alternative youth. **International Review for Sociology of Sport**, v. 32, n. 2, p. 147- 160, 1997.

KAY, J.; LABERGE, S. 'Mandatory equipment'. Women in adventure racing. *In*: WHEATON, B. **Understanding lifestyle sports**. Consumption, identity and difference. London: Routledge, 2004. p.154-174.

KNIJNIK, J. D.; HORTON, P.; CRUZ, L. O. Rhizomatic bodies, gendered waves: transitional femininities in Brazilian surf. **Sport in Society**, v.13, n. 7/8, p. 1170-1185, 2010.

LARENDEAU, J.; SHARARA, N. Women could be every bit as good as guys. Reproductive and resistance agency in two 'action' sports. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 32, n. 1, p. 24-47, 2008.

LIPPA, R. A. Sex differences in personality traits and gender-related occupational preferences across 53 nations: Testing Evolutionary and Social-Environmental Theories. **Archives of Sexual Behavior**, v. 39, n. 3, p. 619-636, 2010.

MARINHO, A. Lazer, aventura e risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 181-206, 2008.

_____. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 143-153, jan. 2001.

MARINHO, A.; BHRUNS, H. T. (Orgs.). **Turismo, lazer e natureza**. São. Paulo: Manole, 2003.

MCGANNONA, K. R; MCMAHONB, J.; GONSALVES, C. A. Juggling motherhood and sport: A qualitative study of the negotiation of competitive recreational athlete mother identities. **Psychology of Sport & Exercise**, Tasmania, v. 36, p.41–49, 2018.

MEIHY, J. C. S. B. Definindo História Oral e memória. **Cadernos CERU**, n. 5, s. 2, p. 2-60, 1994.

_____. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MERKLE, G. **O que é canoagem Slalom**, 2010. Disponível em: <<http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/historia/id/46>>. Acesso em: 8 set. 2018.

MIDOL, N. Cultural dissents and technical innovations in the 'whiz' sports. **International Review for Sociology of Sport**, v. 28, n. 1, p. 23-32, 1993.

MIDOL, M.; BROYER, G. Towards an Anthropological Analysis of New Sport Cultures: The Case of Whiz Sports in France. **Sociology of Sport Journal**, v. 12, p. 204-212, 1995.

MILLER, Y. D.; BROWN, W. J. Determinants of active leisure for women with young children - an “ethic of care” prevails. **Leisure Sciences**, v.27, p. 405 – 420, 2005

MONTAGNER, M. A. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias** [online], n.17, p.240-264, 2007.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, ano 7, n. 13, p. 5-18, 2000/2.

_____. **Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização**. Tese (Doutorado em Educação Física). Rio de Janeiro: UGF, 1998.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Rev. Bras. Ciênc. do Esp.**, Campinas, v. 26, n.2, jan. 2005.

NOGUEIRA, R. **Mulheres e Deusas: Como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

OLIVEIRA, C. L. **Aventura, performance, sofrimento: Construção de corporalidades em esportes de aventura**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2016.

OTWARB BOURD BRASIL. Disponível em:<www.obb.org.br>. Acesso em: 20 abr. 2018.

PAPUNEN, S. **La pensée écoféministe de Françoise d’Eaubonne**. 2014. Dissertation du Maitre. Tampere: Université de Tampere, 2014.

PFEIFFER, R. P.; KRONISH, R. L. Off-road cycling injuries: an overview. **Sports Med** [online], v. 19, n. 5, p. 225 -311, 1995.

PIMENTEL, G. **Risco, corpo e socialidade no voo livre**. 2006. Tese (Doutorado em Educação Física). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Campinas, v.11, n. 2, p. 263 – 274, jul/ dez. 2008.

PROST, A.; Fronteiras e espaços do privado. In. PROST, A.; VINCENT, G. (Orgs.). **História da vida privada 5: da primeira guerra a nossos dias**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RANKING BRASILEIRO DE CORRIDA DE AVENTURA. Disponível em: <https://www.rbca.com.br/>. Acesso em 17 dez de 2017.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIHAN, T. M. **A mídia esportiva e o futebol de mulheres: o que noticiam sobre elas?** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

RINEHART, R. Dropping hierarchies: Towards the study of a contemporary sporting avant-garde. **Sociology of Sport Journal**, v. 13, n. 2, 159-176, 1996.

ROBERTSON, J. **The magnificent mountain women**: Adventures in the Colorado Rockies. 2 ed. Lincoln: University of Nebraska Press, 2003.

ROSEMBERG, F. A Educação Física, os esportes e as mulheres: Balanço da bibliografia brasileira. In: ROMERO, E. (Org.). **Corpo, Mulher e Sociedade**. Campinas: Papirus, 1995. P. 271-308.

SCHWARTZ, G. M.; FIGUEIREDO, J. P.; PEREIRA, L. M.; CHRISTOFOLETTI, D. A., DIAS, V. K. Preconceito e esportes de aventura: A (não) presença feminina. **Motricidade**, Vila Real, v. 9, n. 1, p. 57-68, 2013.

SCHWARTZ, G. M.; PEREIRA, L. M.; FIGUEIREDO, J. P.; CHRISTOFOLETTI, D. A.; DIAS, V. K. Estratégias de participação da mulher nos esportes de aventura. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Brasília, v. 38, n. 2, p. 156-162, 2016.

SEITZ, S. Pixilated partnerships, overcoming obstacles in qualitative interviews via skype: A research note. **Qualitative Research** [online], n.16, p.229–235, 2016.

SIMÕES, A. C.; CONCEIÇÃO, P. F. M.; GUISELINI, M. A. N.; SILVA, S. M. A busca do feminino – a psicossocialização da mulher no esporte. In: SIMÕES (Org.). **Mulher & Esporte**: Mitos e verdades. São Paulo: Manole, 2003.

SILVA, F. D.; MOURÃO, L. N. Representações de gênero na mídia sobre a corrida de aventura. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO/WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 11/ 13, 2017, Florianópolis. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: <http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499439252_ARQUIVO_07.07.2017-ArtigoMM_FG.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SIBAHI, P. Primeira prova do campeonato brasileiro de corrida de Aventura acontece no feriado. **Webventure**, 2012. Disponível em: <<http://www.webventure.com.br/primeira-prova-do-campeonato-brasileiro-de-corrída-de-aventura-acontece-no-feriado/>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

SISJORD, M. K. Women battling for a space in snowboarding. In: PFISTER, G.; SISJORD, M. K. **Gender and Sport**. Changes and Challenges. Münster: Waxmann Verlag, p. 123-139, 2013.

SOUZA, G. C.; MOURÃO, L. **Mulheres no Tatame**: o judô feminino no Brasil. Rio de Janeiro: MAUAD X: FAPERJ, 2011.

SOUZA, I. P.; RANÍREZ-GÁLVEZ, M. C. Os sentidos e representações do ecofeminismo na contemporaneidade. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, 2008, Londrina. **Anais do [7] seminário de pesquisa em Ciências Humanas**. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/IriePSouza.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

SPOWART, L.; BURROWS, L.; SHAW, S. I just eat, sleep and dream of surfing: When

surfing meets motherhood. **Sport in Society** [online], n.13, p. 1186 -1203 2010.

STODDART, M. C. J. Constructing masculinized sportsapes: Skiing, gender and nature in British Columbia, Canada. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 46, n. 1, p. 108-124, 2011.

THORPE, H. **Snowboarding bodies in theory and practice**. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

TOGUMI, W. A corrida de Aventura. In. FONSECA, C. **Corrida de Aventura: A natureza é nosso desafio**. São Paulo. Editora Labrador, 2017. p. 13-25.

TOGUMI, W. CBCA anuncia o Circuito Brasileiro SPOT de Corrida de Aventura. **Adventuremag**: Informativo sobre corrida de aventura, 2017. Disponível em: <<https://www.adventuremag.com.br/noticias/corridadeaventura/5736/CBCA-anuncia-o-Circuito-Brasileiro-SPOT-de-Corrida-de-Aventura-2018.html>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

TOWNES, D. A.; TABOT, T. S.; WEDMORE, I. S.; BILLINGSLY, R. Event medicine: Injury and illness during an expedition-length adventure race. **Emerg Med**. v. 27, n. 2, p. 161-5, 2004.

UVINHA, R. (Org.). **Turismo de aventura: reflexões e tendências**. São Paulo: Aleph, 2005.

WEBVENTURE. Disponível em: <<http://www.webventure.com.br/>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

WHEATON, B. **Understanding lifestyle sports**. Consumption, identity and difference. London: Routledge, 2004.

ANEXOS E APÊNDICES

ANEXO I



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A Sra. está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa “Memórias de Atenah: Trajetória das Mulheres na Corrida de Aventura”. Nesta pesquisa pretendemos descrever as trajetórias esportivas das mulheres integrantes da equipe Atenah; identificar o perfil das mulheres e da equipe Atenah no cenário da Corrida de Aventura (CA); e analisar os processos de inserção, permanência e encerramento da participação desta equipe na CA.

Os motivos que nos levam a essa investigação são a escassez de mulheres na CA e a peculiaridade de sua participação neste tipo de competição. Acreditamos que esta pesquisa poderá favorecer discussões no sentido de se quebrar os tabus preconceituosos relacionados com as diferenças de gênero, bem como tentar contribuir com o aumento de oportunidades e equidade de participação de mulheres na CA e valorização das mesmas.

Para esse estudo, será adotado o método de história oral, que terá como procedimento principal a entrevista semiestruturada, de modo a contribuir para a construção de parte da história das integrantes da Equipe Atenah na Corrida de Aventura. Ou seja, trata-se de um estudo com risco mínimo, o que significa o mesmo risco que se tem em atividades rotineiras, como conversar, ler, etc.

Para participar deste estudo a Sra. não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, a Sra. tem assegurado o direito à indenização. A Sra. terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que a Sra. é atendida pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. A Sra. não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar, se assim o desejar. No

entanto, dada a sua representatividade (no esporte) perante a situação investigada, somada a intenção de melhor contextualizarmos a análise, solicita-se a autorização do uso de seu nome nas publicações resultantes deste estudo. Você poderá autorizar ou não autorizar mediante declaração abaixo. O uso indevido ou não autorizado de nome acarretará em pagamento de indenização à vítima.

Eu, _____, portadora do documento de Identidade _____ fui informada dos objetivos da pesquisa “Memórias de Atenah: Trajetória das Mulheres na Corrida de Aventura”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Declaro que concordo em participar desta pesquisa e sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido, o qual li e esclareci minhas dúvidas.

Declaro que _____ (autorizo/não autorizo) o uso de meu nome nas publicações resultantes deste estudo.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na Universidade Federal de Juiz de Fora e a outra será fornecida à Sra. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20__ .

Nome	Assinatura participante	Data
------	-------------------------	------

Nome	Assinatura pesquisador	Data
------	------------------------	------

Nome	Assinatura testemunha	Data
------	-----------------------	------

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisadoras Responsáveis:

Ludmila Mourão

Telefone: (21) 98169-8117

E-mail: mouraoln@gmail.com

Fabiana Duarte e Silva

Telefone: (32) 98827-6777

E-mail: fabiduartes@hotmail.com

Endereço: Faculdade de Educação Física e Desportos – FAEFID

Universidade Federal de Juiz de Fora, Rua José Lourenço Kelmer, s/n -

Campus Universitário, Bairro São Pedro - CEP: 36036-900 - Juiz de Fora – MG.

CEP (Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos)

Pró-Reitoria de Pesquisa – UFJF

Dias de atendimento: de segunda-feira às sextas-feiras.

Horário de Atendimento: de 9 h às 12 h, e de 13 h às 17 h.

E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

Telefone: (32) 2102-3788

Endereço: Universidade Federal de Juiz de Fora, Rua José Lourenço Kelmer, s/n - Campus

Universitário, Bairro São Pedro - CEP: 36036-900 - Juiz de Fora – MG.

APÊNDICE A

ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

1) As atletas da Equipe Atenah

Nome:

Idade:

Nacionalidade:

Naturalidade:

Etnia autodeclarada:

Estado Civil:

Filh@s:

Quant@s:

Escolaridade/Formação:

Profissão:

2) As experiências esportivas na infância e juventude

2.1. Como era sua relação com o esporte na infância?

2.2. E na juventude?

2.3. Que esportes praticou?

2.4. Alguém te incentivava na prática esportiva?

3) Inserção na Corrida de Aventura

3.1. Como ocorreu a sua inserção na prática da Corrida de Aventura (CA)?

3.2. Com qual idade se inseriu na CA?

3.3. Houve dificuldades na inserção desse esporte?

3.3.1. Se sim, quais?

3.4. Alguém te incentivou?

3.4.1. Quem?

3.3. Tinha o apoio da sua família?

3.4. Como as pessoas viam sua participação nesse esporte?

3.5. Estar inserida nesse meio fez com que você fosse alvo de preconceitos?

3.5.1. Descreva uma situação que tenha marcado a experiência do preconceito.

4) A equipe Atenah

- 4.1. Como surgiu o desejo de formar uma equipe só de mulheres?
- 4.2. Como se organizaram?
- 4.3. Houve desafios no processo de formação da equipe e como eles foram superados?
- 4.4. Alguma vez sentiu falta da presença de um homem na equipe?
- 4.5. Tiveram problemas com a formação da equipe em alguma competição?
 - 4.5.1. Se sim, quais?
 - 4.5.2. Como faziam para superar/ contornar tais problemas?
 - 4.5.3. Em algumas provas, a equipe foi “obrigada” a convidar um integrante do sexo masculino para competir, o que mudou na equipe com a presença deste homem?
 - 4.5.7. Com que tipo de formação você considera que a equipe obteve mais sucesso?
 - 4.5.8. Por que?
- 4.6. Você percebeu alguma atitude ou discurso preconceituoso por parte de pessoas envolvidas com a CA durante a participação da Atenah nas competições?
 - 4.6.1. Se sim, como foi?
- 4.7. Por quê a Atenah parou de competir?
- 4.8. Durante a realização das provas de CA quais as maiores dificuldades (físicas, logística entre outras)?
 - 4.8.1. Atribui alguma dificuldade específica por serem mulheres?

5) Carreira esportiva na CA

- 5.1. Fale sobre sua rotina de treinamentos para a CA?
 - 5.1.2. Dedicava-se a quais outras atividades nesse período (trabalho, estudo, cuidar da casa, família etc)?
 - 5.1.3. Como se deu a conciliação entre vida pessoal e carreira esportiva?
- 5.2. Tinha patrocínio?
 - 5.2.1. Quem custeava seus gastos para competir?
- 5.3. Tinha treinador (a)?
 - 5.3.2. Com quem treinava?
- 5.4. Você ainda compete?
 - 5.4.1. Se não, por quê você parou de competir?
 - 5.4.2. O que de fato diria que garante a permanência de mulheres na corrida de aventura?
- 5.5. Fale um pouco sobre suas atuações, passagens por equipes, temporadas, competições e viagens, pré-provas e pós-provas.

6) Organização de eventos (Apenas para Silvia Guimarrães)

6.1. Como aconteceu seu envolvimento na organização da Ecomotion PRO?

6.2. Quais os maiores desafios que enfrenta na organização deste mega evento?

Por favor, gostaria de fazer algum comentário, deixar algum depoimento ou expressar algo que envolva os temas abordados nesta entrevista, mas não foi questionado?

APÊNDICE B
TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS
MEMÓRIAS DE ATENAH:
Trajetórias de mulheres na corrida de aventura

Número da entrevista: 01

Entrevistada: Silvia Pereira Barreto Guimarães

Idade: 41 anos

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: São Paulo

Reside em: São Paulo, capital

Etnia autodeclarada: Parda

Estado civil: Casada

Filh@s: Sim. Um filho de 4 anos.

Escolaridade/Formação: Graduada em Pedagogia

Profissão ou profissões: Pedagoga

F.S. – Agora vamos falar um pouco sobre suas experiências esportivas na infância e na juventude. Como era a sua relação com o esporte na infância?

S.G. – Sim, eu sempre tive o bichinho do esporte dentro de mim, meus pais até, se você conversar com eles, eles falam muito que eu sempre fui diferente dos meus irmãos mesmo, porque desde a praia, sempre quis nadar, surfar. Comecei a surfar com 6 anos já, sozinha. Andava de **bike** também desde pequena. Meu castigo, na época, quando eu fazia alguma coisa errada era tirar minha bicicleta [risos] desde sempre [risos]. Era uma semana sem bicicleta, era duas semanas sem bicicleta [riso]. Então eu sempre... Fui escoteira quando pequena, porque eu realmente... Duas coisas que eu sempre gostei muito que foi esporte e natureza... Meu pai fala que eu era uma indiazinha que eu desde pequena que eu ia à praia e pegava todos os bichos na mão, aparecia com minhoca, sapo [riso], recolhia coelho na... Em todo lugar... Então eu sempre fui bem bicho do mato. Meu pai fala que eu era uma índia [risos] quando eu era pequena. Que eu não queria pôr roupa, queria ficar descalça no mato, mexendo nos bichos [riso].

F.S. - E na juventude você continuou com essa prática?

S.G.- Sim.

F.S. – Fez algum esporte, fora essas práticas na natureza, praticou alguma modalidade?

S.G. – Então, eu fiz esporte a vida inteira. Natação foi minha primeira modalidade competitiva, né. Natação e nado sincronizado [riso], eu fiz muito tempo nado sincronizado. Competi brasileiros assim, até meus quatorze anos. E também de, assim, desde novinha, de uns oito ou nove eu já competia natação bastante e isso foi até meus vinte e um... Nadei a vida inteira, competi muito em águas abertas, fazia maratona... E aí depois dessa faze eu entrei na corrida de aventura, né, nos esportes mais... “biatlo”²⁷, com dezesseis anos eu já fazia “biatlo”, uns “duatlo”²⁸ assim no clube, então eu já corria e nadava. E comecei a pedalar com uns dezenove, assim, pedalar treino né, porque **bike** sempre foi meu meio de locomoção assim desde bem pequena. E aí depois **bike** virou esporte com vinte anos de idade. E vinte e um eu comecei a fazer corrida de aventura.

F.S.- Então foi nessa linha de esportes mais individuais ou teve outras modalidades que você praticou também?

S.G.- Ah, eu joguei vôlei, fui militante de vôlei em dois clubes, foi o único esporte assim de grupo que eu fiz foi vôlei, mas que cheguei a jogar bastante também, cheguei a ser militante no Sírio²⁹, depois, nem lembro assim, Paulistano³⁰ e... Ah na faculdade também, quando fiz faculdade era do time de Handebol da faculdade [riso]. Eu tinha bolsa na faculdade porque eu jogava Handebol pela faculdade [risos]. Ah eu sempre fui do esporte né. Sempre tive facilidade em todas as modalidades e gostei de fazer muita coisa, fiz muita capoeira também quando eu era mais nova desde uns oito assim, na adolescência eu joguei muita capoeira.

F.S.- E alguém te incentivava nessas práticas?

²⁷ A entrevistada aqui se refere ao Biatlo moderno, competição multiesportiva que une as provas de corrida e natação.

²⁸ Competição multiesportiva que une prova de corrida e ciclismo.

²⁹ Fundado em 14/07/1917, o Esporte *Clube Sírio* faz parte da elite dos clubes socioculturais e esportivos de *São Paulo*. Atualmente com 5.500 associados. Situado á Av. Indianópolis, na cidade de São Paulo (www.sirio.org.br).

³⁰ “Fundado em 1900, o Club Athletico Paulistano é uma das mais tradicionais associações social, cultural e esportiva de São Paulo. Localiza-se no privilegiado bairro do Jardim América e ocupa uma área de mais de 41 mil m²”. (www.paulistano.org.br/clube/apresentacao).

S.G.- Ah meus pais. Meus pais, meus dois pais são do esporte assim, não que nem eu né, porque eu sou um pouco além [riso] mas desde sempre né, colocaram em aula de esportes pequenininha, aula de natação... Me incentivaram a vida inteira.

F.S.- Então agora a gente vai falar sobre a inserção na Corrida de Aventura. Como ocorreu essa sua inserção na Corrida de Aventura?

S.G.- Eu conheci corrida de aventura uma vez que eu estava viajando. Eu comprei uma revista “**Outside**”³¹, que agora tem a “**Go Outside**”³² no Brasil, mas não tinha na época, era uma gringa. E tinha uma matéria sobre o **Eco-Challenge**³³ da Austrália. E aí eu vi aquelas fotos todas, eu olhei e falei gente, o que que é isso né, as pessoas estão remando, parece que estão pedalando, que esporte é esse? Fiquei super curiosa... Aí comecei a estudar, descobri que existia o **Eco-Challenge**, que era corrida de aventura. Então passou um tempinho e um amigo meu me liga um dia e fala: “Ah Shubi, vai ter uma corrida aqui no Brasil que tem que remar, pedalar e andar no mato, vai ser na Ilha Bela, você quer fazer?”. E eu, ah, quero. E aí era o primeiro EMA³⁴ né, foi o EMA 98, foi a primeira corrida que teve aqui no Brasil, e aí eu fui com uma equipe que a gente montou. Fizemos um curso de orientação assim de uma tarde, uma aula de canoagem lá com as canoas canadenses e fomos [risos]. Foi super legal, lá eu me encontrei, falei nossa, o esporte mais legal do mundo [riso].

F.S.- Como chamava a equipe?

S.G.- Chamava GDS, que era o nome das pessoas da equipe, assim, mas essa equipe ela existiu só nessa corrida mesmo que foi o EMA 98.

³¹ Revista norte americana que traz temas ligados aos esportes de aventura e atividades ao ar livre.

³² Revista nacional de tiragem mensal, da editora Rocky Mountain que traz temas ligados aos esportes de aventura e atividades ao ar livre.

³³ A "Eco-Challenge" é geralmente considerada como a origem dos “reality shows” televisivos. Era disputada em equipes com combinação obrigatória de homens e mulheres, correndo sem parar, 24 horas por dia, em um percurso acidentado de 300 milhas (500 km), participando de disciplinas como trekking, canoagem de água branca, passeios a cavalo, caiaque de mar, mergulho, montanhismo, passeios de camelo e mountain bike. As equipes consistiam originalmente em cinco membros, mas o tamanho da equipe foi reduzido para quatro membros no início da história do evento. O primeiro Eco-Challenge foi realizado em 25 de abril de 1995, no deserto de Utah e foi realizado todos os anos em um novo local até 2002.

³⁴ A Expedição Mata Atlântica – EMA, foi a primeira corrida de aventura do Brasil, realizada no litoral norte do estado de São Paulo em outubro de 1998, por Alexandre Henrique de Freitas, um visionário homem do mercado de ações que sempre adorou praticar esportes. Ao participar de um evento na Nova Zelândia, ele descobriu as corridas de aventura e decidiu trazê-las para o Brasil. (www.ema.com.br).

F.S.- Você lembra quem eram os integrantes?

S.G.- Era o Demien, o Gilson e eu. Eram só três pessoas.

F.S.- E com qual idade você estava na época?

S.G.- Vinte e um.

F.S.- E houve dificuldade na sua inserção neste esporte?

S.G.- [Silêncio] Não, até porque a gente teve muita sorte, eu acho, a gente... Eu comecei em 98, em 99 fiz algumas corridinhas. Aí no final de 99 os franceses vieram pro Brasil pra anunciar o “Elf”, que é uma corrida que teve em 2000, que é o “**Elf Authentique Aventure**”³⁵ que é uma prova francesa que teve no nordeste. E aí eles vieram conversar com a gente, eu estava com um monte de amigas, a gente reclamando dos homens na corrida né, tipo, ah os caras tem bolhas, os caras não aguentam [riso]. E eles falaram assim “porque vocês não montam uma equipe feminina?” [Silêncio]. Eu lembro direitinho Alan, Alan que chama o cara, era organizador do Elf. E ele falou assim “Mas porque que vocês não montam uma equipe feminina? A gente virou e falou assim: É, mas pode? Pode só de mulher? Ele falou: “Na minha prova pode” Aí a gente falou, nossa, vamos fazer, Daí a gente foi atrás de descobrir, montou as quatro meninas, daí a gente foi inventar um nome, aí surgiu Atenah, por conta da Deusa Grega Atenas, que a força dela é psicológica, ela conseguia vencer as batalhas com estratégia e não com força. Então aí foi o que a gente, meu, o que é que mulher tem que pode ser melhor que o homem, é estratégia, porque força a gente não vai nunca conseguir. E aí foi daí que surgiu o nome Atenah.

F.S.- Na época já era obrigatória a presença de uma mulher?

S.G.- É, a regra era essa naquela época, era uma mulher por equipe. Aí a gente começou a ir

³⁵ A primeira edição do Elf Authentic Adventure foi realizada em 1999 nas Filipinas, por Gerard Fusil. A segunda edição da competição foi realizada em 2000 na região nordeste do Brasil, onde trinta equipes largaram da cidade de Camocim, no Ceará, até José de Ribamar, no Maranhão, em 847 quilômetros distribuídos em 12 dias, nas modalidades de canoagem oceânica, vela, **mountain bike**, **trekking**, cavalgada, escalada, rapel e natação.

muito bem nas provas, que a gente passou a ganhar prova... Até “Brasil **Wild**”³⁶, várias provas aqui, aí mudaram a regra né, aí a regra virou um do sexo oposto... Aí a gente começou a fazer algumas corridas com um homem, porque era obrigatório.

F.S.- E quem foi o seu... Alguém foi seu maior incentivador na Corrida de Aventura? Teve alguma pessoa que te incentivou, ou partiu de você mesma?

S.G.- [Silêncio] Não, porque quando a gente começou corrida de aventura aqui no Brasil não tinha nada né, a gente foi com a cara e com a coragem fazer corrida. Você vê fotos minhas do Elf 98 de boné de brim, oclinhos redondinho, tipo... Tênis Nike de corrida, mochila cargueira gigantesca, moletom do “**Hard Rock Café**” [risos] sabe. Não tinha fleece³⁷, não tinha capa de chuva né, as mochilas não eram, não eram essas mochilinhas de ataque³⁸, não tinha nada né, não tinha [trecho inaudível], não tinha nada. Era tipo a primeira corrida do Brasil, vai se vira [risos]. Então era coisa de vontade nossa mesmo... E eu tinha grandes amigas que é a Nora, que mora na Nova Zelândia, que foi, né, que era Atenah também. A gente já era amiga de antes. A gente já fazia umas baladas de acampamento selvagem muito, a gente ia mergulhar juntas, então já tinha uma dupla aventureira né, super da aventura também. Então eu já era muito aventureira antes da corrida de aventura.

F.S.- E você tinha apoio da sua família?

S.G.- Sim, sempre. Sempre... Meus pais ajudaram muito, até a primeira vez que a gente conseguiu ir pro **Eco-Challenge**, eles nunca deram dinheiro pra eu competir, a gente sempre conseguia um patrocínio, mas no **Eco-Challenge** era assim, você tinha que conseguir uma vaga, você tinha que pagar, pra garantir que você ia, pra depois ir atrás de patrocínio né, porque como que eu ia atrás de patrocínio sem saber se eu ia pra prova ou não né? Então meu pai emprestava o dinheiro pra pagar, pra garantir inscrição. Aí a gente... Passava um ano né, porque na época você se inscrevia um ano antes, a gente se inscrevia tudo por papel, pelo Correio, não vinha por e-mail as informações [riso]. Lá, lá a gente conseguiu... O primeiro **Eco-Challenge** que eu fiz foi 2000 na Malásia, então... E aí, ele emprestava o dinheiro, a

³⁶ Circuito de Corridas de Aventura que existiu no Brasil de 2005 a 2009, com provas de 150 a 600 quilômetros.

³⁷ Peça de roupa de tecido tecnológico que funciona como vestimenta intermediária de um sistema de vestimenta em camadas, muito utilizado por montanhistas.

³⁸ Mochila de ataque é uma mochila esportiva leve, para atividades que necessitam de pouca quantidade de equipamentos.

gente conseguia patrocínio e pagava pra ele de volta. Então ele incentivava nesse tipo, “não, eu ajudo vocês, mas vocês tem que correr atrás, eu não vou bancar vocês, a inscrição eu empresto agora e depois vocês me devolvem esse dinheiro” [risos].

F.S.- E vocês tinham dificuldade de conseguir esse patrocínio? Ou na época...

S.G- Não, porque a gente era uma equipe feminina né. E a gente tinha muito destaque na mídia assim, mídia espontânea mesmo, a gente sempre teve muita mídia. E a gente ia bem, e a gente se cuidava, e as meninas bonitinhas... Então...

F.S.- Então você acha que o fato de ser uma equipe só feminina, diferenciada isso contribuiu?

S.G- É, de 2000 pra 2006 a gente teve muito patrocínio, muito. Viajei o mundo inteiro... fiz provas no Marrocos, na Nova Zelândia, em Fiji, na Europa, Estados Unidos... Tudo no patrocínio, tudo.

F.S- As outras equipes, que tinham uma formação tradicional, tinham alguma dificuldade? Você tem esse conhecimento?

S.G- [Silêncio] Não... Teve uma época muito boa de corrida de aventura no Brasil né, em 2002 a 2005, todo mundo tinha dinheiro, todas as equipes tinham patrocínio. Daí veio uma crise aí que derrubou [risos] todo mundo um pouco né, e ficou bem mais difícil, mas teve uma época que todo mundo se virava bem. A galera era rica na corrida de aventura, rica de patrocínio mesmo.

F.S.- Que legal. Deixa eu voltar para o roteiro aqui, que eu saí um pouquinho [risos]. É... Como as pessoas, de um modo geral, viam sua participação em corridas de aventura? Sem ser sua família, que já conhecia.

S.G.- [Silêncio]. Ah, eu sempre fui considerada louca da turma né, na escola, na faculdade, eu era tipo a “nossa a Shubi, aquela maluca” nossa “a Shubi, ela é maluca, ela... Ela fica andando no meio do mato, ela faz umas provas de dias... Nossa!”. Sempre a maluca. Mas a maluca que a galera curtia, entendeu? Sempre foi uma coisa muito curiosa. Na faculdade, eu consegui pagar a faculdade competindo muito, eu terminei em 2002. Formei em 2002, então

passei meus dois últimos anos de faculdade competindo muito, muito mesmo, ia para Vietnã, fazer **Raid Gauloises**³⁹, ia para a Nova Zelândia, fazer **Eco-Challenge**. E eu consegui negociar com todos os professores, me organizar, fazer trabalhos. E todo mundo sabia o que eu fazia, era muito legal, porque assim, na faculdade o pessoal torcia, trazia revista que saia matéria, aí eu fazia pesquisa sobre a escola do Vietnã e trazia pra eles e daí fazia apresentação... Então era vista como a maluca, mas todo mundo achava legal [risos].

F.S.- Estar inserida nesse meio fez com que você fosse alvo de algum preconceito?

S.G.- [Silêncio] Não... No comecinho, quando a gente montou a equipe Atenah, a primeira corrida que a gente participou, o Elf, rolou um preconceito da galera da corrida mesmo, assim tipo “Ih, essas meninas não passam do PC 2⁴⁰”, “Ih, essa equipe não chega nunca no PC 4”. E aí começou a rolar umas apostas na... Porque tinha apoio⁴¹ na época também... Na, nos apoios. E aí foi super legal porque largaram 32 equipes e terminaram nove. E a gente terminou em oitavo [risos], então a gente terminou e [palavra inaudível] não terminaram a prova [riso]. A gente fez o Elf em treze dias, tem noção? Treze dias de corrida [silêncio].

F.S.- Nossa... Eram quantos quilômetros?

S.G.- É... [silêncio]

F.S.- Você lembra quantos quilômetros que eram?

³⁹ Considerada por muitos, a primeira corrida de aventura (CA) moderna, teve sua primeira edição na Nova Zelândia em 1989. Organizada por um grande jornalista francês, Gerard Fusil, que com a parceria de sua esposa Nelly, criou propostas hoje fundamentais na CA, como a obrigatoriedade de pelo menos um integrante do sexo oposto na equipe, equipes autossuficientes, formato expedicionário, navegação por mapas topográficos e bússolas, postos de controle (PC), ou seja, locais de passagem obrigatória, áreas de transição de modalidade (AT).

⁴⁰ PC ou posto de controle é um local de passagem obrigatória das equipes, onde a organização consegue registrar a localização e classificação das mesmas. O PC pode ser físico, com a presença de pessoas da organização e apoio da prova ou virtuais, ou seja, não há ninguém no local e sim um prisma (espécie de bandeira) com um picotador (espécie de grampeador com um código), onde a passagem da equipe é registrada por meio de um picote no mapa (como nas corridas de orientação), ou até mesmo com a obrigatoriedade de tirar uma foto do local.

⁴¹ Apoio é um local da prova, geralmente nas áreas de transição de modalidade, onde as equipes podem receber auxílio externo para se trocarem e/ou se alimentarem. Nas provas mais antigas, cada equipe possuía uma equipe de apoio, que percorria cada AT de carro, por estradas, para encontrar com a equipe e oferecer auxílio. As equipes de apoio recebiam da organização da prova um “Race Book”, com orientações de estradas e caminhos a percorrer. As provas mais modernas extinguiram as equipes de apoio, o que apesar de tornar as provas mais difíceis para os atletas, que não podem receber ajuda externa, também as tornou um pouco mais baratas para as mesmas, já que não precisam contratar uma equipe de apoio.

S.G- Eram Oitocentos quilômetros [silêncio].

F.S- Muito difícil... É... descreva uma situação que tenha marcado esse preconceito, você lembra? Fora as apostas?

S.G- Não, a única, a única história foi essa. Fora isso [silêncio]. É claro que umas equipes, várias, tinha rinha com a gente, quando a gente passava correndo num “**trekking**”, os caras ficavam muito bravos sabe? Porque imagina, os caras fortão lá e a gente passava e papapapapa, entendeu? [risos]. Meu, dava binóculo na galera, os caras ficavam meio bravos... Canoagem, a gente sempre fez... É... Remou bem melhor do que a maioria porque inclusive os barcos ficavam mais leves né. Porque o caiaque quando ele fica mais leve, a linha d’água né, mais fina, pro caiaque, o caiaque anda muito mais né, pega dois homens de noventa quilos e duas meninas de cinquenta e cinco [risos], o barco fica mais leve e anda mais rápido então. Isso era uma outra coisa, que também, a gente passava e os cara ficavam espumando. Mas, fora isso... nada grave, assim, eu nunca sofri nenhum tipo de preconceito direto... Nada.

F.S- Agora vamos falar um pouquinho em específico sobre a equipe Atenah. Você já até comentou um pouquinho: Como surgiu o desejo de formar uma equipe só de mulheres?

S.G.- É, o desejo foi esse: A gente começou a correr e começou a perceber que... Os homens davam... Se cuidavam menos [Silêncio]. As... A comunicação também era diferente... E a gente, a gente já era uma turma de amigas, a gente já fazia muito esporte. A gente vinha do **triathlon** e tal. Então a gente já se via como um grupo né... E aí tinha essas questões com os caras né. A gente falou, meu, se a gente puder fazer só a gente. A gente se entende, a gente se cuida igual, o ritmo é parecido, a hora que a gente quer parar é parecido, então... Foi por isso [silêncio]. Foi realmente pela dificuldade de encontrar homens que fazem igual a gente. Que não deixa de ser um pouco de preconceito [risos].

F.D.- Também uma questão de entrosamento né? Entrosamento que vocês já tinham.

S.G.- Exatamente. E a equipe funcionou muito por isso, porque... Nós somos muito amigas até hoje, quem era da Atenah, né, mesmo sem corrida de aventura, uma na Espanha, outra na Nova Zelândia, a outra na França e a gente é muito amiga até hoje, porque já era antes né...

E... [Silêncio]

F.S.- E como vocês se organizaram? Partiu de você de ter a ideia, chamar? Como foi a essa organização da equipe?

S.G.- É, foi depois dessa prova. Eu que encabecei... Eu que fui atrás de nome... Eu que organizava tudo, eu era a capitã da equipe... Então eu que fazia as inscrições, procurava as provas... Mas era sempre muito eu e a Nora. Eu e a Nora a gente foi sempre quem encabeçou a equipe. Que montava os projetos pra ir atrás de patrocínio. A gente que ia bater na porta de todo mundo pra conseguir os apoios... Então sempre a gente que fez tudo. Equipamento..., Ia comprar caiaque, ia comprar as coisas. Então sempre foi eu e a Nora.

F.S.- Houve desafios no processo de formação dessa equipe?

S.G.- Ah, sempre tem né, porque uma sai, entendeu... Uma casou, foi morar na França, aí tinha que arrumar outra né. A gente teve algumas meninas que passaram na Atenah né. Até a... Quase a última formação dela foi a melhor que a gente teve. Porque no começo, quando ela começou, era com a Ariane⁴² e com a Patê⁴³, que fizeram só o Elf e nunca mais fizeram com a gente, ficou só eu e a Nora⁴⁴. Daí veio a Karina⁴⁵, que também é muito forte, muito parecida com a gente, comigo e com a Nora. E aí depois veio a Cris Carvalho⁴⁶ [Silêncio]. Que é outra que também... Que também encabeçava, como uma grande líder, nossa treinadora, com um nível de força assim bem legal. Então... Aí foi indo assim. A gente procurava gente que sempre tivesse o nosso perfil. Por exemplo, chegou uma época que a gente precisava encontrar alguém, e tinha uma menina que treinava com a gente que era muito, muito forte. Corria *muito* [silêncio]. Mas não tinha nosso astral. E eu falava pras meninas “Mas vamos, vamos chamar ela”, mas elas falavam “Mas não tem nosso astral. Se não tiver nosso astral, não vai... Pode ser forte... Pode correr pra três minutos o quilômetro, mas se não tiver nosso astral não vai funcionar”. Então a gente sempre escolheu muito por perfil, caráter, empatia, tudo junto, porque na nossa equipe era só um olhar pro outro que a gente já sabia o que precisava, o que precisava fazer e o que estava acontecendo, sabe? Era uma comunicação

⁴² Atleta paulista Ariane Malohlava

⁴³ Atleta paulista Patrícia Bertolucci

⁴⁴ Atleta paulista Eleonora Audrá, atualmente residente em Christchurch, Nova Zelândia.

⁴⁵ Atleta paulista Karina Bacha, atualmente residente em Miramar, França

⁴⁶ Atleta paulista Cristina Carvalho, que faleceu em 2015 por consequência de um câncer.

muito boa.

F.S.- Ah legal. E dentro dessa formação, alguma vez vocês sentiram falta da presença de um homem na equipe?

S.G.- [Silêncio]. Humm, não [risos]. Não, pra não dizer que não tem vontade de ter homem na equipe, foram alguns poucos momentos... É sempre quando a gente tem que fazer alguma portagem⁴⁷ com caiaque. É sempre quando tem que carregar o caiaque pra algum lugar [risos] na hora da força física, da pura força física [riso] que a gente precisava de um homem [risos]. Só [risos].

F.S.- Em alguma competição vocês tiveram problema por ser uma equipe só feminina?

S.G.- [Silêncio] mas que cara, problemas entre nós sempre acontece né, uma briguinhas [risos] né, porque eu nunca vi uma equipe que nunca brigou durante a corrida... Mas... [silêncio].

F.S.- Mas aí, é... Por exemplo, como vocês faziam pra superar esses problemas? Contornar esses problemas?

S.G.- Ah, trabalhando em equipe né. Tipo, carregar um caiaque... Se não der pra carregar em duas, vamos carregar em quatro, volta pra pegar de novo o outro e carrega em quatro, né. Ou... Carrega e descansa mais vezes... A gente sempre usava estratégias pra suprir o que... A falta de força. Estratégia sempre foi nosso gancho né. Estratégia e eficiência em transição, tomada de decisão. São as coisas que mais, é... Fazia a gente ganhar tempo. A gente sempre teve transições⁴⁸ muito rápidas. E a gente sempre foi muito rápidas em tomada de decisão... Corrigir erros... escolher caminhas, sabe? Não ficava muito discutindo, tipo, quem sabe, Eleonora falou vai, a gente falou, vai. Sempre era umas coisas bem... sem papo, a gente não perdia tempo... Até xixi a gente combinava de fazer na mesma hora: “Você tá com vontade? Você tá com vontade também? “Ah, eu posso segurar”. “ Não, então eu vou esperar vocês ficaram com vontade”. Aí para todo mundo pra fazer xixi junto, entendeu? [risos]. Tirar

⁴⁷ Portagem é quando o caiaque precisa ser carregado pela equipe, por motivo de trecho perigoso ou não navegável, ou simplesmente por motivo de estratégia para cortar caminho.

⁴⁸ Transição de modalidade, exemplo: do trekking para o *mountain bike*, ou da canoagem para as técnicas verticais.

casaco: Tinha que tirar todo mundo, vai todo mundo pôr, vai todo mundo tirar, se cada um parar a bike pra tirar a hora que quer você perdeu ali já vinte minutos. Porque pára, demora cinco pra tirar a mochila, tira casaco, bota na mochila... Não dá. Então, várias coisinhas assim era que a gente... Ia tirando tempo da galera e aí a gente tinha ótimos resultados.

F.S.- Eu lendo algumas matérias eu li que algumas provas que as regras não permitiam com que formassem quatro mulheres, vocês convidavam um homem, não é certo isso? Vocês notavam que mudava alguma coisa na equipe quando tinha a presença deste home?

S.G.- Sempre [silêncio]. Sempre, porque, assim... É diferente, mas não que a gente não conseguisse ter bons resultados, porque a gente também conseguiu ter bons resultados e a gente escolhia meninos que a gente se dava bem, né. E que se entendiam com a gente e que gostavam da gente. Mas é diferente... O home quer estar sempre largar a prova mais rápido, entendeu? Largada é problema sempre, porque mulher não tem explosão igual do homem, então os cara quer largar tipo AHHH e a gente larga forte, mas não precisa se matar entendeu? Então... É mais a dinâmica assim, a gente sempre dava um jeito, até porque o fisiológico do homem e da mulher é diferente, então as necessidades e... Qualidades são diferentes também.

F.S.- Interessante. E com que tipo de formação você considera que a equipe teve mais sucesso, então? Só com mulheres?

S.G.- Olha [silêncio] A minha equipe de 2006 e 2007 que era eu, Nora, Cris Carvalho e Fernandinha Maciel⁴⁹, foi disparada a melhor equipe que a gente já montou, entendeu? A gente, realmente, matava a pau, assim [risos]. Era assim, as mais atletas, com conhecimento de aventura, navegação⁵⁰... E sinergia de equipe... Então assim, mega atletas né? Mas se me perguntar hoje o que que eu acho que é o perfeito, o perfeito é dois e dois. Assim, no geral, oque que seria mais, uma equipe que funciona bem é dois homens e duas mulheres.

F.S.- Por quê, que você acha?

S.G.- É o equilíbrio né, a mulher faz muita coisa boa pra corrida de aventura. Essas coisas do cuidado com o próprio corpo né, você tem que ser, você tem que ser... Você tem que ser

⁴⁹ Atleta mineira Fernanda Maciel, atualmente é campeã de corridas de montanha e reside em Anserall, Espanha.

⁵⁰ Navegação é a expressão utilizada para a técnica de orientação cartográfica.

sustentável, você tem que estar bem até o final. Não adianta se matar no primeiro dia ou... ou... Aguentar uma dor no pé e não cuidar da bolha e no final você não estar andando né. Então eu acho que tem a parte que os... A parte emocional da mulher ela fala mais alto.

F.S.- Isso aqui eu acho que já te perguntei: Você já percebeu alguma atitude ou discurso preconceituoso por parte das pessoas envolvidas na corrida de aventura durante a participação da Atenah nas competições?

S.G.- Então, no comecinho também teve uma corrida que a gente ganhou e aí rolou uma mentirada, assim, a galera começou a dizer que a gente estava pagando pra alguém mostrar caminho. Teve. Uma vez, que foi, uma corrida só, que foi a segunda corrida que a gente ganhou de todas as equipes, só com mulher. A primeira foi [palavra inaudível], a segunda a galera saiu matando, assim, os atletas mesmo, dizendo que a gente estava roubando... Que não era possível a gente ter ganhado... Enfim, mas depois a gente provou que a gente ganhou mesmo [risos].

F.S.- Você acha que eles falaram isso por vocês serem uma equipe só feminina né?

S.G.- Com certeza.

F.S.- Que vocês estavam burlando, porque eles achavam que não era possível isso acontecer...

S.G.- É. É.

F.S.- Você lembra qual prova foi essa?

S.G.- Foi o mini EMA. Foi o mini EMA em Tapiraí em 2001? Será?

F.S.- Era uma prova curta?

S.G.- Era uma prova de vinte e quatro horas. Uma prova sei lá, de cento e cinquenta quilômetros, duzentos, uma coisa assim. De final de semana, sabe? Aquelas que eram sábado e domingo.

F.S.- Nossa, e porque que a Atenah parou de competir?

S.G.- Porque a gente ficou velha [risos]. Estou brincando...

F.S.- Está nova, ainda [riso]...

S.G.- [risos] Não, estou brincando, foi porque... [silêncio]. Foi vida mesmo, porque assim, primeiro a Karina foi pra França, aí depois a Nora casou com o Ian e está morando na Nova Zelândia e aí a gente já... e a Fernandinha resolveu focar na corrida de montanha, mudou pra Espanha também, então já desmantelou a equipe né. Ficou eu e a Cris aqui e logo em seguida a Cris também ficou doente. A Cris ela teve um câncer e ela morreu em 2015. Então foi porque dispersou mesmo. Cada uma foi pra um canto, daí todo mundo foi ter filho. Eu tive filho, a Nora teve filho [riso]. Então foi... Mas a gente em breve vai fazer uma reedição da Atenah [risos]. Agora que os filhos estão crescendo [risos].

F.S.- Legal. Então você acha que a família também atarefa mais. Dificulta um pouco né?

S.G.- Com certeza. [silêncio]. Com certeza. Eu demorei até... Eu acho que eu casei tarde por causa disso, corrida de aventura [risos]. Certeza [risos]. Passei muito tempo rodando o mundo aí em vez de procurar marido [risos].

F.S.- Durante a participação nas provas quais foram as maiores dificuldades? Envolvendo físicas, logísticas, financeiras...

S.G.- [Silêncio] Ah... Eu acho que sempre nas corridas a maior dificuldade é sono [riso].

F.S.- Sono?

S.G.- É. Ou frio, quando faz frio. Porque brasileiro não se dá bem com frio. Mas... e também tem a parte financeira que é sempre um desafio né [silêncio]. Mas a gente passou bem vários anos.

F.S.- Você atribui alguma dessas dificuldades específicas por serem mulheres, ou não?

S.G.- Não. Não.

F.S.- Agora vamos falar um pouco sobre sua carreira esportiva na corrida de aventura. Como era sua rotina de treinamento?

S.G.- Ah, porque eu competia bastante né? Ah, eu treinava sempre dois esportes por dia. Treinava uma média de seis horas por dia nessa época e era sempre... Eu remava, pedalava, corria, escalava... A gente sempre ia pra Casa de Pedra⁵¹ fazer escalada também... E eu nadava viu? Nossa eu treinava muito [riso]. Nossa, eu só treinava [risos]. Treinava e ia atrás de patrocínios.

F.S.- E você dedicava à alguma outra atividade nesse período? Trabalho, estudo, família?

S.G.- Então, eu até saído trabalho quando eu virei uma equipe, quando a gente começou a competir muito, eu parei de trabalhar em escola... Aí eu sempre fui instrutora da **Outward Bound**⁵², né, da **Outward Bound** Brasil, que é a OBB. Então eu dava alguns cursos de educação ao ar livre.. Então, né, entre as corridas eu dava aula em alguns cursos desses [silêncio]. E aí em 2005 eu montei uma escolinha de esportes de aventura na USP. Eu lembro que em 2002 eu parei de trabalhar com educação oficial né, em escola... Aí fiquei uns três anos só competindo [silêncio] e dando alguns cursos, e aí de 2005 a 2008, né. De 2002 a 2008 foi até que eu competi muito mesmo. Aí até 2008 eu tinha já a escolinha de esportes na USP.

F.S.- E essa conciliação entre vida pessoal e carreira esportiva era difícil? Ou não?

S.G.- Ah, se você quer ser alta performance em corrida de aventura você tem que ter tempo pra treinar né? Porque é esporte de endurance [silêncio]. Então... Tem que ter várias horas do dia disponíveis né. É um estilo de vida. Tem hora que eu acho que... Tanto que se você for olhar os atletas de aventura, a grande maioria são todos autônomos.

⁵¹ Centro de treinamento de escalada artificial (muro de escalada), na cidade de São Paulo. Também é uma loja de equipamentos de montanhismo.

⁵² “Rede mundial de escolas de Aprendizagem Experiencial ao Ar livre, que tem como propósito ajudar as pessoas a desenvolverem todo seu potencial por meio de desafios na natureza. Outward Bound é um termo náutico e descreve o momento em que um navio deixa o porto seguro, rumo aos desafios do mar aberto” (www.obb.org.br).

F.S.- E sua vida afetiva? Você tinha namorado na época?

S.G.- Ah, tive vários no mundo inteiro [risos] Então, tinha, mas era difícil manter namorado por muito tempo. Os namorados sempre ficavam loucos né, porque eu viajava muito. E realmente, eu viajei muito, muito. Quando eu competi aventura, muito. Eu passava quatro meses no Brasil e picava a mula daqui toda hora [risos]. Então demorou mais né. Eu... Uma das coisas que eu sosseguei na corrida de aventura foi porque... Uma hora eu falei eu estava com trinta e três, eu falei, se eu não sossegar, daqui a pouco eu vou estar com quarenta e não caso, não arrumo marido, não vou ter filho, vou continuar rodando o mundo inteiro atrás de aventura e... [risos]. Vou ficar sozinha [risos].

F.S.- É... Nesse período que você tinha namorado você tinha que negociar a sua participação, de alguma forma? Eles tinham ciúmes?

S.G.- Com namorado não, não negociava nada, eu falava: tô indo e tchau [risos]. Com marido eu negocio, com namorado eu falava: Quer? É só assim [risos]. Tô indo, se achar ruim problema seu [risos].

F.S.- Teve algum problema de ciúmes? Alguma coisa?

S.G.- Sempre ué, sempre acabava né [risos]. Eu falava: coitado... [risos].

F.S.- Você já falou que tinha patrocínio né. Você tinha treinador?

S.G.- A Cris. A própria Cris Carvalho era minha treinadora.

F.S.- Ela sempre treinou a equipe?

S.G.- Sempre.

F.S.- Vocês treinavam juntas?

S.G.- Sim, bastante.

F.S.- Você ainda compete?

S.G.- Algumas coisas... Ah, eu faço provinha de **mountain bike**, faço umas corridas de montanha... Faço umas provas de canoa havaiana... Esse ano eu fiz duas de **mountain bike**, uma de corrida de montanha e... Só... Continuo treinando, não como antes né. Eu treino todo dia, mas... Uma horinha, e tal... Uma pedaladinha, uma nadadinha, [riso] pra manter [riso].

F.S.- O que você diria que garante a permanência das mulheres na corrida de aventura?

S.G.- [Silêncio]. Vontade própria. [Silêncio] Querer.

F.S.- Tem alguma passagem por alguma outra equipe ou temporada que você gostaria de destacar? Falar um pouco?

S.G.- Ah eu competi em várias outras equipes também né. Inclusive com gringos. Eu posso até te mandar, eu tenho uma entrevista... Eu corri com uma equipe do... Dos, do exército sueco, num mundial. E... Eu fui convidada, me convidaram, pagaram tudo, eu fui competir com eles na Suécia, e foi o melhor resultado da vida deles. Eles nunca tinham chegado em menos que vigésimo, e a gente foi pra um mundial em 2006 e a gente ficou em sétimo. E lá eles, tipo assim, e aí numa entrevista que eles deram pra uma revista depois ele falava, de mim tipo: Não, porque a Shubi ajudou nisso, a Shubi ajudou naquilo. Então assim, eu sempre trouxe muita logística pras provas. Porque os caras... Muita equipe masculina eles focam na força, a força. E aí, eu sempre trazia, não corrida não é força gente, vamos planejar cara, onde a gente vai dormir? Que horas? Não adianta a gente ficar correndo até cair. Depois que caiu já não estão indo bem. Então vamos sempre estar num ritmo bom. Então eu sempre trazia muita lógica né, tipo, vamo, vamo ser inteligentes? [risos].

F.S.- Ah, legal. Nesse período teve algum fato que te marcou mais, ou prova que te marcou mais, nesse período que você competia?

S.G.- [Silêncio]. Ai, aí são várias... Tem algumas provas que são as mais queridas né? A prova do Vietnã foi uma que eu gostei muito e que eu considero das mais legais que eu já fiz. [Silêncio]. E teve uma na Croácia que a gente correu em quatro mulheres também, com a Cris, e foi uma prova incrível, a gente ficou em terceiro lugar também... Tinham quarenta

equipes e a gente ficou em terceiro com quatro meninas... Foi em 2005. E foi uma prova muito legal assim, também, eu tenho ótimas memórias.

F.S.- Ah legal. E aí, sobre organização de eventos. Essa é a última parte. Como aconteceu seu envolvimento na organização do Ecomotion?

S.G.- [Silêncio] Ah... Eu... Meu irmão é amigo do antigo dono e aí ele ofereceu pra gente, a gente não tinha grana, a gente meio que negociou [silêncio]. E no fundo ele falava: “Meu, só vocês podem organizar corrida de aventura, porque pra organizar uma corrida de aventura tem que saber fazer corrida de aventura né? E foi assim que começou... E aí eu gostava muito do assunto né... Abandonei a educação de novo pra tentar organizar prova... Passamos três anos fazendo mas eu não... Também percebi que eu não nasci pra isso [riso]. Adoro, penso super com carinho em todos os atletas, montava percursos incríveis... Mas... O meu talento é a educação... E nas... Nas instituições escolares eu acho que eu sou muito mais... Melhor [riso] como profissional [riso].

F.S.- E quais foram seus maiores desafios na organização desse mega evento?

S.G.- Apoio político, patrocínio, porque eu peguei isso bem numa época que o Brasil estava afundando... E nossos políticos são todos corruptos e... Não são honestos... A gente no Pantanal, por exemplo, tomou um calote de um milhão, do governo, e foi por isso que a gente acabou. A gente parou porque quebrou. A gente quebrou. Então, pior de tudo é apoio, é dinheiro. Pra organizar evento hoje em dia no Brasil é dinheiro. Porque assim, na mesma época que as equipes tinham grana, as provas também tinham grana, porque o Brasil tinha muito mais patrocínio né... Hoje em dia o Brasil [silêncio]. Até pra futebol os caras estão penando pra conseguir dinheiro [risos].

F.S.- Complicado né. E você gostaria de fazer algum comentário, deixar algum depoimento que envolva os temas abordados nessa entrevista e que não foi questionado?

S.G.- [Silêncio]. Bom, acho que assim, o recado mais legal da corrida de aventura é realmente aprender a trabalhar em equipe... É perceber que a gente consegue fazer muita coisa na vida com poucos recursos né... E... Assim, a maior lição que eu tiro da corrida de aventura e isso eu repito em todos os lugares que eu vou, é assim, aprender a olhar pras qualidades das pessoas,

e usar o que ele tem de melhor e aceitar o que você não gosta e as diferenças, entendeu? Não adianta, você não vai mudar ninguém. Então, igual na corrida de aventura, se você não gosta de alguma coisa naquela pessoa você vai ter que aceitar aquilo, e se ele é um bom remador, meu, vamos aproveitar que ele rema bem, meu, bota o peso aí e reboca o caiaque entendeu? Saber olhar pra qualidade de cada um. Reconhecer o potencial, o que cada um tem de potencial e bom e... o que você não gosta tudo bem, que eu te respeito e vamos nessa [risos] sacou? [risos].

F.S.- Ah, legal. Shubi quero te agradecer. Também queria que, por gentileza, você me passasse o contato das outras integrantes. Eu consegui falar com a Fernandinha, ela está fora. E com a Nora eu mandei recado, mas ela não respondeu pelo Facebook, aí se você puder, por gentileza me passar. Muito obrigada tá Shubi, foi ótimo.

S.G.- Obrigada você Fabi, beijo.

[FINAL DA ENTREVISTA]

Número da entrevista: 02

Entrevistada: Eleonora Audrá

Idade: 39 anos

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: São Paulo

Reside em: Christchurch, Nova Zelândia

Etnia autodeclarada: Branca

Estado civil: Casada

Filh@s: Sim. Um filho de 4 anos.

Escolaridade/Formação: Graduada em Desenho Industrial

Profissão ou profissões: Organizadora de Eventos

F.S. – Agora vamos falar um pouco sobre suas experiências esportivas na infância e na juventude. Como era a sua relação com o esporte na infância?

E.A.- Ah, sempre gostei de esporte. Quando eu era pequena meu pai tinha uma fazenda então eu vivia sempre **outdoor**, sempre me aventurando... Ah, nadava, de pequena... Bicicleta e... Sempre gostei de estar ao ar livre, praticando atividade física, acampando... Criando aventuras na minha mente [risos]... E... Aí fui crescendo e fui continuando, praticando esporte na escola, joguei handebol, futebol... Fiz natação, até competi natação... É, isso tudo.

F.S. – Ah, interessante. Então esses foram os esportes que você praticou mais... Você chegou a competir em alguma modalidade? Fora corrida de aventura?

E.A.- Ah, corri, fiz competição de natação e competi na escola jogando handebol, competia pela escola, jogando handebol. Depois futebol, competia pelo clube, depois pela escola [trecho inaudível]. Futebol eu treinava umas cinco vezes por semana e jogava duas vezes no final de semana [trecho inaudível] Fiz aulas com os meninos no jôquei... É, o que eu levei mais a sério foi o futebol, antes de começar a corrida de aventura. Também fiz algumas competições de **mountain bike**. Mas estava muito no começo e tal, estava aprendendo e, nem era prova de velocidade, mais enduro de regularidade de **mountain bike**.

F.S.- Ah, tá. E alguém te incentivava na prática esportiva?

E.A.- A minha mãe. Minha mãe sempre, sempre foi em prol do esporte, então ela sempre, uma coisa que ela sempre quis incentivar todas as filhas era [palavra inaudível] esporte, tanto é que ela colocou a gente no balé desde pequena, natação... Mas ela sempre foi minha fã número um e sempre a maior incentivadora né, [trecho inaudível].

F.S- Agora Nora, a gente vai falar sobre a inserção na Corrida de Aventura. Como ocorreu essa sua inserção na Corrida de Aventura?

E.A.- Ah, eu tava, ah, eu já fazer... gostava de fazer bastante **mountain bike**, fazer caminhadas nas praias e também tinha começado a escalar, estava fazendo escalada esportiva... E aí foi em 98, quando a corrida de aventura veio pro Brasil, o Alexandre Freitas, você já deve ter pesquisado tudo... Quando ele trouxe a corrida de aventura pro Brasil surgiu né... Até acho que eu tava, na época, eu tava treinando **biathlon**⁵³, começando a querer, começar a fazer **biathlon**. E aí, quando no meio dos amigos surgiu: “Ah... vai ter essa corrida nova, uma corrida diferente, que chama corrida de aventura, que tem que pedalar, remar, caminhar, você dorme em barraca e dura três dias e ah, deve ser legal”. E aí como já estava sempre no esporte outdoor eu falei pô, vamo experimentar... E fiz a primeira corrida de aventura e me [trecho inaudível]. Me identifiquei com o esporte que era, não só o físico mas também com a cabeça né, que você tinha que competir não só com o seu corpo, com o condicionamento físico, mas tinha que ter a cabeça pra fazer você continuar em frente mesmo depois de cansada, com sono, suja, na roubada [risos].

F.S- E houve dificuldade na sua inserção neste esporte? Quais, se houve?

E.A- Ah, eu acho que a maior dificuldade no começo, foi... Era... Era a equipe, porque como era um esporte muito novo... Ah... A gente não sabia o quê que era determinante numa equipe né, o quê que era o fator... O quê que era um... O que um companheiro de equipe perfeito deveria ter, quais seriam as qualidades e habilidades de um companheiro, era mais assim, na época era... Tem uma equipe aqui precisando de uma mulher, você quer fazer? Ah, sim, claro... Acho que essa foi a maior dificuldade... porque eu, assim, na... Quando eu fiz minha primeira corrida de aventura... Ah... Eu não... Assim, claro que tem a dificuldade do condicionamento físico né, dos desafios que tem durante a prova. Mas eu acho que o maior

⁵³ Competição multiesportiva que reúne prova de natação e corrida.

desafio no começo era encontrar qual era o melhor equilíbrio de uma equipe né, dos integrantes dentro de uma equipe.

F.S.- E alguém te incentivou na Corrida de Aventura?

E.A.- Ah, eu sempre né... Como eu era bem, bastante, bem... Melhor amiga da Shubi, e eu, nós éramos melhores amigas, a gente começou meio juntas né... E aí a minha mãe né, claro, sempre me incentivou, quando ela ficou sabendo ela achou ótima a ideia e... Enfim amigos né, todos os amigos que estavam treinando, todo mundo, todo esse pessoal incentivou.

F.S.- E como as pessoal, de um modo geral, viam sua participação em corridas de aventura?

E.A.- Essa pergunta é difícil [riso]... Pelo... Pela vivência que eu tive as pessoas viam que eu levava jeito pra isso, desde o começo [risos]

F.S.- Mas fora desse ambiente, assim, quando você falava de corrida de aventura?

E.A.- Ahh, amigos assim? Olha, todos achavam que eu era maluca [risos], louca de pedra: “O quê que cê tá fazendo? O que é isso? Vai ficar sem dormir? Eu, nunca na vida... Ficar no meio do mato, perdida? Você é louca!” [risos]. Realmente, a reação das pessoas que não estavam no meio, era de que eu era louca [risos].

F.S.- Estar inserida nesse meio fez, alguma vez, com que você fosse alvo de algum preconceito?

E.A.- Não. Nunca. Não que eu tenha percebido. Mas nada, nunca percebi isso.

F.S.- Sei. Nem do pessoal da própria corrida, pelo fato de ser mulher, não né?

E.A.- Não... Ah, no começo tinha é, um pouco, de “ah, é mulher”. No começo, começo, da corrida de aventura tinha um pouco de preconceito de mulher na corrida porque no começo as regras diziam que então todas as equipes tinham que ter uma mulher, né, dentro da equipe. E se você for pensar um pouco daí diziam ao contrário, que a mulher é o equipamento obrigatório da equipe. Então isso se você for ver, é um pouco de preconceito [risos]. E aí eu

lembro também, quando nós formamos a Atenah, pra competir o “Elf” em 2000, a... As equipes de apoio durante o evento, durante a prova faziam apostas pra quando a equipe né, a nossa equipe ia desistir. Então, se você ver isso tem um pouco de preconceito. Acho que na verdade serviu com mais como uma piada, mas se você for ver a fundo, pode ser chamado de preconceito [risos].

F.S.- É, a Shubi também comentou sobre isso... E sobre especificamente a equipe Atenah, como surgiu esse desejo de formar uma equipe só de mulheres?

E.A- Foi no final do EMA 99, que era a semana de premiação, né, o encerramento da prova e... o Gerard Fusil, que era francês, que foi quem criou a corrida de aventura, lançou, criou o **Raid Galoises** e depois foi promovendo uma prova nova que ele estava organizando, que era o Elf.. E a gente estava lá... Shubi, a Patrícia Bertolucci, a Ariane... E todas nós estávamos, tínhamos competido em equipes diferentes e todas nós tivemos problemas com os homens [riso] das nossas equipes. Porque no começo era muito assim... Os homens... Como eles não... Ninguém conhecia muito o esporte era difícil de, de regular né, de começar, balancear o ritmo. E os homens sempre acabavam indo muito mais... Fazendo... Se quebrando, e indo mais rápido, mais forte do que precisavam e... E acabava que no final da prova eles estavam bem mais destruídos que a mulhe... Que nós mulheres. A gente acabava se cuidando mais durante a prova né. É porque acho que a gente tem mais sensibilidade sobre o nosso do que os homens. E... E aí a gente tava conversando e nós sempre éramos... Nós éramos bem amigas, a gente treinava juntas e a gente “Ah, poxa, esses homens né! Putz grila, não sei o quê. Pô seria bem legal a gente fazer uma prova só entre mulher né, só a gente, nós, amigas...” E aí a gente surgiu “Ah, vamo então montar uma equipe pra esse “Elf”. E aí a gente foi conversar, até conversou com o Gerard Fusil e na hora ele adorou a ideia: “Nossa, equipe toda feminina? Com certeza. Não, sim, sim sim” [riso]. E aí foi mais isso. Na verdade a gente criou a equipe não só pelo fato de... Da nossa experiência com os homens ter sido um pouco frustrante, mas mais pelo fato de estar competindo com... Entre amigas né... porque é um experiência bem né... Não sei se você fez uma corrida longa, mas é uma experiência muito... Muito marcante e... E é super legal você fazer com pessoas que você conhece bem... E isso acaba interferindo no seu resultado. Na dinâmica da equipe. E a gente achou entre... Como a gente ia competir entre amigas, essa dinâmica ia ser mais fácil, mais eficiente.

F.S.- Ah entendi. E houve desafios no processo de formação da equipe Atenah?

E.A.- Ah, sempre houve desafios né, tem. Mas entre a equipe? Em termos de equipe? Ou em termos de prova?

F.S.- Não, na formação mesmo, quais dificuldades? Da formação da equipe só de mulheres... Ou não?

E.A.- Ah, não. No começo... No começo, como nós éramos todas amigas, a gente, na formação da equipe não, não teve dificuldade... Ahh... Depois [silêncio] claro que teve. Tivemos algumas dificuldades em termos de objetivos da equipe... O que cada uma queria. No começo o objetivo foi fazer essa prova entre amigas né, o “Elf”. Teve... Houve desafio de conseguir viabilizar né, a prova, porque não era uma prova barata, então tinha que arrumar patrocínio, né. Então houve desafio de correr atrás de patrocínio e, claro, tudo isso... Mas o fato de a gente estar com uma equipe diferenciada de todas as outras, criou um pouco... E a corrida de aventura ser um esporte novo e... No Brasil... Acabou atraindo bastante mídia pra nossa equipe, então a gente acabou conseguindo um bom patrocínio pra fazer o “Elf”. E depois disso foi realmente... Como a gente fez a prova e acabou tendo um resultado bom. E teve bastante retorno de mídia, a gente acabou querendo continuar com isso. Mas, por exemplo, a Patrícia Bertolucci depois da prova ela não queria... Falou que não queria mais participar... Não, não, não queria, queria mais fazer **triathlon**... depois os objetivos de cada uma acabou interferindo no... na equipe.

F.S.- E durante a prova? Quais eram os principais desafios n sua opinião?

E.A.- Ah, uma vez... O principal desafio? Era... Também, continuava sendo, ainda era muito no início da Corrida de Aventura no Brasil... Então acho que os principais desafios no começo pra gente mulher... Pra nós mulheres, como é uma prova longa foi o peso, né? A gente tinha que carregar bastante peso durante a prova. Ah [silêncio], quê mais... O sono, a gente acabou dormindo bastante, então eu não acho que a privação de sono nessa prova foi... foi desafio mas não foi um problema muito grande. Ah... Eu acho que foi também, como no... No decorrer da prova a gente também percebeu que o... Ah, como é que é... Como é que eu posso falar... Que o ritmo da prova... Era... Não sei, não sei quais... Acho que o maior desafio foi mesmo carregar peso. Foi ah... Em alguns momentos dentro da equipe a gente tinha diferentes objetivos, então acabava tendo algumas discussões, mas tudo que a gente conseguia depois

né, administrar entre... Entre a equipe. Acho que foi mais isso.

F.S.- E... Alguma vez durante a prova você sentiu falta da presença de um homem na equipe?

E.A.- [Silêncio]. Ah, sempre que... Quando tem que carregar muito peso assim [risos]. Sinto falta de um homem [risos]. Mas depende também né, porque há vezes que você acha que vai ajudar e há vezes que atrapalha [risos].

F.S.- É, pode se dizer que a estratégia é um fator importante né?

E.A.- Ah, com certeza. Isso que a gente [palavra inaudível] né, no decorrer dos anos, e a estratégia nas corridas de aventura algumas... Na maioria das vezes é muito mais importante do que só o condicionamento físico né. Não adianta você só ter o condicionamento físico se você não tem uma boa estratégia né. Acaba queimando todas as suas fichas muito rápido. Então acho que foi isso.

F.S.- Em algumas competições, eu tenho o conhecimento de que não foi possível correr só com mulheres né, devido as regras né? Como vocês faziam pra contornar isso e se tiveram problema com isso?

E.A.- Ah, a gente teve alguns problemas. Acho que a principal delas foi o “**Eco-Challenge**” na Nova Zelândia. A gente precisava de um integrante né, de um, de uma pessoa... De um home na equipe e a gente né, convidou um amigo nosso, só que eu acho também que como era ainda muito novo... Ah... A gente tinha um pouco essa... Como a gente já estava acostumada a correr entre mulheres, também acho que a gente às vezes tinha um pouco essa dificuldade de correr com um homem, no começo, porque... Acho que a gente não sentou antes da prova pra poder conversar sobre objetivos. Acho que é, essa sempre é uma das principais fatores dentro né, de que pode acabar quebrando uma equipe. Acho que se a equipe não senta antes da prova pra conversar sobre objetivos, durante a prova, né, se uma pessoa quer competir pra ganhar ou pra ir bem e a outra quer ir só pra passear não, não vai dar pra equipe ter uma dinâmica eficiente né. Então eu acho que isso foi a maior dificuldade que a gente tinha às vezes competindo com os homens. E depois com o decorrer dos anos a gente aprendeu, e aí sempre né, tinha essa conversa antes né, de objetivos, o quê que algum esperava da prova. Ah, acho que foi isso.

F.S.- Então, com que tipo de formação você considera que a equipe teve mais sucesso, então? Só com mulheres?

E.A.- Quatro mulheres.

F.D.- Por quê?

E.A.- Ah, eu acho que porque era uma equipe feminina, por mais que seja... Todos os homens corriam com a gente, mas eu acho que eles ainda sentiam, pô, porque como tinha essa atenção em cima das mulheres, há vezes o homem, dependendo de quem estava competindo com a gente, tinha que ser uma pessoa muito... Muito desencanada, acho que tinha que ser um homem muito... Que não se importasse em estar atrás, né... **Behind the girls** [risos]. Tinha que ser alguém que tivesse né, que não tivesse, que não se importasse, não tivesse esse ego né, de querer... E eu acho que também porque, como era nosso objetivo né, nossa dinâmica de correr entre mulheres, a gente acabava tendo né, eu acho que estratégias, tudo, acabava correndo muito melhor quando era só quatro mulheres né, que já tinha né, já conhecia bem cada uma... e por isso também porque como a gente corre... Como a gente treinava sempre juntas... A gente se conhecia muito bem... Então eu digo que pra mim a gente... os melhores resultados que a Atenah teve foi quando era só mulher né, cem por cento feminina.

F.S.- Sim. E porque que a Atenah parou de competir?

E.A.- Ah, eu acho que por... É... A gente cresceu [riso] e... Eu vim morar na Nova Zelândia... E a Ka... A Fernandinha mudou pra Espanha... E aí acabou ficando difícil competir... Mas as provas em si também mudaram um pouco né... E também por causa de viabilização de capital, de patrocínio... Eu acho que deu uma... Porque no final do né, quando a gente estava competindo em 2007, 2008, já estava difícil conseguir patrocínio pras corridas de aventura. Então... Mesmo 2006, que foi quando a gente teve nosso melhor resultado no “Ecomotion”, a gente sofreu bastante pra conseguir viabilizar nossa participação na prova. Acho que a gente só conseguiu garantir mesmo um mês antes. Que a gente conseguiu alguém que pagasse pelo menos nossa inscrição.

F.S.- Entendi. E dentro de tudo isso, fazendo um balanço, você atribui alguma dificuldade

específica por ser um equipe só de mulheres?

E.A.- Ah... [silêncio] Ah, eu não sei. Deixa eu ver [silêncio]. Em termos de... Acho que assim, foi o que eu falei, as dificuldades, o mais difícil que a gente tinha foi a hora que o... Tinha que carregar peso, fazer portagem de caiaque... Carregar muita... Por exemplo, no inverno, era bem mais difícil pra gente, porque sempre tem que carregar muito mais equipamento né... Equipamentos mais... **Crampon**, piqueta... Todos os... Corda... Então eu acho que como... Nossa maior dificuldade, né, quando a gente competia com mulher era a hora que tinha que ter mesmo o... A força... O físico de carregar bastante peso.

F.S.- Entendi. Agora Nora, a gente vai falar sobre sua carreira esportiva na corrida de aventura. Como era sua rotina de treinamento pras provas?

E.A.- Ah, treinava todo dia. Acho que tinha um dia, é, um dia **off**, descanso. Mas era todo dia e tentava fazer duas, duas modalidades por dia e alguns treinos longos durante o final de semana. Mas era... Como a gente morava na cidade a gente tinha que né, fazer... Montar um treino... Uma planilha de treino eficiente. Então era... mas durante a semana eu tentava fazer duas modalidades... Treinamento funcional... [tosse]. Fazia treinamento de tiro na corrida, de **bike** também. Então tentava fazer treinos mais curtos e eficientes né, durante a semana pra conseguir encaixar e depois no final da semana fazíamos treinos mais longos e né, intercalados. Então fazia um treino de bike mais longo, de duas horas, três horas, depois uma corrida... Ou então saía pra algumas aventuras...

F.S.- Entendi. Na época você se dedicava à quais outras atividades? Como trabalho, estudo...

E.A.- No começo, quando eu comecei eu ainda fazia faculdade, trabalhava... Aí com o tempo né, quando deu certo o “Elf”, a Atenah a gente acabou abrindo mão do trabalho e tentou se dedicar à corrida de aventura só. E eu consegui... demorou, mas eu consegui terminar a faculdade [silêncio]. E aí... O quê mais? Em 2004 eu me tornei instrutora da **Outward Bound** Brasil. Então consegui alguns trabalhos durante o final de semana ou feriados... Que acabava ajudando.

F.S.- Sei. E como era sua conciliação entre vida pessoal e carreira esportiva? Você tinha namorado?

E.A.- Eu tinha namorado quando eu comecei... Tinha namorado... Durou [silêncio]. Quando eu namorava... Comecei, eu estava namorando e aí... Durou até dois mil e... Dois. Mais tinha dificuldade, porque ele ficava bem bravo né, de eu viajar bastante pras corridas, com as provas... E... Então rolava bastante [riso], algumas brigas, toda vez que eu falava, que eu resolvia que eu ia fazer uma prova internacional, longe... Ele sempre ficava bravo. Tanto que depois né, acabou que o relacionamento não deu certo por causa disso, eu acho, um pouco.

F.S.- Ah, entendo.

E.A.- Né... Que eu senti um pouco a falta do suporte né, do apoio dele, do incentivo dele pra eu fazer as provas, coisa que eu estava gostando, que eu estava me dando bem né? Então, aí eu acabei escolhendo a corrida de aventura [risos].

F.S.- É... Quem custeava seus gastos nas provas?

E.A.- Ah, quando a gente tinha patrocínio, os patrocinadores. Depois quando eu precisava, minha mãe ajudava, dava um apoio.

F.S.- Você tinha treinador? Com quem você treinava?

E.A.- Tinha, ah comecei treinando com o Fábio, que trabalhava... Que era... Que trabalha com o Marcos Paulo Reis. Depois a gente, a equipe né, conseguiu... Fechou uma parceria com o [nome inaudível] da “**For any One**”⁵⁴. E depois a Cris né, a gente acabou... Como a Cris era grande amiga, a partir de dois mil, então a Cris começou a fazer nossa planilha, que era o “Projeto Mulher”, depois ela criou o “Núcleo Aventura”. Então era a Cris, na verdade, na época né, acho que na nossa época áurea da corrida de aventura quem treinava a gente era a Cris Carvalho.

F.S.- Inclusive ela competia também né?

E.A.- É, exatamente.

⁵⁴ Consultoria esportiva da cidade de São Paulo.

F.S.- Você ainda compete Nora?

E.A.- Eu? Ah não, não, parei.

F.S.- E por quê você parou de competir?

E.A.- [Silêncio]. Ah, primeiro porque acho que a corrida de aventura né, mudou. O formato mudou acho que muito, em termo de... Da competição em si. Porque como... No começo, era um esporte novo, tudo. E as provas eram mais longas e em lugares mais inóspitos... E hoje em dia eu perdi um pouco né o tesão, assim né, de querer competir e tudo porque as corridas de aventura ficaram muito mais ah [silêncio], não mais fáceis né, não quero dizer mais fáceis, mas mais rápidas. Antes, quando a gente começou tinham provas né, pernas das provas de dois dias, fazia um trekking de quarenta e oito horas. Hoje em dia as pernas são bem mais curtas né, coisa de dez horas, doze horas, não tem nada de... Não tem mais aquela... Aquele aspecto expedicionário, sabe que você se enfia no meio do nada daí não vê ninguém por dias, ou por um dia, dois dias. Agora as corridas de aventura, elas têm né, estágios... Pernas bem mais curtas e rápidas. E as provas são mais curtas também né, agora as provas longas de corrida de aventura elas duram dois, cinco dias, seis dias no máximo [risos]. E quando a gente começou eram dez dias, doze dias. Então eu acabei... E eu nunca fui uma atleta rápida, eu nunca tive assim, sabe... Nunca participei né, eu falo a parte da [trecho inaudível]... Futebol, tudo bem... Mas eu sempre preferi mais, assim, provas longas em que você tem que administrar o seu né... A sua força e não correr com o coração na boca o tempo todo. Então... E acho que agora mudou um pouco as provas. Fora também a navegação era mais difícil. Hoje em dia a navegação, como se corre, os estágios são curtos, estão muito mais perto né, de centros né, de cidades... E a navegação assim é mais fácil.

F.S.- Você também navegava?

E.A.- Eu navegava. Eu era a navegadora oficial da equipe.

F.S.- Ah, legal. Então você gostava mesmo dessas provas mais expedicionárias, mais difíceis né?

E.A.- Sim. Sim. Que eram as provas que a gente se dava melhor, porque não era só o físico

né. As provas de hoje em dia se você tem um bom físico você consegue... Você acaba passando pela... Pode até dar um contorno em termo de navegação, mas antes, como as provas eram mais longas, rolava muito mais estratégia né, e tem que saber administrar o sono. Hoje em dias você vê provas que duram três, quatro dias e as pessoas acabam nem dormindo muito porque não precisa né. Mas quando você faz uma prova de dez dias, esse... Essa privação de sono acaba acumulando e aí é onde a estratégia entra muito mais né, é muito mais importante... Administrar o sono, aonde vai dormir, quando vai dormir e... Porque quando você começa a ficar com muita privação de sono é quando você começa a cometer os erros né... E eu acho que isso era uma das qualidades da nossa equipe Atenah era que a gente conseguia contornar, ou solucionar os problemas, bem rápido. A gente tinha esse... Essa identidade, a gente se identificava um pouco com o Magaiver (MacGyver)⁵⁵, quando tínhamos problemas a gente acabava conseguindo contornar rapidinho. Isso que dava... Resultou em muitos... Muitos dos nossos bons resultados.

F.S.- E como que era isso? Nem estava no roteiro, mas eu pensei agora: A recuperação de vocês nessas provas, porque vocês chegaram a competir muitas provas ao longo do ano e provas longas. Em quanto tempo mais ou menos vocês se recuperavam entre uma e outra?

E.A.- Ah, tem um estudo que diz que pra cada dia de corrida, de prova que você faz, você vai levar uma semana pra recuperar, que nem, por exemplo, uma prova de cinco dias, a gente né, levava umas cinco semanas pra ficar recuperada cem por cento. Por isso que também a gente acabava não fazendo tanto... Tantas provas longas, fazia duas, por exemplo, bem longas, no máximo, pra dar tempo, pra poder recuperar e não detonar o corpo, muito né...

F.S.- Durante o ano eram quantas longas assim?

E.A.- Duas. Duas longas, é. Tentava fazer uma no primeiro semestre e a outra no segundo.

F.S.- Fale um pouco sobre suas atuações, passagens por equipes, temporadas, viagens pra provas... Você competiu com outras equipes, fora a Atenah?

⁵⁵ Personagem de uma série americana de televisão. Na série, exibida no Brasil com o nome de “Profissão Perigo”, o agente secreto Angus MacGyver, interpretado pelo ator Richard Dean Anderson, trabalhava como uma espécie de solucionador de problemas.

E.A.- Competi com algumas equipes, mas sempre a Atenah era a minha principal equipe. Competi... Fiz algumas provas internacionais com equipes, à convite de outras equipes... E... Depois quando... Quando eu mudei pra Nova Zelândia né, acabei competindo... Competi com meu marido e... [silêncio]. Mas sempre né, a gente tentava... Só competia com outras equipes quando a Atenah não ia participar da prova e... E a gente recebia convite de outras equipes.

F.S.- Ah entendi. O seu marido você conheceu nesse meio? Ele também é praticante?

E.A.- Conheci. Ele praticava né, ele é neozelandês e eu conheci ele no ecomotion de 2005 em Gramado, que ele veio competir.

F.S.- Ah tá... E vocês são casados há quanto tempo?

E.A.- Nós somos casados há nove anos.

F.S.- Você gostaria de fazer algum comentário, deixar algum depoimento que envolva os temas abordados nessa entrevista e que não foi questionado?

E.A.- [Silêncio]. Ah, eu acho que eu falei já o que tinha que falar [risos].

F.S.- Ah, então Nora, eu te agradeço muito pela sua disponibilidade em colaborar com a pesquisa. Qualquer coisa eu vou te pedir a gentileza que se eu puder entrar em contato... E também vou enviar por e-mail o termo de consentimento e seus dados pra preenchimento.

E.A.- Claro, fique à vontade, você tem meu e-mail né, qualquer coisa se você tiver alguma dúvida você pode me mandar ou me chamar a gente tenta agendar.

F.S.- Isso. Essa entrevista será transcrita e assim que eu terminar vou enviar pra você dar uma lida pra ver se é isso mesmo ok? E depois os resultados desta pesquisa serão enviados pra você também.

E.A.- Está ótimo, perfeito.

F.S.- Te agradeço muito.

E.A.- Imagina, um beijo.

F.S.- Beijo, tchau.

[FINAL DA ENTREVISTA]

Número da entrevista: 03

Entrevistada: Karina Bacha Lefèvre

Idade: 39 anos

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: São Paulo

Reside em: Miramar, França

Etnia autodeclarada: Branca

Estado civil: Casada

Filh@s: Tenho dois, um menino de 11 anos, Jorge e uma menina de 9 a Karen.

Escolaridade/Formação: Fiz Educação Física na USP mas não cheguei a me formar

Profissão ou profissões: Agricultora e técnica de basquete

F.S. – Agora vamos falar um pouco sobre suas experiências esportivas na infância e na juventude. Como era a sua relação com o esporte na infância?

K.L. – Ah eu sempre fiz bastante esporte desde que eu me conheço por gente [ligação interrompida]. Alô.

F.S. - Oi, caiu [riso]. Está me ouvindo? [ligação interrompida]

K.L.- Alô? Então, joguei basquete até meus 17 anos e comecei a fazer equitação.

F.S.- Ah tá, desculpa, na sua infância? Você praticava esportes?

K.L.- Enfim, sempre joguei basquete, fiz esporte. Com 15 anos, enfim, aconteceu uma coisa incrível, eu tava na praia com meus pais e aí eu vi o Emerson Fitipaldi correndo [ligação interrompida].

F.S. - Alô?

K.L.- Oi.

F.S. - Aí você viu o Emerson Fitipaldi?

K.L.- E aí eu comecei a correr com ele e desde esse dia que eu o conheci, nunca mais parei de correr.

F.S.- [risos] Ah, legal. Você chegou a competir em algum esporte na infância e na juventude?

K.L.- Ah eu fazia bastante competição de equitação, basquete e acho que competi corrida também.

F.S. - E quem te incentivava nas práticas esportivas? Tinha alguém específico?

K.L.- Ah meu pai. E eu tinha um primo também assim, que me iniciou nas corridas de aventura, que chama Alexandre e ele me levava pra pedalar, quando uns 15, 16 anos... E eu comecei a pedalar também. Mas eu nunca fiz **triathlon**. Contrariamente á Shubi, por exemplo, que fazia bastante **triathlon** antes.

F.S.- Ah, entendi. E sobre a sua inserção nas Corridas de Aventura? Como aconteceu sua entrada nesse esporte?

K.L.- Então, o... Em dois mil e... Não, dois mil... Em 98 o Alexandre Freitas fez a primeira... O primeiro EMA no Brasil, né, e aí eu fui... Aí meu primo que me iniciou nas pedaladas que me chamou, que precisava de uma equipe mista e ele me chamou pra fazer essa prova. Depois disso foi que nem uma picada de... de bichinho que... Fiquei [risos], não parei mais [risos].

F.S.- Ah, tá. O seu primo também continuou na prática?

K.L.- Sim.

F.S.- Essa primeira corrida você já foi da equipe da Shubi?

K.L.- Não, então, foi lá que eu conheci a Shubi, foi nessa primeira corrida. E a Nora.

F.S.- Então você participou de uma equipe convencional né, de uma mulher?

K.L.- Sim, que nem era. Aí no ano seguinte, é... Em 99 a gente decidiu... Elas iam fazer o Elf, uma equipe de mulheres, em 2000 e foi aí que começou a Atenah, na verdade a primeira prova

que elas fizeram como Atenah, eu não tava, tava numa outra equipe.

F.S.- Entendi. Qual idade você tinha? Quando você fez sua primeira prova?

K.L.- [Silêncio] Tinha dezoito anos.

F.S.- Você sentiu dificuldade pra se inserir na corrida de aventura?

K.L.- Não, nenhuma.

F.S.- E na corrida de aventura, quem te incentivou?

K.L.- Ah, ninguém conhecia muito né, nós fomos pioneiros no Brasil, então ninguém conhecia muito, ninguém sabia muito. Achava diferente, estranho... Tipo aventura... Ninguém... Então não teve muito incentivo externo assim. Ninguém tinha noção de como era isso.

F.S.- E na sua família, você teve apoio da família?

K.L.- Ah, sempre, bastante. Tanto da minha, quanto da família da Shubi e da Nora, a gente sempre teve apoio. Bastante.

F.S.- Como as pessoas, de um modo geral, assim, que não estava no meio, via sua participação em corridas de aventura?

K.L.- [Silêncio] Ah, acho que achava interessante, legal, inovador... Uma nova guarda, Novo. Um esporte diferente e completo, assim.

F.S.- Estar inserida nesse meio fez com que você fosse alvo de algum preconceito?

K.L.- Não... A verdade é que a gente tinha uma equipe só feminina então a gente sempre... Todo mundo conhecia a gente, a gente que começou isso no Brasil então... Não, nunca. Foi, a gente sempre teve portas abertas pra todos os lados.

F.S.- Sobre a Equipe Atenah, como foi sua primeira participação na equipe?

K.L.- Antes da Nora começar a Atenah, a gente fez uma prova juntas na Nova Zelândia, **Southern Traverse**. E lá a gente já falava de continuar a fazer prova de corrida de aventura. E aí teve o “Elf”... O “Elf” eu tava com a Lontra. A gente ia correr com a Lontra e aí teve... Sei lá... Teve um desentendimento na equipe e eu acabei correndo com uma equipe de gringo. Só que essa equipe de gringo a gente era duas mulheres e dois caras e eles pararam tipo no terceiro dia. E a gente acabou a prova, a gente passou mais da metade da prova, tipo os três dias da prova com a Atenah. Entendeu, com a Shubi, com a Nora, com a Patê e com a Ariane.

F.S.- Como vinha esse convite de outras equipes estrangeiras pra participar?

K.L.- O “Elf” era uma prova estrangeira, era uma prova estrangeira. Então veio equipe do mundo inteiro.

F.S.- Sei. E eles procuravam mulheres ou procuravam integrantes, como que funcionava isso?

K.L.- Não, tinha que ser mista ou então tinha que ter quatro mulheres, não podia ter só homem. Então todo mundo tinha uma mulher na equipe.

F.S.- E era comum convidar pessoas de outras nacionalidades pra competir nas equipes?

K.L.- Enfim, eu, a Shubi, a Nora, a gente já competiu com várias equipes de gringo em várias provas.

F.S.- Eles que convidavam vocês pela posição que vocês chegaram no esporte?

K.L.- É, a gente ia tipo, a gente era conhecida, todo mundo queria correr com a gente... A gente ia Tudo pago [riso], na boa [risos].

F.S.- Interessante.

K.L.- Não é? A gente viveu disso, a gente viveu disso uns anos.

F.S.- Houve desafios durante a participação nas provas?

K.L.- Muitos, todo tempo [riso], tudo era desafio. Mesmo entre a gente, porque a gente era como irmã.., Eu e a Shubi, a gente viajava... Quando a gente ia fazer uma prova, a gente ficava três meses no mesmo lugar... A gente estava sempre juntas. E a gente era bem diferente uma da outra, então tinha horas que tinha umas divergências. Lógico. Mas geralmente nas provas, durante a competição, todas as vezes que tiveram alguma divergência na equipe, foi com o cara da equipe. Por exemplo, no Eco-Challenge da Nova Zelândia a gente teve problema com o Zolino. Enfim teve... Depois a gente teve vários competidores também, que normalmente competiram com a gente, tipo o Sarran e tudo, lá em Fiji que deu super certo.

F.S.- Ahã. E como vocês faziam para contornar estas dificuldades.

K.L.- Ah, como a gente podia [risos]. Porque você tem que aprender a conviver.. As dificuldades... Ajudar... Tem que ter um espírito bem comunitário na corrida de aventura. Primeiro a equipe tem que estar bem, depois o resto acontece sozinho.

F.S.- Entendi. Nessa formação só de mulheres, alguma vez você sentiu falta da presença de um homem na equipe?

K.L.- Não [risos]. Realmente não.

F.S.- Nessa competições que tinha que ter um homem, que vocês convidavam um homem pelas regras. Você já até falou um pouquinho que tiveram algumas dificuldades. Quais, por exemplo?

K.L.- Ah, umas histórias de... História boba... No meio da prova de briguinta boba que... Quando você tá no meio da prova, que você não dormiu durante vários dias e que você fica meio irritável. Então a gente tipo... na Nova Zelândia teve uma história que a briga foi ridícula. É que o Zolino, à meia noite, um dia ele queria comer hambúrguer [riso]. E ele queria desviar, fazer dez quilômetros a mais pra ele comer o hambúrguer. E a gente falou: Não, ninguém vai comer hambúrguer, a gente vai comer o que tem na transição né. E foi tipo uma briga bem forte assim [risos]. A flor da pele. E quando a questão de... Ah... meio de sobrevivência assim numa prova isso não pode acontecer. Isso, falta de dormir, alucinar, isso

perde um pouco a noção da importância, da realidade, tudo é... Tudo fica muito grande né, muito intenso.

F.S.- Entendi. E com qual formação você acha que a equipe teve mais sucesso? Só mulheres? Ou quando tinha um integrante...

K.L.- Eu parei... A Atenah depois que eu parei, fui morar na França, que encontrei meu marido e tal elas continuaram e lá elas eram bem... Com a Cristina de Carvalho e com a Fernanda Maciel eu acho que era a melhor formação da Atenah.

F.S.- Ah entendi. Você sabe me dizer por quê?

K.L.- Pelo nível... Pelo nível delas. De super atletas.

F.S.- Nível técnico mesmo.

K.L.- Tinha menos e porque a gente era já mais velha também... Tinha menos... Não sei, uma questão também de, de de... Ah, experiência mesmo. Ah, a gente era muito emocional assim, quando a gente era jovem. No começo.

F.S.- E nessa formação só de mulheres, você percebeu alguma atitude ou discurso preconceituoso por parte das pessoas envolvidas na corrida de aventura? Sobre a equipe ser só de mulheres?

K.L.- Não, nenhum homem nunca falou tipo, vocês não têm [silêncio] chance. Nunca. Pelo menos na corrida de aventura, não dessas que acontecem hoje em dia que são muito curtas né. Então é explosão, tipo o homem tem mais força assim. Mas as corridas longas com bastante estratégia, tudo, é bem igual assim, homem e mulher. Mesmo as mulheres, por exemplo no Elf, que é essa que a gente acabou com a Atenah... Acabou mais mulher do que homem proporcionalmente. Então mulher é mais rústica [risos]. Aguenta mais.

F.S.- Porque que a Atenah parou de competir?

K.L.- [Silêncio]. Ah mas não parou... Por quê? Porque a vida... A gente... Envelheceu,

começou a ter filho... A Nora foi morar na Nova Zelândia, ela conheceu um neozelandês... Eu vim morar na França... E a Shubi ficou no Brasil [risos].

F.S.- Essa sua ida pra França teve alguma relação com a corrida de aventura?

K.L.- Teve. Teve. Na verdade eu vim pra cá porque fui convidada pra fazer uma prova com esse mesmo cara que eu fiz o Elf, em 2000. Ele me convidou em 2004 pra fazer uma prova na Cahors? com uma menina do Quirguistão e uma outra russa. Uma equipe só de mulher e ele era o patrocinador e foi nessa época que eu tava no camping da [Palavra inaudível] que eu conheci meu marido. Então tem tudo a ver com a corrida de aventura.

F.S.- Durante sua participação nas provas quais foram as maiores dificuldades? Incluindo físicas, logísticas, entre outras.

K.L.- [Silêncio] Acho que o maior perrengue que a gente passou foi quando a Nora teve... Teve uma infecção sanguínea no... Em Fiji. Ela teve que ser evacuada de helicóptero e a gente ficou meio preocupada... [trecho inaudível]. E uma vez também na Nova Zelândia, a gente tava no pico de uma montanha e eu tive uma crise de pânico.

F.S.- Ah sei. E aí como vocês contornaram isso?

K.L.- Ah, da Nora a gente chamou o helicóptero com a prova, a gente tava super bem na prova ainda por cima, foi triste... E a do pânico... Pô. Pânico passa [risos]. Tava no meio da neve... Da nevasca, tinha que ir embora [risos].

F.S.- Era só mulheres?

K.L.- Não a gente tava com o Zolino na Nova Zelândia. Essa prova foi o Eco-Challenge do ano 2002.

F.S.- Ah sei, aí a própria equipe contornou né, a situação?

K.L.- A gente acabou essa prova, não super bem classificada, mas acabamos, foi super bom. Foi uma super prova pra gente.

F.S.- Entendi.

K.L.- E a melhor prova que a gente fez juntas, nós três foi o... Foi o Raid Galouises no Vietnã, que a gente fez com o Alexandre Freitas e com o José Pupo. Era uma equipe de cinco. E essa prova a gente ficou em oitavo.

F.S.- Ah, legal. Você atribui alguma dessas dificuldades pelo fato de serem mulheres?

K.L.- Não. Nenhuma.

F.S.- Agora vamos falar um pouco sobre sua carreira esportiva na corrida de aventura. Como era sua rotina de treinamento?

K.L.- Ah, quando a gente... A gente foi treinada pelo Zolino um tempo e depois pela Cristina de Carvalho. Então a gente tinha planilha e tentava seguir. Mas a gente sempre tava viajando então a nossa... Não tinha rotina, era tudo meio... O que vier tá valendo... A gente não era muito quadradinha assim, tipo de seguir, que nem o Vitor... Sabe o Vitor Teixeira? Segue a planilha, tal fica bravo... A gente não. Quando tinha o treino com a Cris a gente ia fazia os treinos... Adorava, quando a gente estava em São Paulo, mas a gente tava o tempo todo viajando... A gente fez muita coisa, muito trabalho juntas também né. A gente trabalhou no acampamento Peraltas... Então fazia corrida de aventura com criança já nessa época... Antes da Shubi fazer o... O acampamento de aventura... A gente já fez bastante coisa. A gente dava palestra em escola... Sobre coalisão de grupo, enfim, sobre corrida de aventura. Então a gente sempre fazia bastante coisa. A gente participava de umas feiras com nossos patrocinadores. Essas coisas. Mas não tinha rotina. Há vezes a gente tava na França... há vezes ia pedalar, ia fazer... Ah, uma vez a gente fez o Mont Blanc, nós três. Subimos, subimos o Mont Blanc, tomamos champanhe lá em cima. A gente viveu momentos muito extraordinários, inesquecíveis. E hoje em dia mesmo com, enfim, mesmo com todas as divergências que a gente teve, nós três, só guardo boas recordações. As duas, tipo, são minhas irmãs.

F.S.- Muito legal. Você dedicava à alguma...

K.L.- E hoje em dia mesmo com, enfim, mesmo com todas as divergências que a gente teve, nós três, só guardo boas recordações. As duas, tipo, são minhas irmãs.

F.S.- Que bom. Você dedicava à alguma outra atividade nesse período? Trabalho, estudo?

K.L.- Eu era, assim, muito. Teve uma época que eu era... Prática de Yoga. Eu era instrutora do DeRose, então eu fazia muita Yoga. Yoga, Yoga, Yoga [risos].

F.S.- Você tinha namorado? Você conseguia ter uma vida afetiva?

K.L.- Ah, no começo, é... Todas as três, com uns dois, três anos, a gente tinha namorado, conseguia tempo... Aí a gente começou a viajar [silêncio]. Aí não deu mais. Nenhuma das três segurou.

F.S.- Porque era difícil conciliar?

K.L.- [Silêncio]. É, porque a gente ficava muito tempo longe. E a gente conheceu muita gente. Então é muito difícil [risos].

F.S.- Entendi. É... Deixa eu pensar... Vocês tinham patrocínio?

K.L.- A gente tinha. Da [palavra inaudível] uma época, da “Kailash”, da “Track&Field” assim, da... Da Curtlo... Não, da Curtlo eu nunca tive, eu tive da “Kailash” e da “Fazendo Onda”, a primeira pessoa que ajudou a gente, assim, a pessoa que ajudou a gente do começo ao fim foi a “Fazendo Onda”.

F.S.- E esses patrocínios custeavam todos os gastos? Ou vocês tinham que interar?

K.L.- A Evoke, no comecinho, quando eles lançaram os óculos da Evoke, eles não podiam dar dinheiro, então eles davam vários óculos pra gente e a gente vendia nas corridas de aventura daí conseguia algum dinheiro pra continuar viajando. Mas as provas... As provas a gente conseguia patrocínio pra pagar a inscrição e o bilhete de avião, geralmente. A gente tinha patrocínio... Tinha da... Do Marcelo Maciel da “Pedal Power” que limpava as bicicletas toda vez que a gente usava... Enfim, a gente tinha. A gente tinha muito parceiro assim, mais do que patrocínio em dinheiro.

F.S.- Entendi. Mas vocês chegaram a ganhar dinheiro direta ou indiretamente? Assim, fora

para custear as provas. Porque você falou que trabalhava não é? Fazia algumas palestras, cursos...

K.L.- Nunca ganhei. Indiretamente sim. Mas diretamente não. Enfim, as provas que a gente participava na época não tinha prêmio em dinheiro assim. Enfim... Ou tinha pouco, principalmente no Brasil.

F.S.- Mas esses eventos que vocês faziam, acabava que tiravam uma renda disso?

K.L.- Ah, a gente sempre dava um jeito, mas a gente sempre teve também, uma coisa que não dá pra negar que em corrida de aventura é um esporte mesmo, assim de gente rica né, porque [silêncio]... Então a gente sempre tinha né, em último dos casos, os pais atrás né, pra qualquer coisa. Sempre.

F.S.- Entendi. É um esporte muito cara né?

K.L.- É, porque é um negócio meio elitista, corrida de aventura no Brasil.

F.S.- Você ainda compete Karina?

K.L.- [Silêncio] Então, eu voltei pro basquete há três anos atrás. Hoje em dia eu jogo... Sou federada... Eu jogo com uma equipe em campeonato. Mas... Eu compito... Eu voltei pro cavalo também... Tudo que eu fazia quando eu era pequena eu voltei a fazer agora. Mas nesse tempo que eu estive na França eu fiz alguns... É... Umas corridas de longa distância tipo **trail** com a Fernandinha e fiz algumas corridas de aventura fiz alguns course d'aventure, bastante tempo. A última que eu fiz acho que foi 2012. Que era a final nacional de corrida de aventura. Eu tenho uma equipe feminina na França, que chama "Le Petit Lobas", que são as lobinhas. E nós somos umas dez, e às vezes a gente fazia... Hoje em dia a gente faz menos, mas a gente sempre fazia umas corridas... A gente fazia uns fins de semana tipo aventura... Ia com mapa... Ia acampar... Sem fazer prova. E ia fazer umas provas também. Eu já fiz várias com elas. Mas faz tempo que eu não faço.

F.S.- E essa prática de atividades de aventura? Continua na sua vida? Com família?

K.L.- [Silêncio]. Não, bem menos hoje em dia. A gente sai bastante pra fazer trekking com as crianças. A gente faz uns trekkings super longos e tal. Mas prova mesmo não. Ainda bem [risos]. Nem dá agora [risos].

F.S.- Me fale um pouco agora sobre as suas atuações , suas passagens por equipes, temporadas. O que te marcou mais assim, que você gostaria de falar?

K.L.- [Silêncio] O que me marcou mais? Todas as experiências que tive, eu acho... Viajado... Estar também numa sobrevivência em Fiji... Ah... A experiência que é legal. Também o fato de estar numa equipe... de estar sentindo alguma coisa, de estar fazendo alguma coisa junto... de ter uma motivação... Um **Goal**, né, um objetivo e tal... Era super motivante. Há vezes, o problema da corrida de aventura é que o pico de adrenalina e de endorfina é tão grande, que quando a gente voltava pra vida real a gente deprimia. As três [risos]. Durante um mês a gente ficava em “deprê” assim, sério [risos].

F.S.- Durante a recuperação, né?

K.L.- Não, meu, muito louco. É muito mental assim. A corrida de aventura... por isso que mulher é boa em corrida de aventura... É muito mental. Você tá sofrendo, você tá com frio, você ainda tem que acabar esse trekking de cem quilômetros e ainda vai subir na bicicleta e pedalar duzentos. Então bem, tipo, determinação na cabeça. E também viver o momento, não ficar muito pensando: “Porque, o quê, que eu tô fazendo aqui”. Não. Vive o momento. E é onde eu acho que a gente aprendeu muito; essa coisa do presente, do momento; durante essas provas.

F.S.- O que você diria que de fato garante a permanência de mulheres na corrida de aventura?

K.L.- Não sei, porque hoje em dia corrida de aventura... Tem muita gente fazendo... Isso que é ótimo acho, que ficou... meio que vulgarizou né, a corrida de aventura ficou menos elitista, tem mais opção, tem mais corrida curta também, pra gente que não tá tão treinada quanto a gente e tal. Isso eu acho que é legal. Mas... O papel da mulher eu não sei, porque faz tempo que eu não... Eu sei que tem cada vez mais. Tem um monte de amiga hoje em dia que nunca fez e agora tá fazendo. E é corrida de um, dois dias... Mas é legal já. É mais rápido, não é... O que eu gostava, eu pessoalmente, era expedição. É o incomum, sabe? O Incógnito. E hoje em

dia não, é muito... Tipo tudo... Sabe? É mais explosão. Mais curto, menos sobrevivência, menos orientação, não sei.

F.S.- Entendi. A Nora falou a mesma coisa [riso].

K.L.- Eu sei, mas a gente pensa a mesma coisa [risos].

F.S.- Então Karina, tem alguma coisa pertinente a esta pesquisa, aos temas abordados aqui, que eu não perguntei e que você gostaria de falar?

K.L.- Olha, eu acho que hoje em dia é muito importante ter um apoio assim na vida que a gente leva toda [trecho inaudível] que tem tanta coisa interessante. Então a paixão. Então eu acho que corrida de aventura, por exemplo, pra criança, tudo que a Shubi está fazendo, com os acampamentos e tal, eu acho super importante. Porque, meu, uma criança, um adolescente que tem uma paixão na música, ou esporte, não importa. É diferente. Dá uma estabilidade. Então eu acho super importante que os pais saibam e que incentivem os filhos a fazerem atividades desse tipo. E a corrida de aventura é super legal porque você toca não só o físico né, é o mental, é também a experiência, é também saber ler uma carta, uma bússola, então eu acho que é bem completo assim. E o fato de estar em equipe, que não é um esporte individual. Porque tem muita gente que faz **trail**, que é individual, mas não tem nada a ver com estar em equipe, que se a pessoa está doendo, alguma parte, você tem que esperar, e depois é você, enfim, tudo acontece quando você está em equipe. E é isso que eu acho legal em esporte em equipe, tanto o basquete, quanto a corrida de aventura, então, todos os esportes de equipe. Que você aprende muito com o outro e você vê seu erro no outro, enfim, acho super importante assim.

F.S.- Ah, então, basicamente é isso Karina, queria te agradecer sua colaboração.

K.L.- Foi um prazer.

F.S.- Se eu puder, depois, alguma dúvida entrar em contato. Depois eu vou te encaminhar o termo de consentimento, que eu preciso da sua assinatura, e vou transcrever essa entrevista e te mandar pra você ver se é isso mesmo, se está de acordo.

K.L.- Beleza. E depois quando tiver publicado com a entrevista das meninas eu quero ver.

F.S.- Com certeza, vou te mandar sim. Muito obrigada Karina, felicidades.

K.L.- Então, você pode marcar aí, que elas devem ter falado a mesma coisa, se elas não falaram, elas pensaram, que um dia a Atenah vai voltar [risos]. A gente já teve várias oportunidades, mas aí, primeiro que uma caiu grávida, uma ficou grávida, outra teve filho [riso]. Aí nos últimos anos foi meio complicado. Mas a gente um dia vai, vai fazer.

F.S.- Ah, vai ser muito legal. Eu quero ver. Estar presente nessa prova também [riso]. Conhece-las pessoalmente. Aqui, muito obrigada tá Karina.

K.L.- De nada, até mais.

F.S.- Até mais, felicidades pra você. Tchau.

K.L.- Brigada você também. Tchau.

[FINAL DA ENTREVISTA]

Número da entrevista: 04

Entrevistada: Marcela Toldi

Idade: 33 anos

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: São Paulo

Reside em: São Paulo

Etnia autodeclarada: Branca

Estado civil: Casada

Filh@s: Não. Ainda não.

Escolaridade/Formação: Superior completo

Profissão ou profissões: Administradora, empresária, atleta profissional.

F.S. – Agora vamos falar um pouco sobre suas experiências esportivas na infância e na juventude. Como era a sua relação com o esporte na infância?

M.T. – Meu, eu tenho um histórico bem assim... Pesinho na terra. Eu morei dos três aos nove anos, mais ou menos em fazenda. Então sempre brinquei muito, andei a cavalo, andava de bicicleta com a molecada. Enfim, minha vida era muito livre né, até os nove anos eu morei em fazenda e daí eu vim com dez anos pra São Paulo e sempre fiz muito esporte. Fiz todos os esportes assim que tinham no meu clube, porque em casa era obrigação fazer algum esporte. Então eu fiz natação, fiz ginástica olímpica, joguei futebol, pólo... Putz... Balé já... Ah, experimentei todos os esportes que eu conheci. E depois, sei lá, com uns quinze anos é... Comecei a correr e daí... Comecei a... Na verdade eu só corria e pedalava um pouco assim... E aí quando eu entrei na FAAP que eu conheci o irmão da Shubi, que falou que tinha uma corrida de aventura, daí eu conheci a Shubi numa prova e elas me fizeram o convite pra entrar na Atenah [riso]. Bem moleca assim.

F.S. - Então seu estímulo era desde a infância e na juventude você continuou. Você se orientou mais pra alguma prática específica? Chegou a competir outras modalidades além da corrida de aventura?

M.T.- Sempre gostei muito de ciclismo. Fiz *triathlon* também, é... Nadava bastante, minha base sempre foi a natação. Mas, é... Eu gostava muito de ciclismo... De *Mountain Bike*, na verdade. A gente também, na Atenah fazia bastante prova de *Mountain Bike*, sempre adorei. E

acho que o movimento do ciclismo que está acontecendo agora assim, tem muito atleta que tem mais base e que veio do *mountain bike*. Acho que Brasil, assim, começou mesmo a febre no *mountain bike* e depois algumas pessoas migraram pro ciclismo, como eu. Então acho que assim, de todos, a minha paixão sempre foi mesmo pelo pedal. Eu gosto do *mountain bike*, mas o ciclismo é bem mais fácil. De praticar, de competir...

F.S.- E alguém te incentivava na práticas esportiva?

M.T.- Meus pais, sempre. É... Meus pais... Desde que eu... Nasci fazendo esporte, bastante. E lá em casa sempre foi obrigação. Fazer esporte, mas a gente gostava. Então ficava sempre trocando de modalidade, na verdade né. E... Quando eu entrei na faculdade eu conheci... Tinha uma equipe de aventura que a faculdade patrocinava e o Peu, irmão da Shubi, fazia parte dessa equipe. Eles me convidaram... Eu fui fazer academia da FAAP na época e daí eles me viram lá, enfim, estavam precisando de uma menina pra correr a equipe, eles me chamaram. Eu fiz uma prova no Brasil com eles e aí a gente já foi fazer uma prova na Patagônia que era o Desafio dos Andes e... E daí a Shubi tava com a Karina, a Nora e tinha mais alguém. Era uma equipe de quatro que elas pararam porque deu um estresse lá e a Shubi continuou com a gente. E daí ela pedalou um pouco comigo e daí ela me convidou pra fazer parte da Atenah [risos], me tirou da equipe do Peu, irmão dela. E daí eu comecei a competir de verdade, fazer várias provas do circuito, do calendário da Atenah e tal e fui pra um lado mais... Mais profissional.

F.S.- Acabou que você já falou um pouquinho, que agora a gente vai falar sobre a sua inserção na Corrida de Aventura. Como ocorreu sua inserção na prática da corrida de aventura.

M.T.- A minha primeira prova foi... Eu já pedalava *mountain bike*. Como eu morei em fazenda o *mountain bike* era... Eu nem sabia que existia ciclismo de estrada, pra mim era só *mountain bike*. Então eu gostava, porque eu já pedalava e quando o Peu, que é o irmão da Shubi me convidou pra fazer uma prova pela FAAP, porque a FAAP tem uma corrida de aventura que eles organizam, acho que hoje nem tem mais, mas tinha uma prova que eles faziam para os alunos, interna e... Corri várias edições dessa provinha dentro da faculdade, corri na equipe da faculdade que eles tinham, patrocinavam e tal que era, enfim, o irmão da Shubi, daí eu conheci elas lá e achei incrível a história da equipe, super forte, só mulher e... Adorava, sempre fui assim, da minha equipe, da FAAP, a mais disciplinada e a mais dedicada.

Então, assim, muleque né, e na faculdade eles davam trabalho, balada, academia, eu tava. Tipo... Era um pouco... Não era uma coisa linear entendeu? Mais profissional assim, tinham provas que eles se dedicavam e época que eles desencanavam. E daí, a Atenah mesmo era, assim, mulheres mais maduras, com uma, uma organização maior e mais disciplina. Então assim, adorei. Entrei. A Shubi me fez o convite assim, fui de olho fechado correr com elas.

F.S.- Então você conheceu o esporte na faculdade não é? Você tinha quantos anos?

M.T.- Na faculdade.

F.S.- Foi em que ano isso? Que ano?

M.T.- [Silêncio] Dois mil, dois mil e um.

F.S.- Ah, tá. Houve dificuldade nessa sua inserção na corrida de aventura? Se houve, quais?

M.T.- É... Na minha época, a primeira prova que eu fiz foi o Brasil Terra... Brasil... Brasil... Era... Brasil *Ride*, acho que chamava... Não era Brasil *Ride*, com a Shubi... Era...

F.S.- Brasil *Wild*?

M.T.- Gente, não lembro agora o nome da prova, mas era uma prova de vinte e quatro horas. É... Eu nunca tinha feito prova de mais de... Sei lá... Mais de quatro horas, duas horas... Então eu fiquei... Fiquei muito aflita. Fiquei morrendo de medo de fazer uma prova dessa e dormir. Não dormia... Falaram que não dormia, passava vinte e quatro horas fazendo prova sem dormir... Fui, morrendo de medo e... Mas eles, assim, me deram total segurança que o ritmo era ok, que era administrável e... Foi um desafio mas foi superlegal assim, meu maior medo, preocupação era essa, assim, com essa história de aventura e *over* né, assim, de muito mais do que... Sei lá, um *triathlon*, um *mountain bike* ou qualquer outro esporte de endurance. Uma expedição de aventura!

F.S.- E quem te incentivou pra entrar mesmo na corrida de aventura?

M.T.- A Shubi que me incentivou. E daí, a Shubi e a Cris que era um técnica nossa... Não

sei... Ela deve ter falado né? Da Cris Carvalho?

F.S.- Com certeza.

M.T.- E [silêncio] era uma pessoa maravilhosa entendeu? Aquele tipo de técnica que fica e tá ali o tempo inteiro, preocupada não só com o esporte, mas com a sua vida, entendeu? Transformar a sua vida e a atividade física como estilo de vida. Então a Cris, realmente foi uma pessoa que me motivou durante a vida dela inteira é... A fazer esporte em nível competitivo e profissional. E a Shubi foi uma pessoa que sempre foi meu... Meu anjinho da guarda. Elas duas sabe, sempre cuidaram de mim e me... Me abraçaram. Me incentivaram pra caramba e me deram o caminho das pedras. Muito legal, assim. Duas mulheres superimportantes pra mim no esporte. São, ainda.

F.S.- E você tinha apoio da sua família?

M.T.- Tinha, porque todo mundo faz bastante esporte né. Foi até uma novidade porque depois... Meu pai sempre fez muito assim, esportes que a gente curtia... Eu fazia *triathlon* uma época, ele também começou a fazer. Hoje eu pedalo, ele também pedala... Então em casa eu tenho total apoio.

F.S.- Como as pessoas, de um modo geral, fora as de casa, viam sua participação em corridas de aventura?

M.T.- [Riso] Ai, ninguém entende né? Quem não faz, não entende. Acha um absurdo, que é um negócio assim, bem a cara de Eco-Challenge, que é [palavra inaudível] uma expedição, que passa na TV, que é surreal, que você tá arriscando sua vida e tal... Então é... Acho que muita gente admira mas acha é... É muito distante da realidade. Não é?

F.S.- É [riso]. Ainda é... E estar inserida nesse meio fez com que você fosse alvo de algum preconceito? Alguma vez?

M.T.- [Silêncio] Ah... Acho que de preconceito não. Na verdade acho que de admiração mesmo. Talvez porque eu vivi corrida de aventura numa fase muito legal. Que na verdade no Brasil, que tinha... Tava bombando corrida de aventura pelo mundo... Então...É... As pessoas, assim, admiravam mesmo, achavam muito legal eu fazer esse esporte... Praticar... Que era

meio que um rally humano né?

F.S.- Agora um pouco sobre a Equipe Atenah, em específico: Você sabe como surgiu esse desejo de formar uma equipe só de mulheres?

M.T.- [Silêncio]

F.S.- Ou quando você entrou elas já estavam organizadas?

M.T.- A equipe já estava formada, mas eu sei que assim... É... Pelas experiências que eu vivi também em equipes com homem. É... Equipe com homem briga bastante. É... Quem dá problema, normalmente em equipe, é homem né... Que reclama, que é... Enfim, que tem mais estresse com homem. Que homem... Assim... Apesar de eles serem mais fortes, eles têm menos tolerância né? À dor... Eles são mais sensíveis, então, assim, quando quebra (Nota de rodapé), quebra completamente. Então mulher tem essa resiliência psicológica e... É mais fácil de lidar. Eu acho que as meninas assim, naturalmente decidiram montar uma equipe só com gente fácil de lidar [risos]. E que colaboram né, que não tem tanto ego.

F.S.- Entendi. Houve desafios durante a participação nas provas com a equipe? Quais os maiores desafios?

M.T.- Físicos?

F.S.- Englobando tudo.

M.T.- [Silêncio] Olha, a gente foi... Uma época a gente foi fazer uma... Duas provas... A gente foi pro Marrocos e depois a gente foi pra Croácia. E na croácia era uma equipe cem por cento feminina e no Marrocos a gente tinha um homem mas eram três mulheres no Marrocos e o Marrocos, assim, culturalmente não é um país que é... Valoriza mulher né... Mulher independente e tal. Então acho que assim... A gente foi e ficou uma semana no Marrocos assim passeando, mas sempre se preservando e... Experimentando a cultura do país, mas é... Você sente né... Porque é um choque cultural... Você sente a limitação de não poder ser independente, fazer o que você quiser, porque você tá num país que a cultura é diferente. Como eles lidam com mulher, a relação que eles têm com mulher é diferente... E depois a

gente foi pra Croácia numa equipe de quatro mulheres e teve... Tiveram várias etapas de remo na Croácia e assim, “putz”, remo é uma modalidade que pra mulher é muito difícil então é... Eu senti muita dificuldade. Eu tinha quebrado a clavícula cinco semanas antes de ir pra Croácia, já estava, na verdade, ossificada, mas é... Não estava... Estava meio frágil... E a gente sofreu pra caramba nos treinos de remo e buscava vantagem nos trechos de *trekking* e de *mountain bike*. Então assim... Essa prova, assim... A gente chegou... na verdade a gente chegou em terceiro lugar, mas eles arrumaram um jeito de dar uma zona lá nos resultados e colocar a gente em quarto, pra não pagar premiação, mas a gente foi super bem e... Apesar dessa limitação. Era tipo sessenta e cinco por cento da prova era remo. Então... A gente fez um milagre, sabe? Mas... Foi sofrido pra caramba! Uma limitação assim né, de...

F.S.- Mas você acredita... Nessa questão do resultado. Você acredita que foi pelo fato de serem mulheres? Uma equipe exclusiva de mulheres?

M.T.- Não. Eu acho que... Ele convidou, na verdade a equipe, então ele deu a inscrição pra gente então... É... Eu acho que ele queria premiar em dinheiro aqueles que tinham pago... É... Pagado pra fazer a prova, sabe? Então... A gente... A gente foi lá mais por *marketing*, que ele não convidou nenhuma outra equipe. Todas as outras pagaram pra fazer inscrição. Mas foi superlegal. Foi fantástica a experiência. Pra nós quatro. Foi demais.

F.S.- Entendi. Então como vocês superavam esses desafios?

M.T.- Ah, a gente fazia muita força e é limiar de sofrimento mesmo, porque... tenho certeza que pra homem é menos sofrido assim, conseguir remar... Entendeu? Assim, cinquenta quilômetros, com uma embarcação pesada. Tinha que pegar a embarcação, tinha muita portagem... Era um caiaque que ele era maciço, superpesado. Tipo na portagem com o caiaque a gente penou pra caramba! Mas em nenhum momento, nenhuma das quatro ali é... Enxergou isso como uma dificuldade. Não, seguiu o jogo e queria ganhar a prova. Então, entendeu? A gente foi muito obstinada, assim, acho que com um psicológico muito forte e... Com um limiar de sofrimento muito alto. A Cris... era uma pessoa... Que a gente brincava que ela era um pouco biônica, parecia um robô, porque ela realmente tinha um limiar de sofrimento muito alto... Nunca reclamou de nada. Então, ela estar lá, entendeu, acho que subiu a barra bastante, fez a gente suportar tudo isso de um jeito diferente. Foi muito sofrida a prova, eu não conseguia tomar banho na chegada, de tão destruída, mas é... Dentro da prova, a gente

estava extremamente motivada e... Obstinada lá. A gente queria ganhar.

F.S.- Alguma vez você sentiu falta da presença de um homem na equipe, quando a formação era só de mulheres?

M.T.- [Silêncio] Não [risos]. Sinceramente, não [risos]. Pra carregar, só. Mas aprende. O ser humano se adapta à tudo. Não senti falta.

F.S.- Eu sei que em algumas provas a Equipe Atenah, apesar de ser só de mulheres, convidava um homem por conta das regras da competição. Algo mudou na equipe com a presença desse homem?

M.T.- Não, era super legal. A gente corria... Eu corri bastante com o André Iervolino, que era um cara super legal, fácil de lidar, que ajudava pra caramba, que até... Na verdade, assim, não sentia falta de homem quando a gente corria só com mulheres, mas quando o André participava, ele era um ponto muito neutro na equipe, porque era, enfim, do sexo oposto e acabava que, entendeu? A gente fica muito unida, porque são três mulheres, mas o André tinha uma visão, acho que de fora né? Uma perspectiva mais ampla da equipe e acho que ajudava muito a neutralizar conflitos que a gente há vezes tinha. Então era muito legal, ele ajudava... Homem faz diferença, porque é muito mais forte, pra rebocar. Eu às vezes, porque era mais nova também, era mais... era assim, um pouco do... É... Do fator limitante da equipe em prova curta, porque é muita força, muita intensidade. Então o homem sempre me ajudava, me rebocava tal... mas as meninas também me rebocavam [risos].

F.S.- E com que tipo de formação você considera que a equipe teve mais sucesso? Só com mulheres?

M.T.- Então, provas curtas com um homem, dois até. E em provas longas com quatro mulheres era bem mais legal, porque prova longa é isso, é cabeça e limiar de sofrimento e chega uma hora que... Chega uma hora não, na verdade é que se você vai fazer um *trekking* de cinquenta quilômetros, não importa se você é homem ou se é mulher, é manter um ritmo, perdurar nisso né?

F.S.- Entendi. Você acha então que mulheres pra provas longas são mais resistentes? Seria

isso ou não?

M.T.- Eu acho. Acho, e acho que cada vez mais a gente... E mesmo hoje, competindo no ciclismo ainda, eu... Cada vez mais eu me deparo com limitação psicológica, não física, assim, quando eu dou umas quebradas eu vou a fundo e consigo ver que é a cabeça que está quebrando, então é... Nessas provas longas é... Muito... A diferença é quem tem uma cabeça mais resiliente mesmo, quanto mais longo, mais psicológico.

F.S.- Sei. Você percebeu alguma atitude ou discurso preconceituoso por parte das pessoas envolvidas na corrida de aventura? Sobre a Atenah ter só mulheres?

M.T.- [Silêncio] Ah [silêncio] É... Cheguei a ver sim, acho que muita gente... Na verdade assim, pras provas curtas, a gente... Sentia que as equipes iam mais confiantes assim, não tinham muita preocupação com a gente, porque é muita força explosiva, aí os homens tinham mais essa capacidade do que a gente, mas pra provas longas não me intimidava nem um pouco. Na verdade eu, no começo, tinha um pouco mais de medo das equipes, tal... E a Shubi sempre foi muito mais tranquila, e a Nora, em relação à isso, porque elas sabiam que... Já tinham alguma experiência, faziam várias provas e sabiam que é muito mais cabeça que conta. Então assim, a gente... Era muito mais uma ameaça, no... Muito mais relevante nas provas de vinte e quatro horas pra frente.

F.S.- Durante sua participação nas provas quais foram suas maiores dificuldades? Incluindo físicas, logísticas, financeiras, tudo.

M.T.- Corrida de aventura é um esporte caro né, então assim, eu curti muito enquanto a gente tinha apoio e patrocínio. Então a gente pôde viver esse sonho porque, pra gente, financeiramente, foi viável assim. É... Pessoalmente, eu... Como eu comecei mais nova e com menos base que elas, eu era mais fraca e em várias provas eu tive que ser rebocada e ia no limite assim, vinte e quatro horas, às vezes três dias, assim, num ritmo que era... Não um ritmo de endurance, mas um ritmo talvez de prova curta pra acompanhar todo mundo. Então, no começo eu sempre sofri muito com isso, mas eu me adaptei bastante. Hoje em dia, com certeza, é uma das minhas grandes vantagens assim hoje. Eu sei que eu tenho um [silêncio] é... Uma resistência num ritmo supra-limiar que é muito perto do limiar, que dói pra caramba, mas assim, é muito mais alto, o tempo meu de exaustão do que um atleta normal, inclusive um atleta profissional, e foi muito do meu histórico na corrida de aventura, assim, era muito

sofrido e... Enfim, muito duro, mas [silêncio] não morri [risos]. Fiquei mais forte [risos].

F.S.- Você percebia que na equipe tinha alguns papéis pré-definidos, cada uma tinha um papel?

M.T.- Sim, super, super... Superimportante né? A Shubi, na maioria das vezes foi a capitã da equipe né, porque tem... Ela tem uma liderança natural, a Nora era navegadora e... Na verdade assim, são as duas principais funções e daí... Ah, se tinha um homem, enfim, era o ponto de força, que carregava os pesos e... Na verdade eu... Entendeu, ficava com as funções mais... É... Sei lá [silêncio], menores, com alguns detalhes, por exemplo, alguma coisa que tinha que lembrar, carregar, organizar e dava muito apoio pra Nora, por exemplo na navegação ou pra Shubi tal e acho que tem que ter um ponto neutro também, tipo, dar uma quebrada, uma descontraída, assim é... Pra não ficar muito tenso, porque a gente estava sempre competindo e querendo ganhar, então, alto rendimento, você fica administrando o estresse o tempo inteiro é... E assim, tem que ter um ponto sabe? Mais neutro, mais *light*, pra quebrar um pouco o clima de só função, enfim, *performance* e... E cobrança. Porque naturalmente sabe? Acho que cada uma tinha uma função bem definida.

F.S.- Você falou que tinha um... Que era o homem. E quando não tinha o homem? O “ponto de força”, era uma de vocês, mulheres?

M.T.- Então, a gente então se distribuía melhor, assim, cada uma... Entendeu? Dividia melhor o peso... Se ajudava mais... A dinâmica mudava um pouco e a gente colaborava mais entre as quatro.

F.S.- Não tinha uma das quatro que era mais forte não, você não percebia? Em termos de força física?

M.T.- A [palavra inaudível] que correu com a gente era bem forte. Fazia papel...

F.S.- Quem?

M.T.- A Cris Carvalho, a gente correu com ela, era praticamente um homem [risos]. E também porque a Cris era bem autoritária, mas funcionou bem também.

F.S.- Ah, tá... E porque que a Atenah parou de competir? Sabe me dizer?

M.T.- [Silêncio] Olha... Eu parei de competir com a Atenah porque eu comecei a trabalhar. Fiquei um pouco mais velha e daí então eu precisava ganhar um dinheiro também. É... E acho que as meninas [silêncio]. Ah, acho que um pouco cansou também, porque não é rentável né? Não é um esporte que você consegue viver de patrocínio e tal... Hoje eu vejo no ciclismo, por exemplo, que é mais fácil, conseguir viver do ciclismo do que era de corrida de aventura, assim... E corrida de aventura é muito caro, é um esporte que, financeiramente você... Se você não tem muito dinheiro é inviável. E tem pouco retorno de mídia então... É... É insustentável mesmo e acabou que aconteceu isso, assim... Acho que um pouco... A Nora conheceu o Ian e foi morar lá na Nova... Foi, enfim, morar na Nova Zelândia ou é... Ficou mais com ele... A Shubi também, e daí começou... A Shubi na verdade foi a última que permaneceu. A Karina foi morar na França, também casou e foi morar na França. A Fernandinha começou a fazer corrida de montanha. A Cris já tinha a equipe dela e eu comecei a trabalhar, então meio que cada uma, sabe, começou a tocar seu rumo porque é isso. Financeiramente é difícil, é um pouco inviável.

F.S.- Entendi. Agora vamos falar um pouco sobre a sua carreira esportiva na corrida de aventura. Como era sua rotina de treinamento pras provas de corrida de aventura?

M.T.- Puxado. Na verdade assim, a base de corrida era em Aparecida, e daí fim de semana fazia um longo em Atibaia, no Jaraguá, fazia uma trilha e tal... *Mountain bike*, na época eu treinava bastante, é... Num florestamento da “Melhoramentos” perto de São Paulo, a gente sempre se organizava pra... Ou ia pra estrada terça-feira com a Cris sempre... É... De *mountain bike* mesmo e... E remava na raia da USP. Então sempre tinha... A gente se organizava pra remar dois dias da semana pelo menos na raia, ou fazer natação, musculação... Algumas modalidades a gente fazia um fortalecimento complementar, porque não dava pra treinar todo dia específico. Trabalhava muito *core* e muita propriocepção, trabalhava com o Luciano D’Elia na Única, isso ajudou bastante porque, essa história da técnica na terra, tal... A gente tinha uma propriocepção muito boa e acabava que não precisava tanto fazer treino técnico específico... Se virava. Mas dava um trabalho.

F.S.- Entendi. Na época você se dedicava a quais outras atividades? Trabalho, estudo,

família...

M.T.- À tarde, trabalho. Trabalhava no mercado financeiro e fazia faculdade à noite então pra mim ficou muito puxado. É... Tive que escolher. Fui diminuindo, entendeu? O volume de treinos e a dedicação. Migrei um pouco pro *triathlon*, e aí ficava com a base do *triathlon* pra correr prova de aventura, funcionou mas, daí é muito volume, é muita coisa, não estava dando.

F.S.- E a conciliação com a vida pessoal? Você tinha namorado, na época? Como que funcionava?

M.T.- Tinha mas tinha que fazer esporte, óbvio [risos]. É... Eu... Os namorados que eu tive, na verdade me apoiaram, assim, e faziam também, ou *triathlon*, ou corrida de aventura então, pra mim funcionava bem na... Mas eu sei que pra Shubi... Mas assim, nunca... Entendeu, era mais nova também, então não tinha nenhuma relação mais séria... Eu acho que se tivesse um namorado mais sério tal já... Hoje, por exemplo não cabe na minha vida, porque sou casada e... Não migraria pra corrida de aventura e assim... É uma luta que... Eu até gostaria de fazer uma prova com elas tal, mas assim... Não encaixa mais. A gente não consegue se organizar, não consegue viajar pra fazer sabe? Complicado. Tem que escolher. A Shubi tentou durante muitos anos e chegou uma hora que... É, é... Parou de escolher né...Casou com o Renato e tal. É difícil.

F.S.- Entendi. Você tinha patrocínio?

M.T.- Então, a gente tinha patrocínio da Vivo, tivemos da Clight, tivemos alguns patrocínios legais assim, diferente do que é... Do que quase todas as equipes viviam. Realidade diferente do que quase todas as equipes viviam.

F.S.- Vocês eram praticamente cem por cento patrocinadas? Não precisava muito gastar do bolso?

M.T.- Não.

F.S.- Tinha treinador?

M.T.- Tinha a Cris Carvalho, que era muito boa

F.S.- Vocês conseguiam treinar juntas? A equipe?

M.T.- Treinava juntas e treinava com a Cris, bastante... Então era uma pessoa que unia muito a equipe também. Era muito legal.

F.S.- Acho que você já falou um pouco: Você ainda compete?

M.T.- Aham... Eu sou ciclista hoje, só.

F.S.- Ciclista de estrada né? Tem uma equipe e tudo?

M.T.- Tenho uma equipe feminina, de cinco meninas... Que também começou há um ano e agora está superlegal. E é um conceito um pouco diferente do que é o ciclismo profissional hoje no Brasil, sabe? A gente tem uma cara amadora mas compete o calendário profissional. É, sem salário, sem muita obrigação, mas todo mundo faz isso porque ama e funciona bem, é todo mundo muito dedicado, muito comprometido, a gente trabalha por essa equipe. Todo mundo... A gente capta patrocínios e apoios é... É... Trabalhando sabe? Não tem nenhum agente... Ninguém assim, a equipe mesmo que se organiza, vai atrás de apresentação... Toca tudo. E o Ronaldo, é o *coach* que... Ronaldo Martinelli que é um *coach* de ciclismo mesmo, que montou a equipe e coordena é... Treinamentos específicos, tal. Essa parte de administração a gente faz.

F.S.- Interessante.

M.T.- Tem todo mundo trinta... Hoje em dia tem todo mundo trinta, trinta e cinco anos, então faz muita diferença também, são mulheres mais maduras sabe? O comprometimento é diferente, a participação, tal.

F.S.- Entendi. O de fato, você diria que garante a permanência de mulheres na corrida de aventura?

M.T.- [Silêncio] É o espírito mais independente mesmo, porque eu acho que... É muito legal essa conexão com a natureza... A proposta da corrida de aventura, tal, mas a mulher ela tem que ser realmente mais independente e tem que bancar essa história sozinha, ela tem que ter uma posição de liderança na família. Em casa. É perfil! Eu acho que... Quem sabe, garante. É uma seleção natural de mulheres mais independentes e autônomas.

F.S.- E você acha que a corrida de aventura trouxe isso pra sua vida?

M.T.- Super. Foi um aprendizado enorme, assim pra minha vida. Divisor de águas mesmo. Me transformou assim, me ajudou a formar minha personalidade, meu caráter, com certeza. E a descobrir o mundo.

F.S.- [Risos] Você gostaria de falar um pouco sobre suas atuações, passagens por outras equipe, pré-prova, pós-prova... O que te marcou mais durante esse período que você competia com a equipe Atenah?

M.T.- Acho que o que me marcou mais foi a relação com elas. Foi muito legal, todos os aprendizados... É... Mas, com certeza a evolução psicológica mesmo... A maturidade que me trouxe... É... Que eu consigo aplicar pra vida e pra qualquer outro esporte hoje. Então é... Essa história de que... É... A gente consegue o que a gente quiser. É só ter um objetivo claro e se comprometer com esse objetivo, e daí... A base disso é o planejamento, né... A gente se organizava muito pra fazer as provas e visualizava a prova inteira, pra daí ter tranquilidade em relação ao que vinha pela frente. Então isso também me ajuda muito hoje, em tudo assim, pra tirar o nervosismo, o medo e tal. Então é muito colocar na cabeça, visualizar enfim, a prova e começar a desenhar detalhe por detalhe tudo que eu imagino que eu vá passar. E daí você... Acho que... Tem menos surpresas no dia da prova... E essa história de resiliência psicológica que hoje está super em voga, antigamente não sei se era tanto assim, mas a gente aprendeu na prática que em vários casos a [palavra inaudível] sofreu pra caramba e que foram super resilientes e que... Putz, assim, aprendi que cada mínimo detalhe conta e a sua cabeça tem que estar cem por cento naquele negócio, comprometida a todo momento, no nível mais alto. E é isso que faz a diferença.

F.S.- A gente está encerrando agora...Tem mais alguma outra coisa dos temas que eu abordei aqui, que eu não perguntei e que você gostaria de falar?

M.T.- [Silêncio] Eu acho que... Putz, a gente falou bastante, é muito da essência da corrida de aventura.

F.S.- Então é só isso mesmo marcela, eu vou só te pedir pra você me passar seu nome completo, pelo WhatsApp mesmo e te agradecer . depois eu te envio essa entrevista transcrita. Qualquer coisa que eu precisar a mais eu te peço pelo WhatsApp.

M.T.- Tá, tá ótimo, depois te passo meu nome [risos]. De nada, até mais.

F.S.- Muito obrigada tá. E depois os resultados dessa pesquisa eu vou te enviar também. O trabalho final, quando tive concluído.

M.T.- Brigada!

F.S.- Obrigada você, felicidades aí.

M.T.- Pra você também. Tchau...

[FINAL DA ENTREVISTA]

Número da entrevista: 05

Entrevistada: Fernanda Moura Antunes Maciel

Idade: 38 anos

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Belo Horizonte

Reside em: Anserall, Espanha

Etnia autodeclarada: Branca

Estado civil: Divorciada

Filh@s: Não.

Escolaridade/Formação: Bacharel em Direito e Nutrição Esportiva

Profissão ou profissões: Atleta profissional e empresária

F.S. – Agora vamos falar um pouco sobre suas experiências esportivas na infância e na juventude. Como era a sua relação com o esporte na infância?

F.M. – Eu... É... Eu praticava ginástica olímpica.

F.S. - Alguma outra modalidade, ou não?

F.M.- É... Balé, natação e ginástica olímpica... E... Capoeira, jiu-jitsu e corrida.

F.S.- Ah, tá. Chegou a competir em alguma delas?

F.M.- Sim, sempre, em todas.

F.S.- E na juventude você continuou com essas práticas da infância?

F.M.- É, sempre.

F.S.- E alguém te incentivava na práticas esportiva?

F.M.- Sim, meu pai e minha mãe.

F.S.- Agora a gente vai falar um pouquinho sobre a sua inserção na Corrida de Aventura. Como ocorreu seu início na prática da corrida de aventura?

F.M.- Eu fui convidada pela TV Globo pra fazer um... Um programa de TV, é... Que era na Serra do Cipó. E aí tinha que correr, pedalar... Tinha que escalar, tinha que saber de técnicas verticais, aí tinha que remar... Aí assim foi que eu descobri esses outros esportes, porque até então eu só corria. E [silêncio]... E daí depois é... Aí teve três homens aqui de BH que me chamaram pra fazer um Ecomotion, na Serra do Cipó também. E depois eu comecei a correr com Oskalunga... E depois com a Atenah.

F.S.- E foi em qual ano que você iniciou? Que foi sua primeira prova?

F.M.- Acho que é 2003.

F.S.- E esse convite da TV Globo foi devido a quê, você fazia alguma atividade que motivou

esse convite?

F.M.- É, eu corria.

F.S.- Ah, tá. Já competia?

F.M.- É, eu competia. Meia maratona de asfalto.

F.S.- E houve alguma dificuldade na sua inserção na corrida de aventura?

F.M.- [Silêncio] Se houve? Não.

F.S.- Alguém te incentivou nesse esporte?

F.M.- Não, foi mais o programa da TV mesmo... E também o beto Cipoeiro que era quem... Era como o diretor desse programa de TV.

F.S.- Ah, tá... Ele era seu colega?

F.M.- É, ele era mais velho, ele que organizava o evento, da TV Globo, e... E ele... Como é que eu falo? Ele tinha como se fosse uma agência assim de esporte de aventura na Serra do Cipó. Então ele que me ensinou várias coisas de... Como remar... Como tudo de... Como escalar, como fazer rapel... Como fazer essas coisas. Ele que me ensinou todas as técnicas né, de assim, esportes ao ar livre.

F.S.- E você tinha apoio da sua família, na corrida de aventura?

F.M.- Sim.

F.S.- E como as pessoas, de um modo geral, fora as de casa, viam sua participação em corridas de aventura? Quem não era no meio, assim, por exemplo.

F.M.- Ué... Sempre viram de forma positiva, tanto que eu era advogada também, e todos me respeitavam... E também naquela época a gente ganhava, é... Tinha patrocínio, ganhava

dinheiro né, com o esporte. Então sempre foi visto de forma positiva.

F.S.- Ah tá... E estar inserida nesse meio, alguma vez, fez com que você fosse alvo de algum preconceito?

F.M.- Não.

F.S.- Agora sobre a Equipe Atenah, especificamente: Você sabe como surgiu esse desejo de formar uma equipe só de mulheres?

F.M.- Ah, isso foi com a Shubi e com a Nora, melhor você perguntar pra elas.

F.S.- Ah tá. Você sabe como elas... Como vocês se organizavam pras provas?

[Silêncio]

F.S.- Geralmente era convite da Shubi? Como funcionava isso?

F.M.- Uai, eu corria com Oskalunga e depois... Sim, foi a Shubi e a Nora que me convidou pra correr com elas.

F.S.- Houve desafios durante a participação nas provas de corrida de aventura nessa equipe?

F.M.- Não, pelo contrário, era muito mais fácil correr entre mulheres do que entre homens.

F.S.- Porque você acha?

F.M.- Ah, o ritmo era mais ou menos igual... A gente era superamigas, então era muito mais fácil de entender uma a outra... [Silêncio].

F.S.- Entendi. E alguma vez você sentiu falta da presença de um homem na equipe?

F.M.- Não.

F.S.- Em alguma competição vocês tiveram problemas, pela formação ser só de mulheres?

F.M.- Não.

F.S.- Nas competições que era obrigatória a presença de um homem, eu soube que a Atenah, convidava um atleta masculino pra competir junto. Você chegou a participar de alguma prova dessa?

F.M.- [Silêncio] Ai, tem tanto tempo... Eu não me lembro, mas acho que sim... Putz, não lembro que homem, se foi com o André... Ah, não lembro, mas acho que sim.

F.S.- Você acha que mudou alguma coisa na equipe, na presença desse homem?

F.M.- [Silêncio] Não. Mesma coisa.

F.S.- Mas com que tipo de formação você considera que a equipe teve mais sucesso? Só com mulheres?

F.M.- Ah, de todas sendo mulheres.

F.S.- Você sabe me dizer porque?

F.M.- Não, porque, como eu te expliquei, era mais ou menos equilibrado né, e cada uma era responsável por uma parte que era mais forte e... E... Como era muito as amigas assim, a **vibe** assim, era melhor entendeu?

F.S.- Entendi. Nessas provas, você percebeu alguma atitude ou discurso preconceituoso por parte das pessoas envolvidas na corrida de aventura, sobre a participação da Atenah nas provas? Por ser só de mulheres?

F.M.- Não, não existia preconceito não, acho que existia um pouco mais de... Ah... Como é que eu falo? Às vezes um pouco de inveja, assim, porque a gente conseguiu juntar quatro atletas fortes... Então... Algumas equipes masculinas falavam: Nossa todas... As quatro melhores brasileiras estão ali, então é... [riso]. Isso, mais ou menos, era uma sacanagem pra

eles, eles viam assim entendeu? De certa forma, os homens [riso]. E agente não, pra gente era uma coisa muito natural.

F.S.- Você sabe porque a Atenah parou de competir?

F.M.- Não. Ah, acho que a gente cansou né [risos], é muito difícil né?

F.S.- Porque você acha que é difícil?

F.M.- Ah, é um esporte que você tem que ter bastante dinheiro né? Pra poder... São vários esportes, é muita logística, são muitas horas de treinamento... A partir de um momento que você vai ficando maior, você tem... Você não tem muito tempo né? Quando você é mais jovem você tem também mais... É... Tem mais, é... A recuperação é muito mais rápida né, e a privação de sono eu acho que era o maior problema pra gente.

F.S.- Ah, entendi. Durante sua participação nas provas, quais eram suas maiores dificuldades, entre físicas, logísticas?

F.M. – Ah, era o sono mesmo.

F.S.- Você atribui alguma dificuldade específica por serem mulheres?

F.M.- Como? Repete pra mim.

F.S.- Você atribui alguma dificuldade, pelo fato de vocês serem mulheres, especificamente?

F.M.- [Silêncio] Uai, assim, ser mais fraca e menos veloz que os homens. Mas em relação à resistência a gente conseguia mais ou menos estar equilibradas com eles.

F.S.- Entendi. Sobre, especificamente, agora, a carreira esportiva na corrida de aventura. Como era sua rotina de treinamento?

F.M.- Antigamente?

F.S.- É. Pra corrida de aventura.

F.M.- Ah [silêncio] Deixa eu tentar lembrar... Acho que meus treinos era como de **triathlon**, né, de **bike** e corrida, só que em vez da natação era caiaque. Aí treinava os três esportes, sempre né, toda semana.

F.S.- Você dedicava-se a algumas outras atividades nesse período, como trabalho, estudo, família?

F.M.- Claro, normal.

F.S.- Você trabalha e estudava?

F.M.- Eu era advogada.

F.S.- E como que era essa conciliação entre a vida esportiva e a carreira?

F.M.- Eu treinava seis horas, cinco e meia da manhã, eu treinava **bike**. **Na hora do** almoço eu nadava. E à noite eu descansava e no outro dia eu corria à noite. Final de semana eu treinava caiaque e **mountain bike** assim mais longo.

F.S.- E sobre a vida afetiva, você tinha namorado, na época?

F.M. - Tinha.

F.S.- E como era essa conciliação do esporte com a vida afetiva?

F.M.- [Silêncio] Ufa, que eu já nem lembro. Eu acho que... Eu namorei o André né? Então, como ele corria também era mais fácil.

F.S.- Ah tá, o namorado também era do meio né?

F.M.- E vocês tinham patrocínio né?

F.M.- Aham [bocejo].

F.S.- Vocês tinham treinador? Com quem você treinava?

F.M.- A Cris Carvalho dava planilha.

F.S.- Ah tá. A pergunta é se você ainda compete. Eu sei que sim né, inclusive eu te acompanho. A sua carreira é muito bacana. Você já falou porque você parou de competir na corrida de aventura. Hoje você compete só na corrida de montanha?

F.M.- É.

F.S.- E você tem patrocínio?

F.M.- Sim.

F.S.- O patrocínio custeia todos os seus gastos?

F.M.- Sim.

F.S.- E você consegue viver do esporte hoje?

F.M.- Sim.

F.S.- Além de custear os gasto você ganha um dinheiro com isso?

F.M.- Sim.

F.S.- E o que você diria que, de fato, garante a permanência de mulheres na corrida de aventura?

F.M.- [Silêncio] Como é que é?

F.S.- O que você acha que garante vida longa das mulheres na corrida de aventura em

específico?

F.M.- [Silêncio] Eu acho que não garante não.

F.S.- [Riso] É difícil?

F.M.- É, eu acho que é muito... Não sei, hoje em dia eu vejo que é mais prejudicial né? Porque... Você tem que dormir né?

F.S.- Você voltaria a competir corrida de aventura?

F.M. – Não.

F.S.- Você gostaria de falar um pouco sobre suas passagens por equipes? Você chegou a competir com outras equipes né? Temporadas, competições? Se alguma coisa te marcou mais nesse período que você praticava corrida de aventura? Que você lembre?

F.M.- Ah, são as histórias que ficam né... Competi com Oskalunga, um tempo né, convivi várias histórias com eles, superlegais, com a Atenah também. Depois com uma equipe de Espanhóis. Então foram... Cada... Países também, cada lugar... São lugares incríveis assim. Então você fica tanto conhecendo o lugar, como também a pessoa né, que está ali convivendo ao seu lado.

F.S.- Tem alguma outra coisa que você gostaria de dizer, algum outro comentário ou depoimento que envolva os temas desta pesquisa e que não foram abordados nessa entrevista, no questionário?

F.M.- Ai, repete, por favor.

F.S.- Tem alguma outra coisa que você gostaria de dizer, que envolve o tema desta pesquisa e que eu não questioneei, assim?

F.M.- Como chama o título da sua pesquisa?

F.S.- É a trajetória da Equipe Atenah na corrida de aventura. Na linha dos estudos de gênero, estudos feministas né. Porque a gente sabe que as mulheres se inseriram no esporte, mas ainda são, muitas vezes, invisibilizadas, principalmente nos esportes de aventura. E a Equipe Atenah ela foi assim... Ela subverteu a ordem né, além das mulheres se inserirem num meio masculino, ainda fizeram uma equipe totalmente feminina [riso]. Tipo, dispensaram os homens né. Então, é nessa linha de pesquisa. Aí eu vou falar sobre a trajetória específica da Equipe Atenah na corrida de aventura.

F.M.- Ah, entendi. Não, muito bacana. Tá legal já. Muito legal mesmo.

F.S.- [Riso]. Fernanda, eu queria te agradecer, principalmente por você ter me atendido numa época tão, né, de encontro com a família, tão íntima e pessoal. E te parabenizar por toda sua carreira esportiva desde a corrida de aventura e, principalmente agora, que sei que você tem obtido muito sucesso. E se por acaso eu... Eu vou te mandar por e-mail e se você puder me devolver esse termo de consentimento. Se não der pra mandar assinado, de repente eu leio pra você e você me consente verbalmente.

F.M.- Claro, Ah, melhor [risos]. É porque eu nunca tenho computador e impressora [riso]. Difícil. Você não imagina a dificuldade que é.

F.S.- Você mora aonde lá na Espanha?

F.M.- Ah, moro numa Vila de quarenta habitantes.

F.S.- Qual o nome lá?

F.M.- Anserall, no meio de um vale, do lado de um rio.

F.S.- Legal. Então é isso mesmo. Depois eu leio o texto você me consente... Eu não estou com ele aqui agora, mas aí a gente faz isso verbalmente pra facilitar pra você, em uma outra ocasião.

F.M.- Então está ótimo. Obrigada você tá Fabiana. Beijo.

F.S.- Muito obrigada. Desculpe qualquer coisa. Beijo. Feliz Natal.

F.M.- Tchau.

[FINAL DA ENTREVISTA]